



PUC RIO

ANDRÉ MAURÍCIO LIMA BARRETO

A DIMENSÃO IMAGINÁRIA DO RISCO DE MORTE EM PRÁTICAS SEXUAIS
DESPROTEGIDAS ENTRE HOMENS HOMOEROTICAMENTE ORIENTADOS

TESE DE DOUTORADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Rio de Janeiro

27 de novembro de 1998

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea

CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil

<http://www.puc-rio.br>

N.Cham. 150 B273 TESE UC

Título A dimensão imaginária do risco de morte em práticas sexu



Ex.2 PUCB

0135516

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA



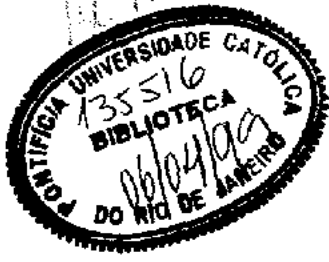
**A Dimensão Imaginária do Risco de Morte em Práticas Sexuais
Desprotegidas Entre Homens Homoeroticamente Orientados**

André Maurício Lima Barretto

Tese apresentada ao Departamento de Psicologia
da PUC-RJ como parte dos requisitos para
obtenção do título de Doutor em Psicologia,
orientada pela professora doutora Monique Rose
Aimée Augras.

RIO DE JANEIRO
1998

92144



150
B273
tese UC
ex. 2

AO JÚNIOR

No momento verdadeiramente decisivo, não há proteção nem garantia. Devemos assumir os riscos, e assumir os riscos quer dizer que somos responsáveis por nossas ações.

C. Castoriadis

AGRADECIMENTOS

Minha sincera gratidão e reconhecimento a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

Agradeço especialmente à Monique Augras, pelos ensinamentos, pela orientação séria e competente, pelo respeito e pela amizade, cuja presença sempre constante suscitou respostas e incentivou o desenvolvimento de minhas atividades acadêmicas.

Agradeço também à PUC- RJ e às professoras Ana Maria Nicolaci-da-Costa, Anamaria Ribeiro Coutinho, Ester Arantes e Maria Euchares Sena Mota, em cujos cursos pude ampliar meus conhecimentos sobre o homem na sociedade e extrair valiosas lições que só enriqueceram a elaboração e realização de meu trabalho.

À Marise e Verinha pela presença eficiente e prestativa na Secretaria da Pós-Graduação do Departamento de Psicologia da PUC-RJ.

À CAPES, pela concessão da Bolsa de Estudos.

À Universidade Federal do Pará e aos colegas professores do Departamento de Psicologia Clínica, que desde o início apoiaram meu ingresso no Curso de Doutorado em Psicologia Clínica da PUC-RJ.

Aos entrevistados, que gentilmente concordaram em compartilhar comigo relatos importantes de suas vidas, sem os quais certamente este trabalho não teria sido concretizado.

Sou imensamente grato à minha mãe Isabel e aos meus irmãos Cristina, Orlando, Marcelo e Carlos, pelo apoio constante, pelos incentivos solidários e pelo carinho demonstrado ao longo desta etapa tão importante de minha trajetória acadêmica.

Agradeço ainda a Sérgio Carrara, pelas agradáveis e valiosas conversas informais nas quais delinearam-se idéias, surgiram indicações de textos, trocou-se experiências.

Minha gratidão estende-se à Zelia Villar, com quem tenho tido a interlocução especial na qual venho encontrando através da reflexão, as condições para descobrir novas possibilidades de ver e sentir a própria vida.

A cada um que a seu modo e a seu tempo contribuiu amigavelmente com sugestões, incentivando e apoiando a reutilização do trabalho. Renovo meus agradecimentos à Ana Rebouças, Bebeto Abrantes, Léa Nunes, Marta Rezende Cardoso, Sílvia Ramos, Maurício Castello Branco, Natalie Nery, Numa Ciro.

RESUMO: Este trabalho pretendeu investigar a participação do imaginário em práticas arriscadas, especificamente nas interações sexuais entre homens homoeroticamente orientados. Julgou-se relevante tentar compreender porque indivíduos adultos, com nível de escolaridade universitária, sabedores dos modos de prevenção anti-AIDS, não se protegiam adequadamente do vírus transmissor da doença. No estudo da questão adotou-se a perspectiva do pensamento de C. Castoriadis, particularmente no que se refere ao papel do imaginário na construção da subjetividade, expressivo da tensão constituinte do indivíduo, que opõe de um lado a psique e de outro a sociedade. Trabalhou-se com relatos de vida de 14 (quatorze) sujeitos, cuja análise indicou uma forte presença de construções imaginárias, associadas à exposição ao perigo, de um modo que o desejo sexual, moldado pelo imaginário individual, acaba por ultrapassar as recomendações preventivas, fundamentadas na pesquisa epidemiológica.

RESUME: L'objectif de ce travail était de faire une recherche sur la participation de l'imaginaire au sein des pratiques risquées. Plus spécialement dans les interaction sexuelles entre hommes homo-érotiquement orientés. Il s'est révélé important de comprendre pourquoi des adultes, avec un niveau de scolarité universitaire, connaissant fort bien les moyens de prévention contre le SIDA, ne se protégeaient pas de ce même virus de manière adéquate. Durant l'étude de cette question, ont été adoptées la pensée et la perspective de C. Castoriadis, tout particulièrement en ce qui concerne le rôle de l'imaginaire dans la tension, constituant de l'individu, et qui oppose d'un côté la psyché et d'un autre la société. Ce travail s'est fait à partir de témoignages sur la vie de quatorze individus, dont l'analyse indiqua une forte présence de constructions imaginaires, associées à l'exposition au danger, de manière à ce que le désir sexuel, construit par l'imaginaire individuel, finit par dépasser les recommandations préventives, fondées sur les recherches épidémiologiques.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	8
2 - O TEMA	10
2.1 - A ATRAÇÃO PELO PERIGO : ABRANGÊNCIA DO FENÔMENO...	10
2.2 - O PERIGO DE MORTE PRESENTE NAS RELAÇÕES SEXUAIS: A AIDS.....	11
2.3 - DELIMITAÇÃO DO OBJETO DA PESQUISA.....	13
2.4 - OBJETIVOS DA PESQUISA	16
3 - METODOLOGIA	18
3.1 - A ABORDAGEM BIOGRÁFICA OU HISTÓRIA DE VIDA.....	18
3.2 - OS SUJEITOS.....	20
3.3 - AS ENTREVISTAS.....	21
4 - O IMAGINÁRIO RADICAL COMO FATOR PREPONDERANTE NA CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE, DA HISTÓRIA E DO INDIVÍDUO NA CONCEPÇÃO DE CORNELIUS CASTORIADIS..	24
4.1 - A PERSPECTIVA GERAL DE ANÁLISE : UM MODO DE REFLETIR SOBRE O HUMANO A PARTIR DO HUMANO.....	26
4.2 - AS CATEGORIAS DA VERTENTE SOCIAL DO PENSAMENTO DE CASTORIADIS : AS SIGNIFICAÇÕES IMAGINÁRIAS SOCIAIS E AS INSTITUIÇÕES, NO DOMÍNIO DO SOCIAL-HISTÓRICO.....	31
4.2.1 - Interrelações do Simbólico e do Imaginário.....	32
4.3 - O INDIVÍDUO COMO INSTITUIÇÃO SOCIAL.....	35

4.4 - A OUTRA VERTENTE : A FABRICAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DO INDIVÍDUO COMO UM PROCESSO DE TENSÃO INTERATIVA ENTRE A PSIQUE E A INSTITUIÇÃO DA SOCIEDADE.....	38
4.4.1 - A dimensão ontológica da psique : a figura monádica.....	39
4.4.2 - A ruptura da mônada psíquica e o surgimento do outro.....	41
4.4.3 - A constituição da realidade.....	51
4.4.4 - A sublimação como uma interface entre o mundo privado e o mundo público.....	55
4.5 - A QUESTÃO DA AUTONOMIA INDIVIDUAL.....	57
5 - A ORGANIZAÇÃO E CATEGORIZAÇÃO DO MATERIAL.....	62
6 - OS NÚCLEOS TEMÁTICOS.....	65
6.1 - O IMPACTO DO SURGIMENTO DA AIDS E AS PRIMEIRAS REAÇÕES.....	65
6.2 - O SURGIMENTO DO DESEJO HOMOERÓTICO, A ASSUNÇÃO DE UMA PREFERÊNCIA SEXUAL E A CONSTRUÇÃO DA AUTO-IMAGEM.....	88
6.3 - OS ESTILOS DE VIDA AMOROSA E SEXUAL E A EXPOSIÇÃO AO PERIGO.....	140
CONCLUSÃO.....	203
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	210
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	212

1 – INTRODUÇÃO

O interesse em compreender a questão da exposição deliberada ao perigo, surgiu a partir do momento no qual constatou-se que através da simples lógica formal-dedutiva, não seria possível obter as respostas pertinentes.

Logo foi percebido, que o envolvimento com situações perigosas não decorria de um forma de racionalidade que prevê os riscos de danos objetivos ou subjetivos, avalia conseqüências, ou calcula os efeitos de determinados comportamentos.

A formulação da questão que é objeto deste trabalho, indicou a necessidade de se procurar as respostas num outro registro, numa outra dimensão do sujeito, cujas características pudessem ajudar a pensar o porquê de certas pessoas não se afastarem de fatores de alto risco, sabendo como evitá-los.

Buscou-se então um sistema teórico cuja concepção da subjetividade privilegiasse este domínio outro que escapa ao racional, sem com isso desprezá-lo completamente. Uma construção que também não transformasse o sujeito em uma interioridade auto-suficiente, submetido a forças internas, cuja relação com a sociedade e a história seria apenas indireta.

Em outras palavras, importava encontrar uma visão consistente do homem e do indivíduo, na qual a psique e o social-histórico fossem considerados, articulados e integrados como seus elementos constitutivos.

Portanto, optou-se em fundamentar teoricamente a pesquisa aqui desenvolvida, através do pensamento de Cornelius Castoriadis, a quem a História da Filosofia deve a proposição na qual a imaginação, enquanto criação incessante, enraizada no social-histórico, constitui o princípio fundador do que chamamos de “*realidade*” e de “*racionalidade*”.

Segundo o referido autor, a principal característica humana, diferentemente dos demais seres vivos é a capacidade de **criar**.

E criar consiste nessa possibilidade de transcender pré-determinações de qualquer tipo, de gerar determinações outras, fazendo ser o que antes não existia.

A imaginação criadora e não a racionalidade, tornou-se então o referencial teórico utilizado para iluminar o campo demarcado pela pesquisa realizada.

Na primeira parte deste trabalho, destaca-se a formulação e delimitação da questão analisada ao longo da pesquisa, ressaltando-se sua abrangência e objetivos. Na Segunda, descreve-se e justifica-se a metodologia adotada, os procedimentos realizados quanto a seleção dos sujeitos e a execução das entrevistas. Posteriormente, objetivou-se sintetizar alguns dos conceitos fundamentais desenvolvidos por C. Castoriadis, procurando-se enfatizar aqueles mais diretamente relacionados a temática deste trabalho e descreve-se o modo como foram organizados e tratados os dados da pesquisa. Seguem-se as análises das entrevistas de acordo com a classificação em núcleos temáticos, acompanhadas de sínteses interpretativas, e finalmente, apresentam-se as conclusões da pesquisa, as referências bibliográficas e a bibliografia consultada.

2 - O TEMA

2.1 - A ATRAÇÃO PELO PERIGO: ABRANGÊNCIA DO FENÔMENO

O tema que se propõe estudar aqui é o da significação que o perigo pode assumir entre certos seres humanos.

Parte-se da idéia de que envolver-se em situações perigosas, passíveis de danos objetivos ou subjetivos à indivíduos ou grupos, mesmo sabendo como evitá-las, é mais corriqueiro e comum do que se poderia inicialmente pensar. Expor-se ao risco em graus variáveis e de diferentes formas talvez seja muito mais que apenas uma predileção passageira. Haveria uma tendência inerente à subjetividade do homem de ultrapassar as fronteiras da segurança e da proteção e passar ao campo perigoso do risco. Como se houvesse uma intenção "*irracional*" nem sempre deliberada conscientemente, de caminhar no fio da navalha. De estar de modos diferentes, em graus variados, na beira do abismo.

Livres de qualquer coerção indivíduos praticam atividades cujas conseqüências podem levar até a sua própria morte. Mesmo assim, informados e capazes de evitar tais situações, persistem em agir de modo arriscado.

Alguns submetem-se a um longo e penoso treinamento visando justamente enfrentar e vencer o perigo. No mundo do esporte há diversas modalidades cuja prática pode trazer elevados níveis de perigo, inclusive a morte. É o caso do

automobilismo, do pára-quedismo, do montanhismo. Uma falha por menor que seja pode ser paga com a própria vida.

Os policiais, os militares mercenários, os pilotos de aviação acrobática são outros exemplos nos quais o risco é tão inerente ao desempenho de suas atividades quanto a preparação especializada, que quando conjugada com a utilização de recursos tecnológicos pode controlar e reduzir as possibilidades de danos, embora não as elimine totalmente.

Outros adotam um comportamento de risco sobre o qual nenhuma influência significativa é exercida pelo treinamento anterior ou pelo desenvolvimento da tecnologia, como se pode observar entre os fumantes crônicos ou os motoristas que dirigem embriagados, por exemplo.

Enquanto os primeiros através do treinamento e do avanço tecnológico obtêm maior grau de segurança e controle, os outros defrontam-se diretamente com o perigo expondo-se sem proteção alguma.

Contudo, o mais intrigante é o fato de serem situações facilmente contornáveis já que os indivíduos envolvidos estão informados das maneiras de se proteger e detém os recursos para fazê-lo.

2.2 - O PERIGO DE MORTE PRESENTE NAS RELAÇÕES SEXUAIS: A AIDS (SÍNDROME DA IMUNODEFICIÊNCIA ADQUIRIDA)

Com a descoberta do HIV - o vírus causador da falência do sistema imunológico do organismo humano - e da identificação dos canais específicos de transmissão, abriu-se diante de nós a mais recente e amedrontadora imagem do perigo vinculado a uma das dimensões fundamentais da vida humana : a sexualidade.

Com o surgimento da AIDS, uma doença letal para a qual até agora não existe vacina nem cura, uma nova e abrangente ameaça de morte vinculou-se à

prática sexual. Ao prazer de se fazer sexo, somou-se a possibilidade de contaminação e morte em larga escala.

Hoje não há mais dúvida que se trata de uma epidemia de alcance mundial. Uma pandemia em linguagem epidemiológica. Um problema que matou e continuará matando muita gente.

Em que pese os múltiplos avanços científicos no tratamento da AIDS, ou a ampliação da qualidade e tempo de vida dos portadores do HIV, não se pode negar que a infecção é uma doença crônica que afeta seriamente o sistema imunológico do organismo humano, podendo evoluir até a síndrome clínica, trazendo inúmeras complicações, inclusive a morte.

Está-se longe da época em que se acreditava que era uma doença restrita apenas aos chamados "*grupos de risco*", como homossexuais masculinos, viciados em drogas injetáveis e hemofílicos.

Sabe-se que o vírus causador da AIDS é transmitido através do sangue, espermatozoides ou secreção vaginal contaminados. Tais veículos ligados a comportamentos e atitudes essenciais à manutenção da vida, à reprodução biológica e ao prazer, podem por isso desencadear a infecção em homens ou mulheres de qualquer idade ou posição social.

A contaminação por via sexual ocorre em função do tipo de prática sexual realizada, independente da identidade que os parceiros possuam. Qualquer um pode ficar contaminado bastando para isso que o vírus penetre o organismo instalando-se na corrente sanguínea através de um dos veículos já conhecidos.

Campanhas de esclarecimento e prevenção começaram a ser veiculadas. Popularizou-se o uso do preservativo como a forma mais eficiente de proteção em relações sexuais que envolvam qualquer um desses canais de transmissão do HIV.

A ignorância e a impotência diante dessa epidemia que surpreendeu o mundo no final do século XX, cedeu lugar a difusão de informações que tem alcançado faixas cada vez mais amplas da população no Brasil e no mundo.

2.3 - DELIMITAÇÃO DO OBJETO DA PESQUISA

Expor-se voluntariamente à algum tipo de perigo é algo próprio dos seres humanos e até certo ponto inevitável, pois correr riscos em certa medida certamente é um dos fatores responsáveis pelas conquistas que a humanidade já alcançou em inúmeros campos do conhecimento. As grandes e pequenas mudanças do homem em todas as épocas, não teriam sido possíveis se os limites da segurança não tivessem sido ultrapassados de alguma forma. Viver estaria diretamente associado a riscos. Ao ultrapassar limites estabelecidos o homem acabaria ampliando o campo de possibilidades de suas realizações, reagindo a tendência à acomodação e à alienação.

Por outro lado, praticar a sexualidade - uma das principais dimensões do viver humano - está também, pelo menos por enquanto, ligada a possibilidade de desencadear e acelerar o processo em direção à morte, caso algumas medidas preventivas não sejam assimiladas.

As relações sexuais entre homens e mulheres ou entre homens, envolvem um certo grau de perigo à manutenção da vida dos indivíduos, que é inegável nos dias atuais. Não resta a menor dúvida que relações sexuais desprotegidas trazem elevados níveis de perigo para os parceiros, especialmente os decorrentes da infecção pelo HIV, bem como, as demais consequências extremamente dolorosas para as vítimas da doença, seus familiares e amigos.

Embora as pesquisas tenham indicado mudanças nos índices de prevalência da AIDS e na sua distribuição na população como um todo,

modificando-se o perfil inicialmente traçado, ainda hoje para os homens que amam e fazem sexo com outros homens, o HIV é uma questão a ser enfrentada.

Tanto porque a maioria dos casos continua a ocorrer neste grupo, quanto pelo fato de que ainda nele não se criou e estabilizou uma atitude realmente preventiva.

PARKER (1994: 145), no estudo sobre práticas homossexuais e bissexuais e a consciência da AIDS no país, conclui mostrando

“... que ocorreu ao menos alguma mudança de comportamento na população homossexual e bissexual no Brasil (...) em inúmeros aspectos, essa mudança de comportamento foi limitada e que as vidas de muitos informantes continuam caracterizadas por índices significativos de comportamento de alto risco. Portanto a conclusão mais clara da pesquisa é a necessidade urgente de programas de promoção de saúde direcionados aos homossexuais e bissexuais em todo o país”.

Importa observar que detectar no grupo considerado um significativo grau de exposição ao perigo, no que se refere às possibilidades de contaminação pelo HIV, não quer dizer que os demais grupos de diferentes orientações sexuais estejam a salvo do HIV. Homens e mulheres em todo o mundo podem abrigar em seu organismo o vírus caso exponham-se ao esperma, sangue ou secreção vaginal contaminados.

Ressalte-se que a incidência de AIDS constatada entre esses homens, não pode servir de base para atribuir-lhes uma uniformidade como se tratasse de um grupo homogêneo, com as mesmas características psíquicas, sexuais ou sociais. Inferir dos dados estatísticos epidemiológicos, uma especial predileção ou volúpia perigosa como se o desejo homoerótico fosse universalmente vinculado ao risco, não encontraria eco na literatura especializada.

Primeiro porque a homossexualidade - essa “disposição para buscar prazer sensorial através do contato corporal com pessoas do mesmo sexo, preferindo-o ao contato com o outro sexo” (DOVER, 1994: 13) - é tão complexa quanto os inúmeros estilos de vida sexual, cujo significado varia de

indivíduo para indivíduo, de grupo para grupo, de sociedade para sociedade, nas diferentes culturas e tempos históricos. (ARIÉS, 1987; BADINTER, 1993; BREMER, 1995; DOVER, 1994; FRY, 1985; FREIRE COSTA, 1994; MC RAE, 1990; SPENCER, 1995; SULLIVAN, 1996).

“ É superficial lembrar, por exemplo, que a homossexualidade existiu em todas as sociedades humanas - e esquecer que ela foi a cada vez algo socialmente definido : um desvio marginal tolerado, ou desprezado, ou sancionado; um hábito valorizado, institucionalizado, possuindo uma função social positiva; um vício amplamente difundido; e que é hoje - o que na verdade ?”. (CASTORIADIS, 1991: 118)

Segundo porque a representação do perigo, está associada à práticas extremamente diversificadas, não havendo nenhuma relação de causa e efeito entre a atividade sexual homoerótica e uma suposta preferência pelo perigo.

Se houvesse alguma relação determinante entre uma e outra, não teriam havido variações na história do homoerotismo e a atual distribuição da incidência do HIV seria constante.

Todavia é inegável a presença de variados graus e formas de risco nas relações homoeróticas masculinas, já identificada por pesquisadores que, por exemplo, atuaram no campo da chamada prostituição viril. (PERLONGHER, 1986; S. SILVA, 1993; TERTO JUNIOR, 1989) Em algumas das interações homoeróticas o perigo é perfeitamente previsível, numa margem de risco que vai da chantagem, até a alta frequência de relações sexuais sem proteção com vários parceiros, passando pela ocorrência de roubo, assalto e até assassinato.

“ No meio homossexual paulistano, esta tentação pelo abismo costuma aparecer sob a forma de um gosto pelo perigo, que conduz alguns pederastas, senão a certo gozo másoquista, a uma intensificação das pulsões investidas na transação, condensada na equação terror-gozo”. (PERLONGHER, 1986: 221)

Neste trabalho tentar-se-á compreender uma das formas típicas de arriscar-se, que é aquela vinculada à prática sexual entre homens, considerando o modo como cada um representa a si mesmo, sua vida, sua história, seu mundo.

- O que representa a AIDS para os homens homoeroticamente orientados?
- Como repercutiu a AIDS em suas vidas?
- A possibilidade de contaminação é considerada em suas relações sexuais?
- Porque determinados homens que fazem sexo e amam outros homens não se protegem adequadamente em suas relações sexuais?
- Tratar-se-ia de um desejo, de uma escolha, de expor-se voluntariamente à um perigo?
- Qual a finalidade da exposição deliberada ao risco?

Para se tentar responder essas questões, optou-se por uma pesquisa que valorizasse a palavra daqueles que estão diretamente inseridos nessa realidade e portanto em condições de fornecer os subsídios para a reflexão das questões colocadas, delimitando-se, como objeto da pesquisa "*A AIDS e suas implicações nas relações entre homens homoeroticamente orientados*".

2.4 - OBJETIVOS DA PESQUISA

Focalizar a valorização atribuída ao HIV na subjetividade de indivíduos masculinos homoeroticamente orientados, buscando detectar o modo de cada um significar a AIDS, suas repercussões objetivas e subjetivas e as respostas dadas ao fenômeno.

Assim, não estão em questão o sentido epidemiológico, os avanços e retrocessos da pesquisa da AIDS, mas seu significado subjetivo, suas interrelações com outros temas associados e priorizados pelos sujeitos.

Importa saber as conexões significantes estabelecidas no imaginário do grupo, suas ramificações relativas aos diversos aspectos da vida de relação dos

sujeitos, na tentativa de compreender as questões implicadas na aproximação ao perigo, representado aqui pelo HIV.

Identificar a maneira pela qual cada um respondeu à essa realidade ameaçadora, definindo os contornos das significações imaginárias explícitas ou implícitas detectadas no discurso de cada um, visando compor um quadro geral do grupo de sujeitos que integraram a pesquisa.

Refletir sobre uma modalidade de se enfrentar o perigo, de significá-lo, de compreender a importância da exposição ao risco de morte, tal como representada no imaginário individual dos sujeitos.

É, em suma, uma tentativa de captar, no discurso dos sujeitos, uma certa tensão entre as representações instituídas que tratam do sexo seguro e as que acabam por predominar no psiquismo individual levando à adoção de práticas sexuais arriscadas.

Prefere-se utilizar a expressão "*homoeroticamente orientados*" para designar os homens que buscam e realizam gratificação sexual e emocional com homens considerando que o termo "*homossexual*" está carregado de sentido preconceituoso apesar de sua aparente neutralidade descritiva.

Concorda-se plenamente em substituir o termo "*homossexualismo*" por *homoerotismo*, pelas razões apresentadas por FREIRE COSTA (1992: 21-22) o qual conceitua-o como referido

"meramente à possibilidade que tem certos sujeitos de sentir diversos tipos de atração erótica ou de se relacionar fisicamente de diversas maneiras com outros do mesmo sexo biológico. Em outras palavras, o homem homoeroticamente inclinado não é, como facilmente acreditamos, alguém que possui um traço ou conjunto de traços psíquicos que determinariam a inevitável e necessária expressão da sexualidade homoerótica em quem quer que os possuísse. A particularidade do homoerotismo não se deve à pretensa uniformidade psíquica da estrutura do desejo comum a todos os homossexuais; deve-se, sugiro, ao fato de ser uma experiência subjetiva moralmente desaprovada pelo ideal sexual da maioria".

3 - METODOLOGIA.

3.1 - A ABORDAGEM BIOGRÁFICA OU HISTÓRIA DE VIDA

A investigação realizada enquadra-se na categoria das pesquisas qualitativas.

O termo designa as pesquisas que não pretendem transformar os dados obtidos em valores numéricos. Em vez disso optou-se por uma abordagem na qual os dados são colhidos através de entrevistas, e os sujeitos podem expressar-se de modo mais livre do que aquele dirigido pelo preenchimento de questionários ou de uma pauta rígida a ser observada.

Tendo em vista, que os relatos de vida colhidos foram considerados produções individuais, e nesta medida representam uma maneira particular de construir uma imagem de si e do mundo a partir de uma experiência do sujeito no mundo, os discursos dos entrevistados foram analisados sem haver a preocupação de se verificar a respectiva veracidade ou falsidade dos mesmos.

As inúmeras concepções de análise de discurso variam de acordo com os diferentes objetivos propostos. Conforme artigo de NICOLACI-DA-COSTA

(1994: 325), aqui eles foram examinados "sem o objetivo específico de ganhar conhecimento sobre a natureza do fenômeno lingüístico per se".

Considerou-se a abordagem biográfica a melhor maneira de se trabalhar as questões da pesquisa considerando duas razões principais.

A primeira é a que decorre dos objetivos traçados.

Tratando-se de tema que envolve o âmbito privado da vida dos sujeitos preferiu-se dar-lhes a possibilidade de se expressar livremente sem o monitoramento de perguntas previamente formuladas, embora houvesse uma primeira questão já elaborada, sinalizando o tema específico da pesquisa.

Tentou-se manter as entrevistas num clima cordial, descontraído, através do qual os sujeitos pudessem sentir-se encorajados a falar da história de suas vidas, tendo por interlocutor alguém interessado em escutá-los, referenciado pelas questões da pesquisa.

Mostraram-se valiosas as contribuições de NICOLACI-DA-COSTA (1989), ao refletir sobre as "Questões Metodológicas Sobre Análise de Discurso" para a tomada de decisões acerca do planejamento básico das entrevistas.

Ressalte-se que apesar de não estarem rigidamente estruturadas, considerou-se útil formular um roteiro mínimo a ser seguido nas entrevistas, para o caso de algum entrevistado não tocar, espontaneamente, em algum aspecto de interesse da pesquisa.

Assim, falando de maneira mais descontraída, os sujeitos tiveram a possibilidade de se estender sobre pontos conectados à temática principal através de categorias e critérios exclusivamente pessoais, permanecendo nos limites de seu próprio imaginário.

Por outro lado, o pesquisador tentou reconduzir a entrevista quando ela, em alguns momentos, se afastou dos objetivos estabelecidos.

Desse modo, a maneira singular do sujeito conceber o assunto pesquisado pôde fluir mais facilmente em sua fala, permitindo identificar-se com mais nitidez as nuances individuais.

A segunda razão, é consequência do enfoque teórico adotado. A concepção baseada no princípio de que a subjetividade é construída na tensão de um processo no qual estão colocados de um lado a psique e de outro a sociedade, fez com que a linguagem entendida como produto social fosse considerada, ao mesmo tempo, como um espaço de emergência do sujeito e, portanto, um objeto privilegiado de análise. Um ponto de interseção entre o indivíduo e a sociedade na qual está inserido.

Neste sentido, o discurso pronunciado revela a maneira pela qual cada um organizou suas representações acerca, não só, do tema específico, mas principalmente, suas concepções do mundo e de si próprio, cuja significação não se reduz ao sentido semântico, a relação entre o significante e o significado, mas também, no encadeamento de significados presentes no fluxo relativamente livre de sua falas.

Portanto, no encontro com o pesquisador, num diálogo semi dirigido, no qual os entrevistados pudessem expressar-se sem a preocupação de articular um discurso de acordo com regras externas, preestabelecidas, criou-se as condições favoráveis para que o estilo pessoal de se manifestar pudesse surgir, de acordo com as conexões significativas de cada um.

3.2 - OS SUJEITOS

Os sujeitos selecionados pertencem à classe média da chamada zona sul carioca, tem nível de instrução universitário e relacionam-se afetiva e sexualmente com outros homens.

Em todos os depoimentos, percebe-se facilmente um forte interesse quanto à expansão profissional e pessoal, revelando um alto nível de disposição para que novos e importantes desafios sejam enfrentados ao longo de suas vidas.

Considera-se a classe socio-econômica e o nível de escolaridade indicativos da facilidade de acesso às informações sobre o surgimento do HIV/AIDS.

O recrutamento foi feito através de redes de amizade ou de indicações de pessoas já entrevistadas, visando-se com isso facilitar sua localização, aumentar a confiabilidade inicial no pesquisador e favorecer a sinceridade nas entrevistas.

Todos são ativos sexualmente desde os anos 80, período no qual a AIDS surgiu no Brasil.

3.3 - AS ENTREVISTAS

Três entrevistas iniciais foram realizadas, sem gravador, com vistas a colher subsídios para se decidir quanto:

- a utilização ou não de gravador;
- a elaboração de um roteiro mínimo;
- a receptividade da pesquisa entre os sujeitos recrutados.

Concluiu-se que utilizar o gravador seria necessário para se registrar com autenticidade o decorrer das entrevistas, permitindo uma estabilização do material e aumentando as possibilidades de se recortar posteriormente, os discursos de acordo com as categorias previamente construídas no roteiro mínimo.

O roteiro mínimo surgiu a partir do momento em que se constatou a tendência dos entrevistados em abordar constantemente alguns temas, através dos quais relatavam suas histórias de vida, tornando possível classificá-los da seguinte maneira:

- a representação da AIDS;
- o surgimento do desejo homoerótico;
- a representação do homoerotismo;
- implicações na sociedade e na família;
- a vida amorosa e sexual.

A preocupação do pesquisador foi de contribuir para a preservação de um clima informal e o mais possível próximo das características de uma conversa amistosa e cotidiana, embora os objetivos da pesquisa tenham sido claramente explicitados ao entrevistado logo no início da entrevista.

Todas as entrevistas partiam de uma mesma questão, que era a de saber qual teria sido o impacto, a repercussão na vida dos sujeitos, do surgimento do HIV, e como cada um reagiu a partir do momento que tomaram conhecimento da existência do vírus e das formas de transmissão.

Os sujeitos partiam desse ponto expressando sua maneira de ver e sentir a AIDS no contexto de suas relações sociais, afetivas e sexuais, presentes e passadas, recontando trechos importantes da história de suas vidas relacionados às suas experiências homoeróticas e até suas expectativas quanto ao futuro.

As entrevistas foram realizadas na casa do pesquisador, em ambiente propício a manutenção de privacidade e discrição no sentido de favorecer a espontaneidade e reduzir algum eventual constrangimento do entrevistado, tendo em vista o objetivo da entrevista envolver a intimidade dos sujeitos.

Não foi observado, nem mencionado algum obstáculo quanto a utilização de gravador no decorrer das entrevistas, cuja duração foi em média de 02 (duas) horas.

Foi assegurado aos entrevistados que suas identidades não seriam reveladas não só por razões éticas, como também, pela irrelevância de tal dado.

As entrevistas fluíram num ritmo ininterrupto, não sendo observado nem mencionado qualquer constrangimento ou bloqueio que viesse impedir ou

atrapalhar a consecução dos objetivos definidos na pesquisa. Ao contrário, os sujeitos colaboraram de bom grado em participar da pesquisa, expondo com nitidez seus pontos de vista referenciados em sua experiência pessoal, o que de certa forma representou para o pesquisador uma espécie de surpresa, considerando-se o caráter privado dos pontos abordados.

Todas as fitas gravadas foram transcritas, registrando-se integralmente o seu desenrolar, inclusive as características da fala de cada entrevistado, excetuando-se sotaques ou pronúncias, mantendo-se suas vacilações, e o tom coloquial.

4 - O IMAGINÁRIO RADICAL COMO FATOR PREPONDERANTE NA CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE, DA HISTÓRIA E DO INDIVÍDUO, NA CONCEPÇÃO DE CORNELIUS CASTORIADIS

**“ O conhecer e o agir humano são, portanto, indissociavelmente, psíquicos e social-históricos. Esses dois pólos, a psique e a sociedade não podem existir um sem o outro, e não são redutíveis um ao outro”.
(CASTORIADIS, 1992: 92)**

Neste tópico, tentar-se-á resumir o pensamento de Castoriadis, abordando os conceitos aqui considerados fundamentais para que se tenha dele uma visão panorâmica.

Em seguida, serão selecionados alguns aspectos teóricos que são vistos como os mais adequados para se pensar a questão formulada na pesquisa, seus objetivos e especificidades contextuais abordando tanto as diferenças individuais, quanto os elementos constantes do grupo pesquisado.

Trata-se de tarefa extremamente difícil, considerando que o referido autor desenvolveu ao longo de sua produção intelectual, um modo de pensar que por não ser linear e evolutivo, não é de fácil enquadramento em esquemas preconcebidos.

Na verdade trata-se uma tentativa inteiramente nova e original de pensar o ser humano em sua dimensão própria e essencial, através de um percurso no qual

são problematizados e discutidos vários temas aparentemente distanciados um do outro, como se não houvesse uma única direção a seguir neste trabalho de elucidação.

A psicanálise, a cultura, a sociedade, a história, a linguagem, o racismo, o marxismo, a psique, a ciência, a política, a filosofia, são alguns dos assuntos examinados no curso de um pensamento que leva seus leitores à aventura de percorrer os complexos meandros de um labirinto intelectual.

Uma trajetória cuja dinâmica é enriquecida pela apresentação de categorias que embora radicalmente diferentes e opostas, ao invés de se excluírem mutuamente, mantêm uma relação de complementaridade, salvaguardando assim a possibilidade das multiplicidades humanas serem compreendidas em outras bases.

Releva-se aqui a postulação na qual o psiquismo está imbricado ao social-histórico através do imaginário radical, delineando uma concepção do sujeito livre da determinidade, seja ela regida por fatores internos, seja por fatores externos.

Uma vasta e densa formação filosófica perceptível na leitura de suas obras, é certamente o fator no qual estão assentadas tanto a originalidade quanto a consistência de suas elaborações.

O brilho de sua concepção e a força persuasiva de seus argumentos decorrem, deste ponto de vista, do restabelecimento da importância do imaginário como um conceito imprescindível para se pensar as questões humanas, seja no nível individual, seja no coletivo.

O recorte realizado pretende expor a articulação entre as duas vertentes nas quais se concentra a posição do autor: a do imaginário social como produtor das significações e das instituições e a da psique face às instituições sociais.

4.1 - A PERSPECTIVA GERAL DE ANÁLISE: UM MODO DE REFLETIR SOBRE O HUMANO A PARTIR DO HUMANO

Os conceitos do social-histórico e da psique, caracterizados como indissociáveis, ocupam uma importância fundamental no pensamento de Castoriadis. Começemos focalizando o social-histórico, para mais adiante tratarmos da psique.

Primeiramente é preciso dizer, que através do social-histórico revela-se a interrelação entre campos de conhecimento, tradicionalmente postulados como separados e distintos, dirigidos por uma concepção na qual os fenômenos humanos são compreendidos por meio do estabelecimento de relações de causa e efeito.

Nesta perspectiva a ação humana quando considerada individual ou socialmente, é sempre resultante de fatores separados e determinados, sejam eles de natureza social, histórica ou psicológica.

Não seria exagero afirmar que o social-histórico representa o rompimento com toda uma tradição do pensamento ocidental, baseada numa lógica chamada pelo autor de "*conjuntista identitária*".

Essa lógica, dominante na história da Filosofia Ocidental, teria interpretado o homem e seus temas como qualquer coisa submetida a regras de funcionamento, reguladas por leis gerais e/ou específicas, pela determinidade.

Ao longo de 20 (vinte) séculos, a tese de que todo o ser é ser determinado, alcançou uma posição considerada canônica, institucionalizada no Ocidente como necessária e suficiente para se fazer frente aos problemas colocados pela ciência moderna, ao longo de seu desenvolvimento.

Poder-se-ia dizer que tudo o que sabemos de nós, seria o resultado desse movimento que estabeleceu como princípio organizador, a determinação e suas

implicações, transformando a busca das causas, dos motivos, das funções, das estruturas, na razão de ser de tudo o que se conhece.

O conhecimento, portanto, estaria atrelado à uma visão da racionalidade que visaria apreender o objeto através da formulação de leis, do estabelecimento de relações de causa e efeito, da identificação dos motivos, de fatores que enfim, funcionariam como determinantes para o surgimento dos fenômenos estudados.

“ A determinidade leva à negação do tempo, à atemporalidade: se algo está verdadeiramente determinado, está determinado desde sempre e para sempre. Se algo se modifica, os modos de sua mudança e as formas que essa mudança pode produzir já estão determinados. Os ‘acontecimentos’ não são, então, nada mais que a realização de leis, e a ‘história’ nada mais que o desdobramento, ao longo de uma quarta dimensão, de uma ‘sucessão’ que não passa de uma simples coexistência para um Espírito Absoluto (ou para a teoria científica acabada)”. (CASTORIADIS, 1987: 226)

Para o referido autor, o ser humano não está sob o domínio de leis e regras que determinam o seu agir e o seu pensar de modo rígido, mecânico, previsível, conforme citação acima,

Seu campo próprio é do social-histórico, conceituado da seguinte forma :

“ O mundo social-histórico é o mundo de sentidos - de significações - e de sentido efetivo, mundo que não pode ser pensado como uma simples ‘idealidade visada’. É um mundo que deve ser sustentado por formas instituídas, e que penetra até o âmago do psiquismo humano, modelando-o de forma decisiva, na quase totalidade de suas manifestações identificáveis”. (CASTORIADIS, 1992: 56)

Portanto, para que um fato humano seja pensado como pertencente ao sócio-histórico, basta que ele resulte da efetividade de uma significação, a qual varia de sociedade para sociedade e se transforma no decurso da sucessão histórica.

No pensamento de Castoriadis é o imaginário social que cria novas significações e, por conseguinte, novas determinações no campo social-histórico.

A sociedade e a história são elucidadas, a partir da tentativa de se responder algumas questões fundamentais:

- O que é a sociedade?
- O que mantém uma sociedade coesa ?
- O que garante a unidade de uma sociedade ?
- O que faz surgir sociedades diferentes e novas ?
- Por que existem as diferenças entre as sociedades ?
- Por que elas mudam na história ?

O social-histórico seria então expressivo de uma maneira radicalmente diferente de responder a essas questões e compreender o humano sem necessariamente recorrer a paradigmas que lhe sejam exteriores, tomados de empréstimo de outras disciplinas e saberes.

Ao privilegiar a significação no domínio social-histórico, o autor propõe um modo de entender as diferenças humanas e suas formas de mudança, diverso daquele realizado pelo que chamou "*pensamento herdado*", baseado na determinidade. Ou seja, tudo o que existe não decorre do que está pronto e acabado, cuja manifestação já está pré determinada, restringindo-se ao mero cumprimento de regras.

As significações sócio-históricas são produzidas através de um processo que é exclusivamente humano: a criação. E que por isso podem variar, exprimindo diferenças entre as sociedades e na história.

“ (...) a criação pressupõe uma certa indeterminação do ser no seu conjunto. Neste sentido, aquilo que é não é jamais tal que exclua o surgimento de novas formas e de novas determinações. Em outras palavras, o que é não é jamais fechado. O que é é aberto, ou o que é é sempre também a ser”. (CASTORIADIS, 1992: 88)

Para o autor, o pensamento filosófico tradicional formulou dois tipos de respostas às perguntas anteriormente citadas.

O primeiro tipo seria o "*fisicalista*", marcado por um reducionismo que transformaria a sociedade e a história numa substância natural, resultante da natureza biológica do homem.

Em sua opinião “o funcionalismo é o representante mais puro e mais típico deste ponto de vista: ele se dá necessidades humanas fixas e explica a organização social como o conjunto das funções que visam satisfazê-las”. (CASTORIADIS, 1991: 205)

A concepção marxista da sociedade seria, um exemplo de funcionalismo e da incrustação da lógica conjuntista-identitária no pensamento moderno, que celebra a determinidade como princípio fundador do conhecimento científico sobre o homem.

Esta seria certamente uma das teses defendidas pelo autor, na primeira parte de “A Instituição Imaginária da Sociedade” (1991) obra na qual estão assentados os conceitos fundamentais de seu pensamento.

Tal concepção, segundo Castoriadis, estaria fundamentada na idéia de que as sociedades e suas instituições existiriam para preencher as necessidades humanas de sobrevivência e desenvolvimento. A importância das instituições sociais dependeria da função que elas ocupariam na economia de conjunto da sociedade. Isto é, na satisfação das necessidades básicas do homem, tal como a produção de bens materiais. Seria a realidade objetiva, o motor gerador da economia social, do modo que as sociedades internamente se organizariam para alcançar esta finalidade. Haveria, portanto, uma correspondência funcional entre as instituições sociais e as necessidades reais da sociedade, configurando um encadeamento causal entre um nível real e um nível racional.

Para Castoriadis, o segundo tipo seria o “*logicista*”, cujo exemplo seria o estruturalismo. Nesta acepção do logicismo a sociedade e a história, seriam explicadas através de “combinações possíveis de um número finito de elementos discretos”. (1991: 206). A sociedade é vista como um organismo cujas partes relacionam-se de uma certa maneira, determináveis racionalmente, sendo as estruturas sociais consideradas como algo natural-lógico, como se fossem

“pedras de sentido jazendo na Terra desde as origens num ser-assim, ao mesmo tempo plenamente natural e totalmente significativo..”. (1991: 206).

O autor argumenta que se as diferentes sociedades humanas resultassem apenas da combinação de elementos já disponíveis, intercambiáveis e inatos, poder-se-ia reproduzir todos os tipos possíveis de sociedades humanas, da mesma maneira que se poderia combinar todas as letras de um alfabeto. E isso não pode ser feito.

Tal posicionamento é encontrado em outros trabalhos do autor, entre eles “A Criação Histórica e a Sociedade” (1992).

Para CASTORIADIS (1984:28), a sociedade está longe de ser considerada “uma coleção ou reunião de ‘indivíduos’ ligados entre si e todos juntos ligados às ‘coisas’” tal como faz o funcionalismo e o estruturalismo que consideram como dadas as questões do indivíduo e das coisas que, no seu ponto de vista, são criações sociais.

A sociedade é uma construção auto-gerada, capaz de auto-alteração, imaginada e instituída por um coletivo anônimo, que só existe na história e nunca fora dela.

Em última análise, a perspectiva da reflexão do autor representa uma visão do homem e da sociedade como um processo constante, um vir-a-ser cuja dinâmica surge da tensão entre o que está instituído e o que institui, entre a sociedade instituinte (o imaginário radical) e a sociedade instituída (as significações imaginárias sociais e as instituições).

Neste sentido o raciocínio reducionista, que busca nas leis da Física e da Biologia as respostas para as questões humanas é invertido. A elucidação do mundo humano é buscada na compreensão das significações e das instituições cuja origem é fundamentalmente uma criação social-histórica. Uma construção social na e através da história. Único domínio no qual o homem pode existir como tal.

“ Por que não poderíamos começar postulando um sonho, um poema, uma sinfonia como instâncias paradigmáticas da plenitude do Ser, e considerar o mundo físico como um modo deficiente do Ser - em vez de ver as coisas de maneira inversa, em vez de ver, no modo imaginário (isto é, humano) de existência, um modo de ser deficiente ou secundário?”. (CASTORIADIS, 1987: 228)

Tais palavras sintetizam a visão na qual a articulação da sociedade e da história se fundamenta pela criação, para além do domínio das causalidades. Configuram uma posição contrária aquela na qual as necessidades ou as funções são suficientes para explicar o que é a sociedade, e porque são diferentes.

Castoriadis, em sua obra, nos convida a considerar, não apenas as relações de causa e efeito, as regularidades e as “leis” que regem os fenômenos humanos, mas principalmente, aquilo que escapa aos padrões e modelos: a imaginação. A capacidade de inventar para fazer frente à novas situações, a criação de novas situações.

Trata-se, portanto, de uma perspectiva de análise que rompe completamente com a valorização excessiva da busca das causas, do determinismo que reduz a criação histórica à uma mera ficção, ocultando a importância dos fatos cujo surgimento não pode ser deduzido de acontecimentos precedentes, pois são o resultado de uma auto-criação.

4.2 - AS CATEGORIAS DA VERTENTE SOCIAL DO PENSAMENTO DE CASTORIADIS: AS SIGNIFICAÇÕES IMAGINÁRIAS SOCIAIS E AS INSTITUIÇÕES, NO DOMÍNIO DO SOCIAL-HISTÓRICO

Retomando as questões acima mencionadas, Castoriadis, desenvolve suas posições partindo do pressuposto que toda sociedade cria um mundo no qual ela, evidentemente, se inclui.

No entanto, é preciso indagar sobre a unidade e as diferenças sociais:

- O que mantém uma sociedade coesa ?

- Por que existem sociedades diferentes e por que elas mudam através da história ?

CASTORIADIS (1984: 229), defende a posição, na qual

“aquilo que mantém uma sociedade reunida é evidentemente sua instituição, o complexo total de suas instituições particulares, aquilo que chamo a *instituição da sociedade como um todo* - tomando aqui a palavra instituição no sentido mais amplo e mais radical : normas, valores, linguagem, instrumentos, procedimentos e métodos de fazer frente às coisas e de fazer as coisas e ainda, é claro, o próprio indivíduo tanto em geral como no tipo e na forma particular que lhe dá a sociedade considerada (e em suas diferenciações : homem / mulher, por exemplo) .

As instituições cumpririam um papel muito mais amplo e conseqüente do que o mero preenchimento de necessidades, como se uma realidade empírica estivesse totalmente conectada a um racional-funcional, como num **“encadeamento sem falhas entre meios e fins, causas e efeitos, numa estrita correspondência entre os traços da instituição e as reais necessidades concretas da sociedade considerada”**. (CASTORIADIS, 1991: 140)

As instituições neste sentido, diferente daquele defendido pelo funcionalismo, seriam criadas pelo imaginário social, garantido não só a unidade da sociedade, mas também, as condições para a sua transformação, mantendo profundas raízes no simbólico sem ficarem reduzidas a ele.

Além do aspecto simbólico haveria nas instituições um aspecto igualmente importante: o imaginário.

4. 2. 1 - Interrelações do Simbólico e do Imaginário

É importante notar que a análise de Castoriadis enfatiza a impossibilidade de se estabelecer os limites precisos e determinados das fronteiras que distinguem o simbólico do imaginário, tal como se expressa nas instituições componentes do campo social-histórico.

Embora a característica principal dos símbolos e conseqüentemente das instituições, seja a estrita correspondência entre significantes e significados ligados de uma maneira mais ou menos forçosa para a sociedade ou grupo considerado, esta não seria sua única faceta.

Tomando os rituais religiosos, entre outros exemplos de instituições, o autor (1991: 144), ressalta a carência de racionalidade em sua organização:

“Se um ritual fosse um processo racional poderíamos encontrar nele a distinção entre o essencial e o secundário, a hierarquização própria a toda rede racional. Mas, num ritual, não existe nenhum meio de diferenciar, através de quaisquer considerações de conteúdo, o que importa muito e o que importa menos. A colocação no mesmo plano, do ponto de vista da importância, de tudo o que compõe um ritual é precisamente o indicador do caráter não racional do seu conteúdo”.

Nesta posição, apesar de se reconhecer um sentido instituído, destaca-se a importância da dimensão que escapa de uma racionalidade, que é a dimensão imaginária, geradora de uma certa flexibilização nas relações entre significantes e significados.

Nas instituições, consideradas como sistemas simbólicos sancionados socialmente, são combinados em proporções e relações variáveis um componente simbólico, funcional, e um componente imaginário.

Numa primeira definição o imaginário refere-se a uma invenção

“ quer se trate de uma invenção absoluta (uma história imaginada em todas as suas partes), ou de um deslizamento, de um deslocamento do sentido, onde símbolos já disponíveis são investidos de outras significações que não suas significações normais ou canônicas (‘o que você está imaginando’ diz a mulher ao homem que recrimina um sorriso troçado por ela com um terceiro*). CASTORIADIS (1991: 154)*

Nos dois casos haveria a criação de uma nova significação, e não apenas a composição de uma imagem a partir de elementos já dados. Este seria o aspecto predominante do conceito de imaginário, como criação de sentido, não se limitando ao fictício, ao ilusório, e por isso secundário e negativo.

A análise dos rituais mostra a interpenetração dos domínios simbólico e imaginário, de tal forma que um não poderia existir sem o outro.

De um lado, o imaginário precisa do simbólico tanto para alcançar expressividade quanto para tornar-se algo efetivo, saindo de sua condição de virtualidade. A função simbólica do imaginário poderia ser exemplificada pela fantasia, que por mais secreta ou irreal que seja, é formada por imagens que representam uma outra coisa, seus diversos sentidos.

De outro, o símbolo pressupõe o imaginário na medida em que exige a capacidade de se ver uma coisa de modo diferente do que é. Qualquer símbolo suscita representações, evoca imagens, proporciona a construção de um sentido que não é dado pela percepção.

No imaginário haveria algo de irredutível ao funcional, um significado que não é ditado por fatores reais. Ao contrário, é ele que confere a esses fatores reais uma importância e um lugar no mundo que a sociedade construiu para si, demarcando um estilo de vida próprio e inconfundível.

Portanto, são as instituições nas quais interligam-se os campos simbólico e imaginário, que garantem a coesão da sociedade e ao mesmo tempo reúnem as condições para o surgimento de novas formações históricas. Mesmo nos períodos de crise ou conflitos internos, por mais violentos que sejam, uma sociedade permanece sendo aquela sociedade e não uma outra. Os bens disputados são os bens daquela sociedade em conflito e não de outra.

O que confere esta unidade da instituição da sociedade é o conjunto complexo das significações que Castoriadis chamou de "*magma*" das significações imaginárias sociais, o qual delimita a vida de uma sociedade e dos indivíduos que a constituem.

Se as instituições são o que mantém as sociedades unidas, é no campo social-histórico que elas se originam, se transformam, e são produzidas as diferenças.

É através da criação, a partir dessa dimensão instituinte do social-histórico, de onde provém o indivíduo, que Castoriadis enfatiza a importância das significações imaginárias sociais, não só para a manutenção das especificidades de cada sociedade e a preservação de sua unidade, mas também, para a formação e orientação do indivíduo.

Na visão de Castoriadis, as sociedades mudam e diferem entre si porque somos capazes de criar, de gerar novas e determinantes significações do mundo, da vida e de nós mesmos, sem que para isso seja necessário fixar e seguir regras, leis ou causas. Para ele, (1987:237)

“As tentativas visando ‘derivar’ as formas sociais a partir de ‘condições físicas’, de ‘antecedentes’ ou características permanentes do ‘homem’ naufragam sempre - e pior ainda, são desprovidos de sentido. A ontologia e a lógica que herdamos são, aqui, vãs, pois estão condenadas a ignorar o ser próprio do social-histórico”.

4.3 - O INDIVÍDUO COMO INSTITUIÇÃO SOCIAL

Na referência teórica que se adota aqui, o indivíduo é considerado uma criação social, consequência da imposição da instituição da sociedade sobre um outro ser que lhe é estranho: a psique. Portanto, a verdadeira dicotomia postulada para se compreender o mundo humano seria entre a sociedade e a psique e não entre o indivíduo e a sociedade.

Contudo, o fato da sociedade criar o indivíduo não significa condená-lo a uma posição de mero artefato, um objeto passivamente formado e acabado. Os indivíduos são fabricados pela sociedade mas também fazem e refazem essa mesma sociedade.

Mais adiante, se voltará a esse tópico de modo mais detalhado. No momento, caberia tão somente, assinalar a maneira através da qual surge o indivíduo sem desprezar sua respectiva margem de liberdade de significação, a qual lhe confere sua particularidade.

As instituições sociais produzem os indivíduos de acordo com suas normas, com as significações que são criadas por uma sociedade num determinado momento histórico.

Não se tem nenhum mérito especial em não ver Ninfas habitando árvores ou fontes nos dias atuais, como nos lembra Castoriadis. O homem grego da Antigüidade era e é completamente diferente do homem europeu ou americano dos dias de hoje, porque diferentes magmas de significações sociais organizaram de formas diferentes essas sociedades.

É a instituição da sociedade, que impõe e define a forma e as características dos indivíduos. Num primeiro nível, mediante a coerção e a sanção. De modo mais amplo e menos superficial, através da adesão, da legitimidade, do consenso.

Mas em última análise, é através da socialização da psique que as instituições são incorporadas individualmente.

“Para começar e dizer o essencial, o indivíduo nada mais é do que a sociedade”. (CASTORIADIS, 1992: 57)

Esta frase já dá a medida do papel atribuído, pelo autor, à sociedade na formação do indivíduo.

Segundo ele, pouco adiantaria se perguntar por que a maioria das pessoas não rouba quando tem fome. Ou como é possível continuar votando em candidatos ou partidos políticos cujos eleitores foram enganados?

“ Pergunte-se antes: qual é a parcela de todo o meu pensamento e de todas as minhas maneiras de ver as coisas e de fazer as coisas que *não está* condicionada e co-determinada, em um grau decisivo, pela estrutura e pelas significações de minha língua materna, pela organização do mundo que essa língua carrega consigo, pelo meu primeiro ambiente familiar, pela escola, por todos os ‘faça’ e ‘não-faça’ com que freqüentemente fui assediado, pelos meus amigos, pelas opiniões correntes a meu redor, pelos modos de fazer que me são impostos pelos inumeráveis artefatos que me cercam, e assim por diante. Se você puder verdadeiramente responder, com toda a sinceridade, mais ou menos um por cento, você será com certeza o pensador mais original que já existiu”. (CASTORIADIS, 1984: 230)

Ocorre que se o indivíduo não é uma resultante de um processo de desenvolvimento natural e sim de uma criação-fabricação social, como se poderia compreender que apesar disso as exigências sociais não acabassem por reduzir ao mínimo as solicitações psíquicas transformando-nos em meros autômatos, como que saídos de uma linha de montagem?

Haveria espaço para as diferenças individuais?

Não estaríamos condenados à mera reprodução de comportamentos, alienados de nossos próprios desejos e interesses?

Reconhecer a participação decisiva das instituições na constituição do indivíduo, não significa delimitá-lo no âmbito exclusivo da passividade.

O homem coletiva ou individualmente busca o sentido, e quando não o encontra, cria, inventa.

Isto significa que o imaginário social, coletivo, é idêntico ao imaginário radical, próprio do indivíduo. Idêntico no sentido da invenção corresponder a uma capacidade de transcender o dado que se oferece a percepção, sendo ela universal e comum aos membros da espécie humana.

As imagens construídas coletiva ou individualmente, expressam em todos os casos, uma certa relação dos indivíduos com a sociedade em que vivem. Uma relação que não é necessariamente nem de oposição, nem de total submissão.

É o próprio CASTORIADIS (1992: 129), quem exemplifica essa relação tão especial:

“Que devemos admirar mais, a plasticidade quase total da psique em relação à formação social que a subjuga ou sua capacidade invencível de preservar seu núcleo monádico e sua imaginação radical, anulando por aí, pelo menos parcialmente, a escolaridade sofrida perpetuamente?”

Mas sem dúvida é no imaginário que se dá o entrelaçamento do indivíduo com a sociedade que o fabrica.

A imaginação como fluxo representativo indeterminado é comum aos seres humanos, mas é também singular para cada um.

Se por um lado a criação é essencial ao homem, a significação imputada aos fatos da existência do indivíduo, é particular e específica.

Conforme Castoriadis, ao se considerar a história de um indivíduo, suas formações imaginárias adquirem importância não por causa de fatores reais, cuja significação surgiria por si. Mas sim porque a valorização ou desvalorização dos acontecimentos da vida de cada um, é organizada pela imaginação dele mesmo, utilizando as representações disponíveis na sociedade em que está inserido.

Para o autor (1991:163), **“o acontecimento traumático é real enquanto acontecimento e imaginário enquanto traumatismo”**.

As representações através das quais os indivíduos constroem seu próprio mundo, singular e pessoal, são imaginárias e sociais.

CASTORIADIS (1987: 231), afirma que são imaginárias porque **“elas não correspondem a - e não se esgotam em - referências a elementos ‘racionalis’ ou ‘reais’, e porque são introduzidas por uma criação”**. E são sociais porque **“elas somente existem enquanto são instituídas e compartilhadas por um coletivo anônimo”**

4.4 - A OUTRA VERTENTE: A FABRICAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DO INDIVÍDUO COMO UM PROCESSO DE TENSÃO INTERATIVA ENTRE A PSÍQUE E A INSTITUIÇÃO DA SOCIEDADE

É no Capítulo VI de **“A Instituição Imaginária da Sociedade”** (1991) que CASTORIADIS desenvolve sua concepção na qual tanto a questão da psique quanto a da instituição da sociedade são tratadas como totalmente imbricadas, interligadas de tal modo que uma não pode ser tomada sem que a outra seja considerada. Embora distintas são indissociáveis, porque ambas remetem ao

“*imaginário radical*”, princípio fundador e instituinte do mundo da significação, seja na forma social, seja na individual.

Para defender a tese da origem imaginária da psique como polo distinto, antagônico na origem, à sociedade, o autor discutirá o que chamou “o processo de transformação da *mônada psíquica em indivíduo social*” (1991:316) apoiando-se e dialogando com o pensamento de Freud, para o qual, a dimensão originária do Imaginário Radical [“fluxo representativo não sujeito à determinidade”] teria permanecido como um ponto cego.

Sua visão, que em seguida se analisará mais detalhadamente, se resume num processo que tem início numa “*mônada psíquica*” fechada nela mesma a qual é rompida numa fase chamada “*triádica*”, dando lugar a uma outra denominada “*edípica*”, para finalmente chegar ao indivíduo social, através das diversas formas de sublimação.

Castoriadis, retoma a perspectiva na qual o imaginário corresponde a uma categoria através da qual pode-se pensar a sociedade e o indivíduo de um modo bem diferente daquele no qual tudo o que existe está determinado por causas, forças incoercíveis, naturais ou racionais.

Aqui já não é mais considerada a oposição entre o indivíduo e a sociedade como instâncias paradigmáticas através das quais se constrói a compreensão dos fenômenos humanos. A psique e a instituição da sociedade passarão a ocupar o lugar de importância fundamental nessa busca, cujo caráter de oposição nesta relação alterna-se com o de integração.

4. 4. 1. A dimensão ontológica da psique: a figura monádica

Para Castoriadis, tudo aquilo que no indivíduo não é social, pertence à psique.

A psique originalmente corresponderia a um mundo fechado às instituições sociais embora constantemente em movimento, no qual estariam as representações mais caóticas, os sentimentos mais brutos, inconscientes.

A especificidade do psíquico seria sua aversão às instituições, seu caráter anti-social e extremamente resistente à penetração em seu interior das significações sociais, ao campo do simbólico e conseqüentemente à lei.

Tratar-se-ia de um mundo sem fronteiras rigidamente delimitadas, variável como num constante fluxo, em que tudo o que existe poderá ser transformado, no qual “o Ser está essencialmente por-Ser”. (1987: 225)

Num primeiro momento, o mundo psíquico seria uma unidade simples, com seu próprio núcleo, como uma “*mônada*”, dentro da qual tudo o que existe é idêntico a si mesmo, e as diferenças ainda não surgiram.

Sendo uma unidade idêntica a si mesma, não haveriam nela representações que distinguiriam um “*dentro*” de um “*fora*”. Aí não seria possível ainda separar a representação da percepção e da sensação.

No núcleo monádico do sujeito, nas palavras de CASTORIADIS, (1991: 337)

“ O seio materno ou seu substituto faz parte, sem ser parte distinta, daquilo que será depois o ‘*corpo próprio*’ e que não é evidentemente um ‘*corpo*’. A libido que circula entre o infans e o seio é libido de auto-investimento. A este respeito é preferível não falar de ‘*narcisismo*’ mesmo ‘*primário*’, já que o narcisismo liga-se a uma libido fixada sobre si com exclusão de todo o resto, quando se trata aqui de inclusão totalitária. Deveríamos utilizar aqui o termo de Bleuler, expressamente aprovado por Freud nesse mesmo contexto e a propósito do mesmo problema, de autismo”.

Assim, o ser próprio da psique é originalmente monádico, autístico, referido a si mesmo como “*um pinto em sua casca*”. (ref. ao texto de Freud quando discute o “*investimento narcísico originário*”)

A questão agora é: como é que esse mundo tão fechado e auto suficiente abre-se para a sociedade e interage com ela?

4. 4. 2 - A ruptura da mônada psíquica e o surgimento do outro

Castoriadis entende o rompimento desse estado monádico do sujeito, se é que já se pode considerar a existência de um sujeito, como resultado de um processo de imposição à psique de exigências sociais que lhe são heterogêneas e que jamais ela mesma poderia fazer surgir. É o chamado processo de socialização da psique, o qual se dá em sucessivas etapas ao longo de toda a história da vida do sujeito. Para acentuar o impacto e o alcance da socialização da psique na vida do sujeito, convém abordar suas origens tal como concebida pelo autor:

“Uma vez que a psique sofreu a ruptura de seu ‘estado monádico’ que lhe impõem o ‘objeto’, o outro e próprio corpo, ela estará para sempre excentrada em relação a ela mesma, orientada por aquilo que ela não é mais e não pode mais ser. A psique é seu próprio objeto perdido. A redução de tudo o que, daí em diante, aparece como irremediavelmente separado e diferenciado a um só mundo, ao mesmo tempo sujeito e à disposição absoluta do sujeito, é impossível, mesmo como pura representação fantástica. Mas é sempre a mirada dela que reinará de maneira mais lúbrica, bruta, selvagem e intratável nos processos inconscientes, e o fará num grau diferente de toda repressão, aquilo que verdadeiramente não pode chegar à palavra, porque seu ‘sentido’ está num alhures perdido para sempre. Esta perda de si, esta cisão em relação a si é o primeiro trabalho imposto à psique pelo fato de sua inclusão no mundo - e acontece que ela se recusa a cumpri-lo”. (CASTORIADIS, 1991: 339)

Tão longa transcrição exige maiores esclarecimentos.

O primeiro deles é se saber como e porque o próprio corpo, o objeto e o outro acabam por se impor como realidade exterior à psique? Como se opera a ruptura se o fundamento último da significação é a indeterminidade do imaginário radical?

O segundo caberia indagar sobre as conseqüências de tal rompimento na vida psíquica do sujeito, do que foi colocado como uma “recusa” em cumprir o

primeiro trabalho de inserir-se no mundo. Uma tendência de retornar ao estado originário?

Inicia-se pelo papel desempenhado pelas exigências da organização biológica para que o rompimento da mônada possa ocorrer, e então o outro e o mundo sejam considerados pela psique.

Pode-se distinguir duas etapas no chamado processo de socialização da psique.

A primeira fase, denominada *monádica*, seria caracterizada pelo estado imediatamente anterior ao rompimento no qual a necessidade somática desempenharia uma função facilitadora, embora não seja condição necessária nem suficiente para o estabelecimento do rompimento da mônada.

Evidentemente a psique comporta um corpo e por isso não poderia deixar de manter alguma ligação com ele.

Como então se daria essa interrelação específica entre o real do corpo - o campo da necessidade - e a dimensão imaginária da psique, sua capacidade de criação e, conseqüentemente, de significação?

CATORIADIS (1991: 332), entende essa relação não apenas como uma condição exterior para que as representações possam existir, **“da mesma maneira que sem oxigênio atmosférico ou sem circulação sangüínea, não poderia haver psique, fantasias ou sublimação”**. Ou seja, o real se presentifica na psique através das impressões emanadas do interior ou do exterior do corpo, e as recebe porque tem essa capacidade de ser **“afetada por”**.

Embora o psiquismo sofra as influencias que vem do real somático, elas não são suficientes nem imprescindíveis para determinar que tipo ou forma de significação haverá de surgir e nem de que maneira isso se dará.

Não poderia haver psique sem essa sua capacidade primordial de fazer surgir representações e colocá-las uma em relação a outra de acordo com o seu

modo específico de funcionamento. Ai estaria sua verdadeira irreducibilidade, seu aspecto primordial.

As representações só podem surgir na e pela psique, e em nenhum outro “lugar”. A psique é um fluxo de criação ininterrupto, indeterminado, mas é também suscetível às emanações que lhe são exteriores.

Para se entender melhor essa interrelação da realidade biológica com a psique, Castoriadis distingue o que seria o plano do humano e de uma ordem pré estabelecida e independente dele, chamado de “*primeiro estrato natural*”, que corresponderia a todos aqueles objetos que o sujeito, para continuar vivo, não poderia ignorar ou prescindir. Esse seria o plano do homem-animal. Isto é, o plano do sujeito como simples ser-vivo, o qual por si mesmo, não serviria muito para esclarecer a questão do mundo psíquico, do tipicamente humano, tanto de um modo geral quanto de um diferenciado e individual.

O que não se poderia negar é que os dados da ordem biológica, do plano do homem-animal, deixam suas marcas, são reconsiderados pela psique constantemente e, portanto, acabam por atingi-la sem exercer sobre ela qualquer tipo de controle ou domínio.

Em suas palavras, CASTORIADIS (1991: 332) afirma que:

“ Evidentemente o que a psique faz existir não é ditado por essa realidade corporal-biológica, porque dessa maneira seria sempre e em todo lugar igual; também não é feito de uma ‘liberdade absoluta’ relativamente a essa realidade, que não pode ser nem ignorada nem manipulada de maneira totalmente arbitrária (mesmo essa afirmação, aliás, está sujeita a restrições: um bebê anorético se faz morrer, sua psique é mais forte que sua regulação biológica)”.

Ressalte-se nas palavras do autor que a ruptura do estado monádico é apenas *apoiada* pela necessidade porque ela não se impõe necessariamente à psique, como nos lembra a anorexia. A psique não produz as calorias necessárias à manutenção da vida, por isso não pode deixar de considerar a fome, a necessidade de alimento, e ao mesmo tempo ela pode através da imaginação, provocar a morte numa situação em que se está cercado dele.

Quando a satisfação da necessidade somática ocorre, a psique forma uma representação cujo sentido confirma e restaura a chamada "*unidade primária*" do sujeito, o estado monádico. O prazer psíquico seria alcançado todas as vezes que ocorre esta restauração.

Se por um lado as representações podem ter uma origem real, ou seja, os estímulos exteriores ou interiores podem tornar-se representação, tal movimento não depende da sensorialidade, como se pudesse haver uma pura percepção, cujo sentido nela estivesse naturalmente embutido e de, dessa forma, atingir mecanicamente a psique. Ao contrário, é a psique que forma a representação que restitui a unidade perdida com o surgimento da necessidade.

O corpo vivo do ser humano seria muito mais do que o corpo do homem-animal, da sua base biológica cujas solicitações primordiais são as mesmas para qualquer um e em qualquer lugar.

Castoriadis ressalta que a satisfação real do bebê (o aparecimento do seio) apenas restabelece o estado monádico anterior cujo significado psíquico será, como já foi dito, o prazer, embora ainda não seja a condição necessária para que o objeto seja representado como real.

Nesta fase, a resposta ao atendimento da necessidade somática, o aparecimento do objeto bom e de sua introjeção, marca concomitantemente o surgimento ainda rudimentar do objeto, de uma realidade outra que apenas se prenuncia como completamente diferente da mônada. É neste sentido que, mediante as criações projetivas (que expulsam aquilo que perturba a unidade monádica) e introjetivas (que incluem o que restabelece) começa a se delimitar os primeiros traçados de uma fronteira entre um mundo privado e outro público, marcando o que seriam as primeiras tentativas de rompimento da "*casca do ovo*".

A esta altura o objeto é parcialmente percebido pela psique, porque ainda não está associado a uma outra pessoa. Na psique onipotente do bebê o seio bom aparece todas as vezes que ele quer, como se ele próprio o detivesse e o

dominasse. Nessa etapa ainda não se pode afirmar uma abertura da psique para um outro mundo ou sujeito. A representação predominante é "*Eu sou o seio*".

Dolorosamente o bebê descobre que, num determinado momento, o seio bom não vem quando ele quer e que está posicionado fora dele.

É quando se dá a coincidência do seio bom com o seio mau, pertencendo a uma outra pessoa e por isso fora de seu controle.

A representação dominante seria "*O seio é da mãe*".

É quando o outro surge como portador do objeto real, aquele que existe fora do bebê.

Neste momento dá-se uma dupla decepção para o bebê : não só, ele não domina e possui os objetos bom e mau, como também, eles passam a coincidir sendo possuídos por uma outra pessoa.

Por essa razão, o objeto real (coincidência entre objeto bom - objeto mau) só é percebido como objeto perdido, uma vez que definitivamente está situado fora dele, (do bebê) e está em poder de um outro (a mãe).

A dinâmica do esquema primário, anterior ao surgimento do outro enquanto tal, leva a psique a criar um espaço exterior para aí depositar tudo o que de alguma maneira rompe a unidade primordial, trazendo desprazer, delineando-se então uma margem que definiria um "*dentro*" e um "*fora*", formando um esquema de figura e fundo. Esse "*fora*" criado será depois o mundo exterior.

Ressalte-se aqui o caráter imaginário da origem deste mundo, marcado nos seus primeiros momentos de existência como um destinatário de tudo o que provoca desprazer.

Acentua-se tanto sua origem imaginária porque criada pelo imaginário radical, quanto pela característica predominantemente negativa, do ponto de vista do prazer.

Assim, na concepção de Castoriadis, não é a necessidade que se impõe por si mesma, de um exterior passível de ser captado independente da representação correspondente, ela apenas se anuncia podendo ou não ser captada.

Considera-se o prazer como o equivalente psíquico da satisfação da necessidade, alcançado todas as vezes que a unidade monádica é restabelecida através da satisfação "real" ou imaginada de uma necessidade. E o desprazer será então significado por tudo o que quebra a unidade autística.

Do ponto de vista da psique não pode haver conciliação entre o prazer e o desprazer, entre a representação do *Eu e do Outro*. Trata-se de uma relação irremediavelmente excludente.

Esse esquema primário no qual o núcleo do prazer está no restabelecimento de uma unidade submetida à uma figura na qual *tudo = eu*, numa indistinção entre interior e exterior, permanece funcionando durante toda a história de criações de representações do sujeito, na medida em que o desprazer, o rompimento do autismo primário, não é apenas um mal-estar passageiro, mas uma grave perturbação de uma unidade fundamental, que deve ser evitada.

A repressão, nada mais é do que uma consequência desta tendência inerente da psique em reinsistir num estado primário no qual sujeito, mundo, afeto, sentido, intenção, estão unidos de maneira indiferenciada.

Trata-se de uma etapa constitutiva do processo de socialização da psique a qual, não é totalmente ultrapassada ao longo de uma evolução progressiva. Mesmo a partir do ponto de ruptura, toda a história das representações criadas pelo sujeito será marcada pelo estado originário da psique que se caracteriza pela predominância do desejo de abolição de toda a diferença e separação.

Essa tendência unificante da psique, que Castoriadis chamou de "*remanência constituinte*" torna possível que as representações inconscientes sejam contraditórias e indiferentes ao tempo, que os sonhos e as fantasias tenham

sua própria lógica, que as representações sejam condensadas ou deslocadas e presentificadas até na própria linguagem consciente.

Mais que isso. É o que há de essencial no ser da psique, a qual não pode deixar de ser considerada pela instituição da sociedade no processo de fabricação do indivíduo social.

A segunda fase denominada *triádica*, é caracterizada pelo surgimento da relação sujeito, objeto e o outro, ou seja, na qual o autismo monádico estoura.

É quando ocorre o estabelecimento de uma outra realidade, a diferença passa a existir e surge a significação que remete à existência de um outro, situado “*fora*” do sujeito e que, portanto, escapa ao seu domínio.

Demarcam-se dois mundos - um privado, monádico, e outro público, regulado pela linguagem - sendo já impossível para psique ignorar a relativa alteridade do objeto e a existência de um mundo preexistente e independente : a instituição da sociedade.

É quando o outro passa a ser representado como aquele que detém o objeto, aquele que pode ou não proporcionar o prazer e o desprazer. E por isso não pode mais deixar de ser captado como algo ambivalente. Amado quando traz o seio bom, odiado quando traz o seio mau.

Para a psique, a representação original “*Eu sou o seio*” dá lugar a “*O seio é da mãe*”, através dos esquemas da introjeção-projeção que evidentemente pressupõem a existência de uma separação, de uma quebra de unidade, do estabelecimento de dois mundos, de um “*dentro e de um fora*”.

O surgimento da relação triádica só acontece quando o objeto real é percebido, isto é, quando o outro é estabelecido como o verdadeiro detentor do objeto, agora simultaneamente objeto bom-mau.

Interessante notar a importância do surgimento do outro e de suas características essenciais, como fator decisivo para o desencadeamento da socialização da psique e de seu caráter originariamente imaginário e ambivalente:

“Os dois quase-objetos distintos e opostos da fase precedente, o seio bom e o seio mau, tornam-se o mesmo, na medida em que é estabelecida a mesma pessoa da qual dependem. Isso significa imediatamente que o outro que dispõe efetivamente deste objeto, doravante unificado mas reunindo as duas qualidades opostas, é logo captado sob um duplo signo. *Portador do mau objeto é odiado, portador do bom objeto, é amado. O outro constitui-se necessariamente na ambivalência - ou seja, a ambivalência para sempre ineliminável que afeta o outro (e hereditariamente tudo o que o sucederá como objeto de investimento para a psique) é o coproduto dos momentos imaginários que presidiram sua constituição*”. (CASTORIAIS, 1991: 347)

Pode-se em primeiro lugar ressaltar que na visão deste autor o caráter essencialmente ambivalente do outro, não se limitaria apenas ao seu momento inicial de constituição, dependendo exclusivamente de sua relação de pertença. Mais do que isso, essa marca permanecerá como herança nos demais investimentos posteriores na vida do que mais tarde será denominado um indivíduo social.

Esta posição apoia-se tanto no pensamento de Freud quanto no de Melanie Klein, conforme afirma o próprio autor (CASTORIADIS, 1987: 48) em uma de suas sínteses:

“E sempre há um tal momento, que corresponde, como Klein diria, com toda razão, ao *'seio mau'*. Isto está, igualmente, na raiz da ambivalência fundamental de toda relação humana. Quero dizer que o outro sempre herdou esses dois aspectos, do seio bom e do seio mau, da boa figura e da má figura. Na maior parte do tempo, um desses dois aspectos cobre e domina totalmente o outro. Assim, amamos as pessoas, ou as odiamos. Com referência às pessoas com quem mantemos relações, um ou outro desses elementos predomina. Mas todos nós sabemos que mesmo no maior amor se oculta sempre o elemento negativo, o que não o impede ser um amor”.

O aparecimento do outro é o marco do momento primeiro da socialização psíquica, não apenas por causa de sua ambivalência constituinte, ou pelo fato de sinalizar a fronteira entre um *“dentro”* e um *“fora”* do sujeito, mas principalmente por causa de sua natureza projetiva.

CASTORIADIS (1991: 347) ainda adverte: **“Mais decisiva ainda é sua constituição projetiva, a partir do esquema de onipotência”**

O autor entende que se a fome não é capaz de sozinha impor-se como representação de uma realidade exterior, é necessário indagar sobre como o outro consegue ser captado pelo sujeito. Quais seriam as condições necessárias para que o outro pudesse ser captado, no momento de sua constituição, quando predomina o esquema autista?

O outro só poderia passar a existir para o sujeito se ele utilizasse o único esquema disponível para ele nessa etapa : o esquema da onipotência. A imagem que o sujeito tem de si (*Eu sou o seio*) é projetada para fora (*Ele - o outro - é o seio*). O esquema da onipotência está disponível porque é sempre disponível, na medida em que é criado pela psique monádica, numa etapa em que o sujeito tira de si mesmo a libido narcísica primária.

“ A onipotência imaginária em relação ao seio, que o bebê se imputava inicialmente, que gostaria de continuar a imputar-se a seguir, essa onipotência ele é finalmente forçado a colocá-la fora, em um outro; isso significa dizer, inicialmente e antes de mais nada, ele só pode constituir um outro, projetando nele seu próprio esquema imaginário de onipotência”. (CASTORIADIS, 1991: 348)

Aqui chama-se a atenção para essa relação quase paradoxal entre “a realidade do outro” como algo pertencente à um espaço exterior, mas que foi constituído através de um movimento típico da “realidade interior”, onde tudo o que existe está representado numa unidade fechada. O outro sendo uma projeção do “*Eu = Tudo*” e, conseqüentemente, uma reprodução da imagem onipotente do sujeito monádico.

A alternância inevitável e efetiva da presença-ausência do outro é compreendida pela psique como uma manifestação da onipotência do outro, que detém o objeto capaz de restaurar ou esfacelar a unidade autística do sujeito. Ao outro é atribuído uma intensidade desmedida de poder, cuja raiz é verdadeiramente imaginária e autoreferida. Até mesmo a realidade exterior do outro é investida sob a ascendência dos esquemas imaginários e onipotentes que são próprios da etapa anterior.

Contudo, esse outro constituído via projeção, possui uma existência própria. Não é apenas uma reprodução imaginária, uma extensão da psique. Ele tem vida, age, pensa, fala, define e se define. Ele presentifica através de sua ação para a criança, a sociedade na qual estão ambos inseridos e com a qual se ligam de uma determinada maneira.

“ Se o outro continua a ser essencialmente imaginário, se todas as suas manifestações só podem ser captadas e interpretadas pelo sujeito no esquema fantástico que é o seu, ele é também instância exterior, que se curva ou não à solicitação do sujeito, ama ou fica indiferente, promete, proíbe, dá, tira, zanga, beija, pune de uma maneira que o sujeito constrói como ligada a suas próprias ‘atitudes’, isto é, a suas próprias representações, afetos e intenções”. (CASTORIADIS, 1991: 349)

As palavras do autor permitem assinalar que a efetividade da existência do outro em vez de contradizer ou minorar sua dimensão imaginária, reforça-a na mesma medida em que ele permanece submetido à psique, sendo aquilo que ela quer que ele seja, amoldando-se, atraído como num campo magnético pela tendência unificadora.

O surgimento do outro e o estabelecimento da fase triádica já é um passo importante para a consecução do processo de socialização, mas insuficiente.

A onipotência é apenas deslocada para o outro, que fica como o senhor do prazer e do desprazer, e que por isso, continua ligado e sob o domínio da psique.

Como afirma o próprio CASTORIADIS (1991: 351): “Tudo isso está ainda longe da constituição de uma ‘realidade’ e do sujeito como indivíduo separado, correlativo de uma realidade separada dele mesmo e independente de um outro imaginário”.

Assim, resta agora tentar sintetizar as condições necessárias para que haja então a constituição da realidade e a construção do indivíduo social.

4. 4. 3 - A constituição da realidade

A seguir, tentar-se-á mostrar o que, na visão de Castoriadis, representa o papel decisivo na socialização da psique e, conseqüentemente, na construção do indivíduo social.

Considera-se fundamental abordar o processo de constituição da realidade, pois é aí que se encontra o núcleo teórico no qual emerge o indivíduo como resultado de uma tensão entre a psique e a realidade da instituição da sociedade.

Neste tópico, Castoriadis se propõe a elucidar o grande enigma que é o da separação. Isto é, da imposição da socialização à mônada.

“A imposição da socialização à psique é essencialmente imposição a esta da separação. Ela equivale, para a mônada psíquica, a uma ruptura violenta, forçada por sua ‘relação’ com os outros, mais exatamente pela invasão dos outros como outros, mediante a qual constitui-se para o sujeito, uma ‘realidade’ como ao mesmo tempo independente, maleável e participável, e a descência (nunca perfeitamente realizada) entre a ‘psique’ e o ‘somático’. Tanto quanto a tendência irresistível da mônada psíquica de se fechar sempre sobre si mesma, esta ruptura é constitutiva daquilo que será o indivíduo”. (CASTORIADIS, 1991: 344)

As palavras do autor não deixam dúvidas quanto a natureza social e violenta do estabelecimento da realidade como algo diferente e num certo sentido, oposto ao sujeito. Uma realidade cujo caráter violento reside, não só, na sua força imperativa, mas também, no ato de representar uma limitação às exigências monádicas da psique. Deste ponto de vista, a emergência dos outros como outros implica uma sucessão violenta de rupturas de um estado primário no qual sujeito e mundo não se distinguem. Apesar disso, a realidade socialmente estabelecida é passível de mudança e transformação.

Sem dúvida, a presentificação do outro como um ser falante que pode ou não atender os desejos do sujeito, é fundamental para que surja a percepção de uma realidade exterior.

No entanto, a existência da linguagem entre a criança e o outro embora permita que ela tenha acesso as significações, ainda não é suficiente para que a realidade do indivíduo social possa se fazer.

Por uma única razão: o outro ainda permanece na posição imaginária. Ainda é ele quem atribui para a criança as significações dos objetos. As significações permanecem sob o domínio do outro onipotente. É bom e mau aquilo que o outro diz que é.

E nesse sentido, em vez do acesso ao signo conduzir o sujeito à exterioridade de uma realidade, ao contrário, leva-o a mergulhar ainda mais na irrealidade na medida em que as significações continuam dependendo do outro.

Para que a separação possa realmente ocorrer, é necessário que esse outro seja despojado de sua onipotência e deixe de ser reconhecido como “o senhor da significação”, na expressão de Castoriadis.

Este procedimento não se dará nem mediante a linguagem pelas razões expostas anteriormente, e nem através da realidade, por si só, porque ela só tem a significação que lhe é imputada.

“ O outro só pode ser destituído se ele se destitui ele próprio, se ele se significa como não sendo a fonte e o senhor da significação (do valor, da norma etc.). Para isso não é necessário nem suficiente que ele possa indicar, designar uma terceira pessoa ‘real’ (o pai quando se trata da mãe) - se esta pessoa é simplesmente o outro do outro, por sua vez fonte e senhor absoluto da significação. É preciso e basta que o outro possa significar para a criança que ninguém, entre todos aqueles que ela poderia encontrar, é fonte e senhor absoluto da significação. Em outras palavras, é preciso e basta que a criança seja remetida à instituição da significação e à significação como instituída e não dependendo de nenhuma pessoa em particular”. (CASTORIADIS, 1991: 352)

Portanto, somente a sociedade instituída, as significações sociais oriundas do imaginário radical, podem impor à psique algum limite a sua tendência

unificadora, proporcionando através deste confronto as bases da construção do indivíduo social, que resulta das tentativas da psique integrar o que lhe foi imposto e que lhe é essencialmente heterogêneo.

O indivíduo social é, portanto, a parte do sujeito que foi fabricada socialmente, aquela afinada com as significações instituídas, a qual a psique teve que aceitar e por isso conseguiu sobreviver.

Se o bebê tornou-se adulto é porque conseguiu assimilar as imposições sociais que foram feitas à sua psique. Aprendeu que o seu desejo é tão legítimo quanto os dos outros e que as palavras e as coisas não tem os significados que ele, a seu bel-prazer, quer que tenham .

Para Castoriadis, o significado profundo da situação edípica está localizado justamente nesta imposição à psique das significações instituídas, que em última análise equivaleria a uma verdadeira castração.

No Édipo a criança tem que enfrentar uma situação que de nenhuma maneira poderia estar submetida ao seu controle imaginário.

“ (...) o outro (a mãe) destitui-se de sua onipotência preferindo-se a um terceiro, ao mesmo tempo em que significa à criança que seu próprio desejo tem um outro objeto fora dele, e que ela própria é objeto do desejo de outro, o pai. A situação não pode ser captada pela criança nem como manipulável (apesar de seus intermináveis esforços para tal), nem como contingente (apesar de seus inúmeros desejos de que ela se dissolva, pela morte do pai, por exemplo), nem como um puro fato sem sentido : ela é plena de uma significação que se diz por si mesma, e na e pela significação, é colocado um mundo nuclear que é mundo de sujeitos, onde o sujeito encontrou sua origem e de onde, em certo sentido, é excluído”. (CASTORIADIS 1991: 353)

O par parental é dotado de uma significação a qual não se pode ignorar e que ninguém pode dispor de acordo com a sua vontade.

Em nossa cultura, essa função socializante é desempenhada pela instituição da família patriarcal, e neste sentido é ela que impõe violentamente a ruptura do estado primário da psique.

“(...) o encontro edipiano ergue ante a criança de maneira incontornável, o fato da instituição como fundamento da significação e reciprocamente, e obriga-a a reconhecer o outro e os outros humanos como sujeitos de desejos autônomos, que podem se ligar uns aos outros independentemente dela, ao ponto de excluí-la de seu circuito”. (CASTORIADIS, 1991: 353)

É, portanto, a sociedade instituída que faz existir para a psique uma realidade na medida em que confronta-a com uma instituição social.

O indivíduo social é o resultado desse momento marcante em que um outro significativo recusa-se a continuar ocupando o lugar daquele que diz o que as coisas significam, mostrando-se como um entre muitos, cuja visão de mundo depende dos valores e das normas de seu grupo social e de sua cultura.

Nessa medida o indivíduo social é uma criação da instituição da sociedade, que o coloca no mundo das significações instituídas as quais representam sempre, do ponto de vista da psique, um forte obstáculo à sua onipotência e a sua tendência de se fechar sobre si mesma, mantendo-se mergulhada em seu próprio mundo autístico, que é mundo de prazer.

Não se poderia deixar de mencionar, mais uma vez, que as relações do pensamento de Castoriadis com o de Freud manifestam-se em diversos momentos de sua obra. Considerada sua relevância, vejamos como se dá esse reconhecimento em destacada nota de pé de página em “A Instituição Imaginária da Sociedade” (1991), referida ao tema em questão:

“ Para quem sabe ler, é de uma evidência que cega - é o caso de dizer - que o problema que Freud colocava e se colocava na temática do ‘complexo de Édipo’ e do ‘assassinato do pai’ era o problema da socialização da psique. Eu já escrevia em 1964 (ver mais acima, p. 202) e certamente não fui o primeiro, que as soluções que ele oferecia continuavam mitológicas, porque ele acreditava poder deduzir a instituição, a partir do funcionamento da psique. Isso em nada altera o fato de que esta socialização comporta uma dimensão psicogenética ou idiogenética ineliminável e que esta só pode ser pensada, daqui em diante, a partir de Freud e mediante suas descobertas fundamentais. Descobertas que não se anulam nem pelo horizonte sócio-cultural de Freud, nem, o que vem a dar no mesmo, por seu cientificismo e seu positivismo” (cf. ‘Epilegômenos...’, l. c.) (CASTORIADIS, 1991: 352).

4.4.4 - A sublimação como uma interface entre o mundo privado e o mundo público

O processo de socialização da psique culmina com o que Freud chamou de sublimação, conceito este renovado e ampliado por Castoriadis a partir das linhas mestras nas quais desenvolveu seu pensamento.

A sublimação para Castoriadis nada mais é do que “a socialização da psique considerada como processo psíquico”.

Isto é, para este autor (1991: 356),

“a sublimação é o processo mediante o qual a psique é forçada a substituir seus ‘*objetos próprios*’ ou ‘*privados*’ de investimento (inclusive sua própria imagem para ela mesma) por objetos que são e valem na e pela instituição social, e fazer para ela mesma, ‘*causas*’, ‘*meios*’, ou ‘*suportes*’ de prazer”.

Desse modo é indispensável retomar uma das idéias básicas do pensamento de Castoriadis que se resumiria na irreducibilidade do psíquico ao social-histórico e vice-versa. Tal princípio enunciaria que para a psique, a única realidade existente é aquela que está estabelecida socialmente.

Neste sentido, a sublimação, na acepção de Castoriadis, põe a psique de um lado, com sua capacidade de através da imaginação substituir seus próprios objetos como num “*quid pro quo*”, e de outro, o social-histórico que corresponde ao mundo das significações, as quais são impossíveis de serem criadas por ela.

Discordando da visão freudiana que limitaria a sublimação a um processo de dessexualização das pulsões, Castoriadis defende o ponto de vista de que a sublimação implica o estabelecimento de uma interseção entre o mundo privado e

o mundo público, entre a psique e a instituição da sociedade tal como ela se manifesta a cada vez.

A sublimação seria o trabalho que a psique haveria de desenvolver no sentido não só de evitar ser esmagada pela sociedade, mas principalmente, de adotar novas significações capazes de conduzir o sujeito à um máximo de prazer com um mínimo de desprazer. A sublimação, no sentido do autor, traduz-se num trabalho de integração das exigências impostas pelas instituições sociais ao psiquismo.

Para tanto seria necessário tanto uma conversão da finalidade da pulsão - da substituição da satisfação sexual pela satisfação não-sexual - como primordialmente, de uma mudança de objeto.

“A transformação da mãe objeto-sexual em mãe terna não é somente a conversão do fim da pulsão, mas modificação do objeto : a mãe terna não é e não pode ser mãe-objeto sexual, porque ela só pode ser (para o sujeito) mãe terna, enquanto mãe socialmente instituída, referida a uma quantidade de relações e de significações que a ultrapassam infinitamente e só existem como significações sociais instituídas”.
(CASTORIADIS, 1991: 357)

A mudança de objeto seria, portanto, a forma da psique integrar sua tendência primária unificante à uma série de outras significações instituídas, procedentes do imaginário social instituinte, de um modo transformador e criativo. Tal mudança exige que o objeto da pulsão seja concebido dentro da rede de relações que o designaram como ‘objeto’.

Castoriadis argumenta, por exemplo, que a sublimação das relações “homossexuais” no relacionamento social, não significa apenas que houve uma renúncia à satisfação sexual que eventualmente alguém poderia oferecer, mas principalmente, que os outros tornaram-se indivíduos sociais e não meros objetos de desejo. Situação diferente de sociedades nas quais a “homossexualidade” foi instituída explicitamente.

A sublimação, fase final da socialização, implica assim uma alteração substancial no modo de ser da psique. Agora, sua tendência a buscar prazer se faz através de uma modificação do real, no real.

O direcionamento da sublimação é sintetizado por CASTORIADIS (1991: 358)

“ O prazer começou por ser proto-prazer da mônada psíquica, presença imediata da satisfação indistinta da representação ; tornou-se também erótico, no sentido restrito do termo, a partir do momento que uma representação diferenciada (ainda que rudimentar) do corpo aparece e faz deste, pela mediação do outro, um terreno privilegiado da satisfação. Para o indivíduo social um terceiro prazer aparece daí em diante (não necessariamente sempre consciente): o indivíduo pode e deve poder encontrar prazer numa modificação do ‘estado de coisas’ exterior a ele, ou na percepção de um tal estado de coisas”.

Essa transformação da psique, da ampliação de sua capacidade de alcançar o prazer através da mediação de uma significação instituída, que pode ser tanto ouvir e compor musicas, fabricar um objeto, ou dedicar-se a um trabalho de cunho político-social, coincide com a constituição do indivíduo social.

É neste sentido que se pode delimitar o ponto de contato entre a representação psíquica, o prazer que ela proporciona, e as instituições da sociedade.

4.5 - A QUESTÃO DA AUTONOMIA INDIVIDUAL

A idéia de autonomia aparece ao longo de toda a obra de Castoriadis. Quando discute as relações da psique e a socialização (1987: 39), ou sobre o indivíduo a coletividade e a sublimação (1987: 95), ou das relações da psique com o social-histórico (1992: 43), ou entre o indivíduo e a sociedade (1992: 121) ou sobre as relações da política e o indivíduo (1992: 111) ou no sentido político e individual (1991: 122).

Veja-se, resumidamente, como é trabalhada no pensamento de Castoriadis a autonomia, essa importante categoria de seu pensamento, a qual exprime a

possibilidade humana de fazer frente ao poder das significações imaginárias sociais.

Aqui, a mesma será abordada de acordo com a ênfase na vertente adotada neste trabalho : sua acepção individual interligada ao social.

O autor, para formular seu conceito de autonomia propõe completar o famoso “*Onde era o Id será o Ego*” (Wo Es war, soll Ich werden) de Freud, pelo seu “*Onde é o Ego o Id deverá surgir*” (Wo Ich bin, soll Es auftauchen).

Expliquemos melhor.

Castoriadis se refere à passagem de um trecho, no final da terceira das conferências de “**Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise**”, em que Freud defende a posição na qual o objetivo da psicanálise seria promover o desenvolvimento do Ego (sistema consciente) tornando-o mais independente do Superego a ponto de fazê-lo “**apoderar-se de novas regiões do Id**” (1991: 123) entendido como origem e lugar das pulsões.

Na opinião do autor, a frase de Freud sugere um certo exagero : que o Ego como instância psíquica deveria conquistar e eliminar as forças obscuras do Id, o que corresponderia colocar-se um objetivo impossível de ser alcançado. Tanto porque não haveria ser humano se suas pulsões fossem totalmente subjugadas pela razão ou pelo poder, quanto pelo fato de que isso implicaria na extinção daquilo que nos é essencial, a nossa imaginação radical.

Certamente, Freud sabia que esse objetivo assim formulado não poderia ser interpretado em termos absolutos. O que se propunha examinar seria a relação conflitiva entre as instâncias psíquicas, seus efeitos na subjetividade e o papel da análise.

Não se trata de eliminar instâncias psíquicas, mas sim de modificar a relação entre elas, de acordo com CASTORIADIS (1991: 123), quando considera que: “**O Ego deve tomar o lugar do Id - isso não pode significar nem a**

supressão das pulsões, nem a eliminação ou reabsorção do inconsciente. Trata-se de tomar o seu lugar na qualidade de instância de decisão”.

A autonomia, entendida não como um estado alcançável definitivamente, mas como um constante processo de conquista, seria, na visão do autor, justamente essa transformação do sujeito, que pressupõe uma profunda alteração da relação de sua consciência com o inconsciente. Uma transformação na qual

“(....) o Eu altera-se ao receber e admitir os conteúdos do inconsciente, ao refleti-los, e ao tornar-se capaz de escolher lucidamente os instintos e as idéias que tentará atualizar. Em outras palavras, o Eu tem que vir a ser uma subjetividade capaz de refletir, capaz de deliberação e de vontade”. (CASTORIADIS, 1992: 154)

O indivíduo autônomo seria aquele capaz de pensar e decidir sobre as questões de sua própria vida, sem se deixar dominar pelo discurso de um outro. Seja esse outro constituído pelas leis do inconsciente, seja o par parental interiorizado, seja a instituição da sociedade e sua história.

Castoriadis observa que o indivíduo perde sua autonomia, quando seu imaginário torna-se o fator determinante e regulador das suas decisões.

Por outro lado, o sujeito autônomo que deve surgir apesar do Id, certamente não é o sujeito cartesiano do “*eu penso..*”, nem uma figura totalmente independente de condições sócio-históricas - como se tratasse de uma entidade auto-suficiente submetida apenas à forças internas - nem submetido exclusivamente às determinações sua condição biológica.

Nas palavras de CASTORIADIS (1991:127) esse sujeito, “**Não é o sujeito-atividade pura, sem entrave nem inércia, este fogo-fátuo dos filósofos subjetivistas, esta flama independente de qualquer suporte, liame e alimento**”.

A autonomia é auto-regulação, atividade do sujeito que pressupõe a inerência recíproca entre ele próprio e seu objeto de pensamento. Uma significação que estará sempre presente, não como empecilho e dificuldade, mas

como condição de trabalho para que o sujeito construa seu próprio discurso. Uma significação que nunca poderá ser só do sujeito, nem só do outro. É uma resultante de um processo que é condição de possibilidade de si mesmo e do outro, como outro.

O discurso do sujeito autônomo é aquele que é capaz de discriminar o seu próprio discurso, do discurso do outro, de estabelecer distinções entre os valores que são seus e os que são do outro, de fazer suas próprias regras sem pretender extinguir sua peculiaridade universal de atribuir sentidos, que não existem por si mesmos, na sociedade e na história.

O autor resume com brilhantismo sua concepção expressa na proposição que inverte, e ao mesmo tempo complementa a máxima freudiana (Onde é o Ego, o Id deverá surgir): "O desejo e as pulsões - quer se trate de Eros ou Thanatos - sou eu também e trata-se de levá-los não somente à consciência, mas à expressão e à existência". (1991: 126)

Assim entendido, o processo da autonomia individual, está muito longe de supor a eliminação ou conquista de uma instância psíquica sobre outra, mas sim de uma relação de coexistência entre elas, estabelecida por um sujeito que não é aquele abstrato, idealizado, absoluto, mas um que é afetado pelo mundo e pelos outros, que exercita sua capacidade de reflexão e deliberação.

Em suma, releva-se aqui o pensamento de Castoriadis, na vertente que mantém as interseções com um campo de conhecimento que chamariamos de psicossocial, na medida em que suas formulações procuram responder à questão da psique face a sociedade na história.

A primazia dada ao imaginário nesta construção, tornou-se uma das razões principais para adotá-lo como base teórica na análise da questão objeto deste trabalho, considerando que a aproximação ao perigo tendo as condições necessárias para evitá-lo, estaria sujeita à influências que não se restringiriam a considerações racionais.

Na própria formulação da questão central deste trabalho, já se explicita de alguma forma, a suposição de que a lógica dedutiva não seria suficiente para formar a base da compreensão do fenômeno estudado. Em outras palavras, de que haveria a necessidade de se adotar uma outra perspectiva mais rica e fecunda.

Espera-se que a análise dos dados obtidos, fundamentada na importância da dimensão imaginária do sujeito tal como pensado por Castoriadis, traga alguma elucidação ao problema estudado.

5 – A ORGANIZAÇÃO E CATEGORIZAÇÃO DO MATERIAL.

Pode-se resumir o tratamento dos dados colhidos em 3 (três) etapas distintas:

- transcrição e primeira leitura;
- categorização dos temas recorrentes : os núcleos temáticos;
- análise e discussão dos núcleos temáticos.

Após a realização das 14 (quatorze) entrevistas, procedeu-se a transcrição completa dos depoimentos gravados em fita cassete, cuja duração média foi de duas (02) horas.

Em seguida, realizou-se a leitura de todas as entrevistas, com o objetivo de formar uma visão geral dos depoimentos, face aos objetivos da pesquisa.

Desta primeira leitura destacou-se o depoimento do sujeito A, por abordar todos os aspectos que a pesquisa pretendia analisar. Entre os demais entrevistados, o sujeito A foi o que forneceu informações mais nítidas sobre a questão da exposição deliberada ao perigo, referindo-se à passagens marcantes de sua história pessoal, abordando lembranças significativas pertencentes a diferentes fases de sua vida, retratando uma experiência pessoal diversificada,

permitindo conexões extremamente instigantes e significativas para os objetivos deste trabalho. Por esta razão foi adotado como um elemento organizador dos dados colhidos.

Ao compará-lo com os demais depoimentos foi possível agrupar conjuntos de informações em núcleos temáticos.

A classificação de grupos de informações em núcleos temáticos, reúne as principais conexões significativas observadas ao longo das entrevistas, que tiveram como ponto de partida a mesma indagação para todos os entrevistados.

Cada entrevistado, ao abordar o impacto do surgimento do HIV, focalizava com diferentes graus de profundidade e clareza aspectos de sua experiência pessoal, que foram agrupados em temas que emergiam nas entrevistas com uma certa regularidade.

Observou-se, por exemplo, que ao falar sobre o que representou na sua vida o conhecimento da existência do HIV e das formas de contaminação, o entrevistado tendia a relatar suas experiências sexuais anteriores, seu modo de perceber sua preferência homoerótica, a repercussão emocional da associação entre o risco de contaminação e sua prática sexual homoerótica.

Em apenas alguns depoimentos foi necessário que o pesquisador tomasse a iniciativa de tocar em algum dos pontos do roteiro mínimo, cuja composição também surgiu da análise das entrevistas iniciais, realizada na primeira etapa da pesquisa de campo.

As indagações do pesquisador se resumiram em esmiuçar trechos dos depoimentos, incentivar os entrevistados a esclarecerem conteúdos que eles próprios atribuíam alguma importância.

As perguntas formuladas pelo entrevistador ao longo das entrevistas, visaram, portanto, clarificar os pontos abordados de acordo com o sentido que os entrevistados procuravam conotar.

Acredita-se que tal procedimento tenha servido tanto para a identificação de semelhanças e diferenças nos depoimentos, como também para se destacar as interrelações significativas associadas ao ponto central da pesquisa.

Os núcleos temáticos são os seguintes :

1 - Impacto e repercussão da informação da existência do HIV na vida do entrevistado. Primeiras reações, lembranças.

Neste primeiro tópico objetivou-se agrupar as informações quanto :

- a) identificar mudanças no comportamento sexual provocadas pelo conhecimento do HIV e suas formas de transmissão;
- b) formar uma visão geral do impacto subjetivo, as primeiras reações e o modo como foram representadas.

2 - O surgimento do desejo homoerótico, a consciência e assunção de uma preferência sexual e a composição de auto-imagem.

Neste núcleo temático foram reunidas, mais detalhadamente, as representações associadas ao HIV, surgidas no momento a partir do qual os sujeitos tomaram conhecimento do vírus. Aqui tentou-se fazer um histórico da presentificação do vírus, remetida à forma como os sujeitos significaram a configuração de sua preferência sexual, considerando o surgimento, a assunção do desejo homoerótico e a auto-imagem elaborada ao longo desse processo.

3. Estilos de vida sexual e amorosa e a significação imaginária da exposição ao perigo.

Aqui organizou-se os elementos que definem uma linha de conduta mais atual, um estilo peculiar de relacionamento afetivo e sexual, contemporâneo à realização da pesquisa. Espera-se identificar as principais representações imaginárias que organizam tais estilos, verificando suas interrelações com a exposição ao perigo.

6 - OS NÚCLEOS TEMÁTICOS

6.1 - O IMPACTO DO SURGIMENTO DA AIDS E AS PRIMEIRAS REAÇÕES.

Um olhar panorâmico sobre os depoimentos acerca da questão inicial da pesquisa, revela reações variadas frente a um mesmo tema.

Os entrevistados, em seus depoimentos, expressaram francamente os múltiplos sentidos que o HIV passou a ter em suas vidas desde o momento que dele tiveram notícia.

Contudo, apresentaram uma característica constante: longe de sugerir algum empreendimento de autodestruição os entrevistados expõem-se ao perigo de contaminação, em diferentes graus, apesar de estarem informados dos procedimentos necessários à prevenção.

Como esclarecer essa questão que aparentemente se traduz como uma espécie de loucura, de desrazão ?

Estaria-se diante de um paradoxo no qual o horror da morte não exclui o envolvimento em atividades que podem levar à morte?

Qual perspectiva adotar para que o que nos parece inicialmente desprovido de sentido, possa adquirir algum significado?

Todos os sujeitos do grupo, sem exceção, praticam o sexo oral sem proteção.

De acordo com o manual da Sociedade Canadense de AIDS, esta não é uma atividade totalmente segura. As atividades sexuais desprotegidas que envolvem troca de fluidos corporais como sangue, urina, esperma, saliva, secreção vaginal ou pré-ejaculatória apresentam risco de contaminação em grau a ser considerado.

Pelo fato de a AIDS ainda ser uma doença letal, sexualmente transmissível, cujos veículos de transmissão do HIV estão satisfatoriamente conhecidos, poder-se-ia esperar uma atitude preventiva mais firme e decidida, supondo-se que a preservação da vida do indivíduo tenha uma conotação simbólica, reconhecida individualmente e legitimada pela sociedade.

Tudo indica que algo parece escapar de uma rígida racionalidade.

Os conhecimentos instituídos e difundidos quanto às condições de contaminação do vírus, não chegam a impedir que os indivíduos entrevistados envolvam-se em atividades potencialmente letais.

A consciência do risco não é suficiente para desencadear as ações preventivas esperadas.

A compatibilidade lógica entre os conhecimentos adquiridos sobre a prevenção e o comportamento sexual não poderia ser apresentada como uma característica uniforme do grupo. Na hipótese de haver um tipo de racionalidade a dirigir as atividades sexuais do grupo, não seria aquela que avalia e mede conseqüências danosas ao sujeito, levando-o a evitá-las.

A análise deste primeiro tópico evidencia que apesar dos modos diferentes de representar um mesmo objeto fatural, eles mostram-se extremamente

Qual perspectiva adotar para que o que nos parece inicialmente desprovido de sentido, possa adquirir algum significado?

Todos os sujeitos do grupo, sem exceção, praticam o sexo oral sem proteção.

De acordo com o manual da Sociedade Canadense de AIDS, esta não é uma atividade totalmente segura. As atividades sexuais desprotegidas que envolvem troca de fluidos corporais como sangue, urina, esperma, saliva, secreção vaginal ou pré-ejaculatória apresentam risco de contaminação em grau a ser considerado.

Pelo fato de a AIDS ainda ser uma doença letal, sexualmente transmissível, cujos veículos de transmissão do HIV estão satisfatoriamente conhecidos, poder-se-ia esperar uma atitude preventiva mais firme e decidida, supondo-se que a preservação da vida do indivíduo tenha uma conotação simbólica, reconhecida individualmente e legitimada pela sociedade.

Tudo indica que algo parece escapar de uma rígida racionalidade.

Os conhecimentos instituídos e difundidos quanto às condições de contaminação do vírus, não chegam a impedir que os indivíduos entrevistados envolvam-se em atividades potencialmente letais.

A consciência do risco não é suficiente para desencadear as ações preventivas esperadas.

A compatibilidade lógica entre os conhecimentos adquiridos sobre a prevenção e o comportamento sexual não poderia ser apresentada como uma característica uniforme do grupo. Na hipótese de haver um tipo de racionalidade a dirigir as atividades sexuais do grupo, não seria aquela que avalia e mede conseqüências danosas ao sujeito, levando-o a evitá-las.

A análise deste primeiro tópico evidencia que apesar dos modos diferentes de representar um mesmo objeto fatural, eles mostram-se extremamente

resistentes às campanhas de esclarecimento e informação, aos fortes sentimentos de perigo associados, e até mesmo a consciência do avanço da epidemia.

Informados pela concepção de Castoriadis do imaginário, em seus níveis social e individual, considerou-se relevante refletir sobre a hipótese na qual a aproximação ao perigo - como se poderá ver - não está determinada nem por fatores racionais, nem por condições estritamente simbólicas, de significado rígido e acabado.

No decorrer das entrevistas, afirmações contraditórias sucederam-se sem que nenhum dos sujeitos tenha se apercebido desta ambigüidade.

Em determinado momento afirmava-se o conhecimento das formas de transmissão do HIV e em outro relatava-se a prática sexual arriscada.

Veja-se o que dizem os entrevistados sobre a repercussão em suas vidas do fato de saberem como o HIV é transmitido:

O sujeito A, de 36 (trinta e seis) anos, engenheiro e professor de línguas observa:

“Quando eu soube do HIV, foi há muitos anos, eu morava em V [pequena cidade do interior de Minas Gerais], eu estudava na faculdade. Foi nessa época [refere-se aos anos 82, 83, 84] que se começou a ouvir falar de AIDS e meus encontros homossexuais na época [aos 22 (vinte e dois) anos] eram raros mesmo, enfiado lá no meio do mato, não tinha nenhum tipo de cuidado mesmo. Mas eu sempre tive muita consciência disso, eu sempre soube que não pode transar sem camisinha, tanto que mesmo em 84, naquela época já havia publicações americanas, revista Colt. Quando eu ia a Juiz de Fora ou vinha ao Rio eu já tinha acesso a esse tipo de coisa. Eu lembro que eles se referiam ao “câncer gay” e tinha anúncios em sauna (...) Então eu já tinha informação. Desde muito tempo todo mundo sabe que AIDS pega por sangue, espermatozoides, e no início se acreditava que por saliva também (...) E eu acho que o que me salvou até aqui foi a minha hipocondria, porque eu sempre achei que se há uma doença

nova na praça... ôpa! seja ela qual for eu sou um candidato. Não sei bem o que é mas eu vou pegar. E eu sempre me precavi muito por causa do meu medo de ser a próxima vítima (...)" (sic)

Em seu depoimento destaca-se menos a impropriedade do emprego da palavra *sempre*, do que uma certa consciência de que as precauções tomadas tardiamente - bem depois da época em que soube do HIV - devem-se principalmente a um medo hipocondríaco, do que propriamente à informações obtidas racionalmente, através de alguma campanha ou matéria veiculada pela mídia.

Já o sujeito B, 31 (trinta e um) anos, arquiteto e designer, reagiu inicialmente ignorando a possibilidade de ser atingido pela contaminação, apesar de uma vida sexual bastante ativa, sem ter a menor idéia do motivo que o teria levado a agir dessa forma:

"Eu lembro bem a primeira vez que eu recebi essa notícia foi assim meio, ainda era... ninguém sabia nada sobre o assunto mas era uma doença que acontecia com os homossexuais. No início era só isso, não tinha sobre drogas nem nada. Que era com os homossexuais, mas quando eu vi essa notícia, eu não senti que isso poderia ser comigo, prá mim não fez diferença, eu ignorei. Hoje é que eu percebo que aquela notícia era importante que foi há muito tempo atrás. Acho que foi antes disso em 84... mas na época não me liguei muito não. Então foi passando e tal e... foi quando eu comecei minha vida sexual e foi bem ativa mesmo, quase todos os dias uma pessoa diferente, era bem galinha mesmo... Eu preferia ignorar esse ... perigo. Não sei alguma coisa me fazia que eu continuasse a ter relações sem segurança (...) eu não imaginava que isso podia acontecer comigo mas quando eu criei essa sensação dentro de mim de que isso [a contaminação] é real, que poderia acontecer comigo, eu revi todos os meus conceitos e mudei completamente minha maneira de pensar" (sic).

Referindo-se à morte de um ex-namorado contaminado, esta sim uma razão apontada para justificar uma mudança de atitude face à AIDS:

Eu vi de perto e relacionei ele à mim e isso [a contaminação] poderia mesmo estar acontecendo mesmo comigo. Eu precisei disso prá tomar consciência, eu precisei ver uma coisa dessa. É uma coisa involuntária minha, não assimilava isso que era uma coisa que acontecia comigo, que eu tinha comportamento de risco mesmo. Então deixava passar (...)" (sic).

O modo como cada entrevistado tomou conhecimento da AIDS e de suas formas de transmissão foi relativamente variado. Através da imprensa escrita ou televisionada, mortes de artistas famosos homoeroticamente orientados (como Rock Hudson, p. ex.), comentários de amigos, parentes, namorados, etc.

Foi diferenciada também a maneira que cada um reagiu emocionalmente.

Cada sujeito atribuiu uma qualidade peculiar, um significado pessoal à informação veiculada de diferentes formas.

As reações emocionais relatadas variavam do pânico à total indiferença, passando pela angústia, paranóia, medo e culpa.

Contudo foi somente através da morte de pessoas muito próximas que o grupo de fato passou a considerar a AIDS, como uma possibilidade real, como algo que pudesse de fato atingí-lo.

Pensar na morte do outro próximo afetivamente, tendo ou não acompanhado de perto o processo, constituiu a maneira mais eficaz de pensar na própria morte, tornando-se assim um fator desencadeante de algumas poucas mudanças no comportamento de risco, no grupo considerado.

O outro é aqui representado como qualquer coisa que é extensiva ao sujeito. Como se houvesse uma ligação entre vasos comunicantes. O outro não é percebido em sua alteridade fundamental, como alguém que tem sua própria vida, toma suas próprias decisões, do qual se está separado. O outro é percebido como uma projeção de si, uma réplica do Eu.

Esse modo de significar a morte de um outro, como uma fatalidade mecânica, embora seja referida como o principal fator a provocar alguma modificação na maneira de agir dos sujeitos, não é ainda resultado de uma elaboração que se poderia chamar racional, em que pese sua relativa eficiência.

Pode-se constatar que apesar de todas as reações serem diversificadas, individualmente a questão permaneceu colocada.

Para o sujeito F, 42 (quarenta e dois) anos, engenheiro e psicólogo, a justificativa para a adoção de comportamento de risco não é motivo de dúvida e ansiedade. É apenas uma espécie de hábito adquirido num estilo "promíscuo" de se relacionar sexualmente. Para ele o medo foi uma reação emocional inicial que atualmente está ultrapassada, encara o risco como próprio de quem está vivo e por isso não merece maiores preocupações. Em suas palavras :

"Acho que foi em 85, é, eu tava vivendo com um rapaz há quase 2 (dois) anos. Eu passei 8 (oito) anos com essa pessoa. Então foi muito curioso. Eu tava morando fora do Brasil, eu tava morando no Equador, porque eu tive uma representação técnica internacional, fui morar dois anos lá, 84-85, e no segundo ano esse rapaz que morava comigo na época eu tinha 31 (trinta e um) anos e ele 23 (vinte e três), uma coisa assim. Então ele tinha ido passar um tempo nos Estados Unidos prá aprender a falar Inglês e eu tinha ficado no Equador trabalhando. Então foi muito engraçado, foi na ocasião do Rock Hudson e apareceram aquelas mortes famosas e aí eu fiquei desesperado porque eu sempre tive uma vida muito promíscua e eu tinha muitos antecedentes de doença venérea... Então eu pensei: eu certamente peguei esse negócio (...) Então quando apareceu a AIDS eu fiquei horrorizado porque se eu já tive sífilis, gonorréia, hepatite B eu pensei: eu peguei esse troço (...) Aí voltamos pro Brasil em 86, eu fiz exame deu negativo, até hoje deu negativo. Aí eu vivi com ele até 90-91, aí eu fiquei sozinho, e foi muito difícil prá mim porque depois de quase dez anos com uma pessoa sempre sem camisinha e de repente voltar a vida sexual tendo que

usar camisinha... (...) Bom, prá encurtar a história de lá prá cá eu tive uma dificuldade muito grande com essa história de transar sem penetração, podendo fazer outras coisas... porque eu sempre transava de tudo que é jeito, com penetração e isso e aquilo, coito anal e oral, tudo entendeu? (...) Mas eu sou uma pessoa que tem muita dificuldade de transar com camisinha e... o meu terapeuta acha que eu tive muita sorte porque com esse histórico de doenças venéreas... Teve um ano que eu comecei a anotar as pessoas, com quem eu transava e as pessoas que ficava doente... Eu transei com umas 300 (trezentas) ou 200 (duzentas) pessoas num ano. Então ele diz assim : eu acho que você teve muita sorte porque você é uma das poucas que não pegou e talvez nunca pegue, talvez esteja no caso daquelas que entram em contato e não se contaminam (...) Então eu não gosto de usar camisinha. E... sim aí é o ponto. E às vezes que eu vou à boite, chego em casa de noite, meio tocado, tô com muito tesão, se não tem camisinha eu arrisco...(...)"(sic)

P. A idéia de ser contaminado pelo HIV não te assusta?

R. "Não, eu não tenho medo de morrer, não tenho medo de ficar doente...

Todo mundo morre algum dia de alguma coisa, de doença, de assalto entende? Se eu pegar AIDS é como eu pegar uma doença qualquer, eu não tenho muito medo, sou mesmo irresponsável, imprudente (...) Quando apareceu a doença que te falei que morava fora, eu tinha um medo extraordinário, hoje em dia eu não tenho não". (sic)

É de fundamental importância enfatizar que no discurso dos sujeitos identifica-se formas diferentes de justificar tal ou qual emoção através da composição de uma imagem que o sujeito faz de si.

Para o sujeito I, por exemplo, a questão está relacionada com uma auto-imagem que supõe adequada à um padrão seguro de relacionamento afetivo-sexual, valorizado positivamente : relações estáveis. Considera-se imune aos

riscos de contaminação mesmo abrindo mão do uso da camisinha, quando estava se relacionando com um parceiro que dizia amar.

Sujeito I, engenheiro naval, 35 (trinta e cinco) anos:

"(...) assim que eu descobri a questão do HIV, eu presenciei logo de cara uma pessoa portadora do vírus e que foi um caos porque todo mundo discriminava muito essa pessoa. Eu não me assustei porque eu não levava uma vida muito promiscua. Eu sempre fui uma pessoa muito tranqüila, tive um caso de 8 (oito) anos, depois tive uma outra de 3 (três) anos, mais uma outra de quase 3 (três)... Minhas relações eram estáveis, com a mesma pessoa, nunca fui uma pessoa que galinhei muito, nunca gostei de promiscuidade. Apesar de que eu tive vários namoros, eu tive encontros casuais com pessoas, mas o que eu fazia não me colocava em risco com o HIV. Nunca utilizei drogas injetáveis então disso eu não tinha medo. Com relação ao sexo eu tinha consciência do que eu tinha feito ou não com as pessoas. Eu só tive muito medo quando uma vez eu transei com uma pessoa e estourou a camisinha. Me deu um verdadeiro pânico, fiquei mais de 2 (dois) anos fazendo exame direto. Sabe quando você fica em pânico com uma história? E isso me leva a selecionar mais a pessoa que eu vou sair... eu normalmente sou seletivo, se eu conhecer uma pessoa eu já fico cheio de bloqueios prá eu sair com essa pessoa ou não, entendeu? Exatamente por causa dessa questão do HIV"(sic).

Após fazer um histórico de seus relacionamentos, indaguei:

P. Parece então que tu sempre levaste um estilo de vida no qual nunca te sentiste ameaçado ou exposto à algum risco ?

R. "É, nunca me senti ameaçado. Me senti uma vez que eu te falei que estourou uma camisinha comigo que eu fiquei em pânico uns 2 (dois) anos. Em pânico total. Engraçado que quando eu saio com alguém eu dificilmente sou passivo, logo de cara. Com essa pessoa aconteceu de ter saído com essa pessoa,

na segunda vez que eu saí com ela eu fui ser passivo e estourou a camisinha. E a gente só foi perceber depois que já tinha acontecido” (sic).

Mais adiante, ainda na seqüência do relato de seus relacionamentos:

P. *Nesse tempo todo tuas relações sempre foram com camisinha ? Nem quando tu gostavas ? Parece que há uma certa tendência das pessoas se prevenirem durante a fase inicial do namoro, depois que gostam relaxam...*

R. “O Dudu [alguém de quem gostou muito], por exemplo, era uma pessoa que tinha tido uma vida sexual bem ativa, ele falava. Mas era um cara esperto, sempre se cuidou. No começo a gente transava de camisinha, depois que a gente viu que se amava, queria ficar junto, a gente fez um exame, nos aconselhamos com um médico, o médico falou que tava ok, a gente parou de usar. Mas a gente fez um controle durante um certo tempo e depois a gente começou a transar sem camisinha, mas a gente foi acompanhado por um médico amigo nosso, a gente se aconselhou com ele”. (sic)

P. *Quer dizer que não foi uma coisa impulsiva?*

R. “Definitivamente não” (sic).

Para o sujeito J, 30 (trinta) anos, designer, paulista, formado em Comunicação Social, o pânico associado à idéias de promiscuidade e a prática sexual sem amor, não foram suficientes para que passasse a se prevenir adequadamente em suas relações. Como se poderá notar, ele mesmo admite haver em seu modo de agir aspectos que fogem aos seus próprios critérios, aos seus “valores” e a sua “moral”. Para ele o medo da contaminação acaba tendo um efeito inverso do desejado, ou seja, acaba por levá-lo à situações arriscadas nas quais diz não se sentir bem.

“Prá mim foi de pânico. Uma das coisas que eu questionei logo quando começou essa história do HIV, a hora que o mundo teve uma liberação sexual, veio uma doença prá cortar a liberação sexual. Que eu acho que não acabou, sinceramente eu acho que não acabou, pelo contrário as pessoas estão se

expondo mais ao risco do que antes. Porque eu acho que o desconhecido faz com que as pessoas se excitem. É a impressão que eu tenho no meio homossexual, que é o que eu conheço né? E prá mim foi primeiro o pânico.(...) Eu comecei a ter consciência [da existência do vírus] há 6 (seis) anos praticamente... Só que durante todo esse período dessa consciência, não sei se me travou, acho que não travou não. Certas coisas eu nunca fiz por não conseguir fazer..”(sic)

P. O que por exemplo?

R. “A penetração, eu nunca fui penetrado, entendeu? Já penetrei mas toda a penetração que eu fiz eu fiz com camisinha, exceto umas 2 (duas) ou 3 (três) vezes. O que é uma merda isso : você sempre dá uma escorregada... Eu já penetrei 2 (duas) ou 3 (três) vezes sem camisinha há um tempo atrás, mas já consciente de que existia o HIV”. (sic)

Situando o início de sua preocupação com a AIDS:

P. Prá ti data de 6 (seis) anos atrás que tu passaste a considerar o vírus?

R. “Sim. Porque antes eu não tinha nem relações sexuais, nem motivo prá me preocupar com isso”.(sic)

P. Nem com mulheres, nem com homens ?

R. “Com mulheres eu tive 2 (duas). Aliás, ah não, eu tô errando, tô falando besteira. Eu me preocupei antes porque eu tive uma professora que era diretora de uma escola, que eu andei saindo com ela, transamos e essa mulher morreu de AIDS. O primeiro pânico que eu tive foi quando eu soube disso, que ela tinha morrido de AIDS e eu sabia que tinha ficado com ela. Uma coisa meio de orgia, entendeu?... Uma bagunça. A primeira vez que eu me assustei foi quando essa mulher morreu de AIDS que era uma pessoa que eu tive relação...(...) Eu convivo muito com o medo de saber que uma pessoa que eu namorei, tá com AIDS. Sempre tô com medo..”(sic)

Tentando esmiuçar esse medo da contaminação:

"Eu acho que ele [o medo] me atrapalha por 2 (duas) coisas. Primeiro eu nunca tenho uma relação completa. E segundo que o fato de não ter faz com que eu fique é... um pouco mais promiscuo e mais superficial. Porque a partir do momento que eu fico com mais pessoas, acabo ficando mais superficial com essas pessoas, tendo 10% da relação que eu poderia ter. Fica uma coisa muito pobre. Parece que eu tenho que juntar 50 (cinquenta) prá ficar um pouco menos pobre. Ficando com 50 (cinquenta) parece que eu fiz tudo com uma só pessoa. Porque às vezes eu sinto que eu tenho um comportamento que não está dentro dos meus valores, da minha moral... Eu faço coisas que fogem um pouco dos meus valores, eu acho". (sic)

P. Que coisas seriam essas?

R. "Tipo fazer uma pegaçãozinha leve, de masturbar uma pessoa sem ter muito contato com a pessoa. Essas coisas mais de rua, de conhecer uma pessoa num bar e já ficar com essa pessoa numa noite. Amanhã, daqui há 2 (dois) dias tô com outra... Isso eu faço, mas não trabalho bem isso comigo, não trabalho não" (sic).

Mais adiante refere-se ao sexo oral:

"(...) O sexo oral também é de risco, e esse eu faço, por isso eu tenho medo" (sic)

P. E como é que tu sentes isso? Como é que tu te sentes quando tu percebes esse desejo de continuar fazendo sexo sem se prevenir?

R. "Com um pouco de raiva, de não tá conseguindo me controlar e não tá conseguindo mudar. Eu faço sexo oral mas não gozo na boca, mas nem pensar, não deixo. Então a impressão que eu tenho é que eu vou pro risco mas eu vou criando limites, só que esses limites que eu criei não são suficientes..". (sic).

P. Nem pensas em fazer sexo com camisinha?

R. *“Não. Não penso. Acho estúpido, ridículo... Eu sei que há risco, só que o risco é pequeno em comparação com a penetração..”*.(sic).

Para ele, sexo anal só numa relação que não fosse superficial, *“uma simples putaria”*: *“Camisinha é condição sine qua non prá sexo com penetração. A não ser em caso de descuido que eu tive poucos e não quero mais. 2 (dois) ou 3 (três) já foi muito, porque cada um que eu tenho eu fico uns 6 (seis) meses prá me recuperar deles”* (sic).

Os níveis de conscientização e assunção da escolha erótica, por exemplo, estão também relacionados à adoção ou não de certos cuidados preventivos. Contudo, não se pode atribuir relação de causa e efeito entre uma coisa e outra.

Uns com a opção sexual plenamente reconhecida não incorporaram de modo estável as recomendações seguras, continuaram praticando sexo arriscado, e periodicamente passando pelas aflições da espera dos resultados de exames anti HIV, como o já citado sujeito F, por exemplo.

Outros que quando não assumiam para si mesmos a escolha homoerótica, não se preveniam adequadamente por não considerarem estar incluídos no chamado *“grupo de risco”*, e quando passaram a ter relações continuaram a não considerar o risco de contaminação, como o sujeito N, 34 (trinta e quatro) anos, administrador de empresas, nascido no Rio de Janeiro, que relata :

“Eu tive conhecimento [da existência do vírus] no meio da década de 80. Era um conhecimento bem superficial mas nessa época eu ainda não era homossexual assumido, ainda não tinha despertado ainda não tinha me interessado pelo assunto. Na verdade eu tive conhecimento por volta de 85, não sei precisar exatamente a data, mas na verdade eu me confirmei como homossexual a partir de 87. A partir de 87 eu comecei a ter contato com um amigo meu que é homossexual... que tinha trejeitos que tinha fala que... foi a partir dele... isso não foi consciente não, mas foi se tornando consciente ao

longo dessa aproximação... que se discutia muito isso e a pessoa se tocou que eu ainda tava meio perdido nessa história de eu não me entender direito, de eu não saber realmente aquilo que eu queria... Até que um dia eu me dispus a conhecer alguém né? Eu fui a uma festa e... o tesão já estava lá em cima e tal (risos) rolou telefones e rolou o primeiro contato... Nessa época eu me arrisquei a ter contatos sexuais sem camisinha, sem preocupação com esse tipo de coisa. Eu acho que a minha preocupação naquele momento era muito mais conhecer o lado sexual e muito menos o risco disso né? A minha preocupação maior era conhecer o lado sexual, experimentar, na verdade experimentar, eu realmente não tinha nenhuma preocupação, eu estava disposto a qualquer tipo de coisa e isso era totalmente secundário prá mim". (sic)

P. Mas tu sabias naquela época como o vírus se transmitia ?

R. "Olha eu não sei se eu sabia ou se... não dava importância. Não pensava no assunto nem procurava saber... Eu não tinha a menor preocupação e eu não sei te dizer se o problema era a falta de preocupação ou a falta de conhecimento..".(sic).

Sujeitos que se consideravam "promíscuos" com alto nível de assunção de sua opção sexual, percebiam-se correndo perigo, quando eventualmente praticavam sexo anal (intercurso receptivo sem preservativo), pois associavam "passividade", "promiscuidade", com devassidão, culpa, contaminação e morte. Sentimentos esses que se estivessem regulados por um princípio racional, poderiam ser facilmente eliminados com o uso de um simples preservativo, encontrado em qualquer farmácia.

É o sujeito L quem conta :

Foi em 85-86 na época que eu havia retomado a minha vida homossexual, eu tinha começado há pouco tempo isso, essa retomada e eu não estava usando preservativo. Ainda transei umas 2 (duas), 3 (três) vezes sem preservativo. E eu comecei a encucar muito com essa questão de... ter AIDS... de estar condenado a

morrer por ser homossexual.. Eu tinha um parceiro, um caso que demorou uns 3 (três) meses, que foi muito importante prá mim... eu era passivo em relação a ele. Só que desde que eu o conheci em 87, por aí, eu desenvolvi um problema de... de... diarréia que por mais de 2 (dois) anos eu fiz um monte de exames prá saber se eu tinha algum problema, principalmente prá saber se eu tinha AIDS, fiz vários exames e não deu nada. Essa diarréia eu tenho até hoje. Mas eu tenho certeza que essa diarréia não está relacionada apenas à AIDS... é um processo de... de dificuldade emocional que me faz ter essas diarréias. Eu vivi durante 2 (dois) anos essa ansiedade de pensar que eu estava com AIDS porque nenhum resultado acusava nada, eu fiz todo tipo de exame, endoscopia, exame retal, proctológicos e não dava nada... até que um médico me disse : olha você não tem nada, vá viver sua vida. Aí aquilo parou por um tempo mas tem retornado. É uma questão que eu ligo à AIDS... que é a promiscuidade né? Em relacionamentos assim, que eu descolo e vou prá um hotel ou sauna... Me dá muita vontade de transar sem camisinha sabe? Eu fico quase no viés ali da coisa".(sic)

P. Você usa camisinha em todos os tipos de prática sexual?

R. "Não, só na penetração". (sic)

P. Sexo oral...

R. "Eu faço sem camisinha". (sic) (...) Existem informações científicas vulgarizadas na imprensa que dizem que você contrai... o vírus da AIDS através da felação, quando não se usa camisinha. Outros dizem que pode acontecer mas é raro. Então eu vou no risco de que não... não... prefiro acreditar que não é provável. Porque também a gente vive uma situação que não dá prá fazer nada. Porque... penetração não é possível sem camisinha, sexo oral pode ser perigoso, o beijo pode transmitir AIDS, existe até o medo de transmitir AIDS pelo beijo, que os cientistas dizem que não é possível mas a fantasia da gente imagina isso... é um motivo de insegurança da gente... você vive totalmente inseguro, qualquer

tipo de contato é... grosso modo passível de contaminação... (...) Eu procuro tomar cuidado. Às vezes não tomo cuidado em certas situações mas é um pouco um jogo de roleta russa. Tomo cuidado às vezes e outras não tomo tanto. Quando eu digo que eu não tomo cuidado é no sentido de chupar um cara qualquer, que eu não estou vendo no escuro quem é..". (sic)

Entre os 2 (dois) sujeitos mais jovens, que começaram sua vida sexual já informados da existência da AIDS, parece ter havido uma preocupação mais ajustada à prevenção, sem no entanto tornar-se completamente adequada ao modelo de sexo seguro. A imagem feita é a de um fantasma que ameaça aqueles que gostam de se relacionar sexualmente com homens, infundindo medo e culpa.

O sujeito C, 21 (vinte e um) anos, estudante universitário, afirma :

(...) "Eu me lembro da AIDS a partir da morte do Rock Hudson, foi em 85, eu tinha uns 8 (oito) anos... Mas naquela época não me afetou, eu tava tão... eu não tinha vida ainda assim né?". (sic)

P. Vida sexual?

R. *"Sim. Mas eu já me sabia, se é que pode né? Mas era uma coisa que estava ainda meio recalcada né? Tava meio escondido esperando a hora prá se manifestar e naquela época em si não teve impacto. Mas aí falaram que era uma peste gay. Nesse ponto não me afetou mas eu fui crescendo com esse fantasma na minha cabeça. Ai meu Deus quando começar, quando chegar a minha hora de começar a minha vida, como vai ser?". (sic)*

Sua primeira experiência sexual foi com 20 (vinte) anos, 1 (um) ano antes da entrevista :

(...) "Deu certo naquele momento. Durou pouco e em relação à AIDS agente só transou uma vez, transa completa né? Mas mesmo assim foi só uma coisa de reconhecimento. Então a gente não usou camisinha porque eu já sabia do passado dele e ele sabia do meu..". (sic)

P. Foi a primeira vez prá ambos?

R. *“Prá ambos. Mas mesmo sendo a primeira vez foi só reconhecimento se é que existe isso né? Não foi uma transa completa, a gente nem chegou a gozar. Mas a partir disso só com camisinha... Porque você não está 24 horas com a pessoa, você pode confiar, mas eu sou do tipo que confia desconfiando... Porque não dá prá você se descuidar e... eu não consigo, eu nunca conseguiria me descuidar e ficar com a cabeça numa boa, relaxar..”..(sic)*

No segundo relacionamento, mais longo e no qual o sujeito diz ter se envolvido afetivamente com o namorado, os cuidados já não foram tão rigorosos:

(...) “Eu já vim com aquilo pesado na cabeça: sexo só com camisinha, sexo oral com cuidado, com todo o cuidado, não quero me arriscar de forma alguma..”.. (sic)

P. Vocês usam camisinha para sexo oral?

R. *“Não, mas a gente tá pensando em fazer..”..(sic)*

O sujeito D, 26 (vinte e seis) anos, também estudante universitário, afirma ser de um tempo no qual a prevenção seria uma idéia facilmente absorvida por ele, embora continue a praticar o sexo oral sem preservativo :

“Eu não peguei um tempo sexual sem AIDS né? A minha prática já foi dentro dos tempos da AIDS. E foi mais ou menos com essa idade [19 (dezenove) anos] que eu comecei a praticar sexo com homens... A primeira pessoa com quem eu transei que foi o C. ele foi super carinhoso e atencioso. Foi cuidadoso na forma como a gente transava. E se eu o penetrava ou se ele me penetrava, tudo era explicado com muito cuidado e a prática era toda feita com muito cuidado, lubrificante... com camisinha (...) Agora o sexo oral... até é uma coisa que eles tem recomendado : não faça sexo oral sem camisinha; é uma coisa que eu não consegui incorporar ainda, ainda não consegui engolir direito..”.. (sic)

O sujeito E, 34 (trinta e quatro) anos, administrador de empresas, reagiu primeiramente com indiferença:

"Olha na época que eu tive conhecimento disso eu vivia numa região muito tranqüila isso era um folclore, eu vivia em Belém nessa época, então quando surgiu essa história toda dessa peste negra, essa coisa que todo mundo comentou, prá mim não teve repercussão nenhuma... Lembro que isso foi mais ou menos no ano de... foi há uns 9 (nove) anos atrás, coloca aí 86... [aos 23 (vinte e três) anos aproximadamente] já tinha lido uma coisinha mas era uma coisa distante, uma coisa de Estados Unidos, de gueto, era muito fora da minha realidade... Era a história da carochinha, não era um fato dentro da minha cabeça, da cabeça de quem estava comigo, no meio que eu vivia, das boates que eu freqüentava. Não era um fato, aquilo era uma história. Naquela época, principalmente no Brasil, nós éramos muito distantes do exterior, então as notícias... não tinham casos no Brasil. Tinha casos lá fora, era uma coisa que a gente acreditava que existisse lá e não aqui. Então eu não tive despertar de consciência de segurança nenhuma nenhuma". (sic)

P. Mas tu não sabias que o vírus era transmitido através do esperma...?

R. "Sabia...eu tava bem informado sobre o assunto, mas é como eu te digo, prá mim era ficção, não era um fato..". (sic)

A consciência do perigo só veio mais tarde:

"Fui morar no exterior, fui morar na Venezuela. Lá eu comecei a me cuidar... a medida que eu fui entrando no mundo gay da Venezuela, eu ouvia as pessoas falarem de um amigo que tinha... de um conhecido, de uma pessoa que tinha vindo dos Estados Unidos, de um venezuelano, e justamente nessa época que eu vi que a coisa estava próxima de mim. E foi quando eu comecei a me cuidar, a usar preservativo... e aí sim eu instituí isso na minha relação sexual..". (sic)

Mais adiante na entrevista :

P. Prá ti o exercício da vida sexual entre homens não está mais ligado a nenhum tipo de associação perigosa? Como tu vês a prática da vida sexual entre homens?

R. *“Eu vejo da seguinte forma: do sexo oral por exemplo, eu acho que através sexo oral desde que não haja ejaculação, eu acho que os perigos são ínfimos, dentro do que eu leio, do que eu procuro. São ínfimos. Então eu ainda... só se a pessoa me despertar alguma suspeita, aparente suspeita. Mas no sexo oral eu ainda acho que a margem de contato é mínima (...) Prá ser honesto isso [a AIDS] não mudou em nada minha forma de transar. Absolutamente nada. Eu transo exatamente na época que eu não usava como hoje exatamente igual. A única coisa que existe entre eu e a outra pessoa é um elemento plástico que nos separa... Única coisa. Mas se eu falar que algum dia eu fiquei reprimido, que tinha vontade de fazer isso e não fiz é mentira. Estaria te mentindo...” (sic)*

Registre-se que neste depoimento, mais uma vez, não é o conhecimento da prevenção que promove mudanças de comportamento. Neste caso as razões de possíveis mudanças no comportamento de risco estão ligadas a morte de pessoas próximas, ou a mera sensação de desconfiança “aparente”, e desprovida de maiores fundamentos.

UMA SÍNTESE INTERPRETATIVA:

A busca do prazer, especialmente o sexual, se julgada por parâmetros de cunho científico ou de conotação moralizante, há de tornar-se incompatível com uma determinada ordem estabelecida.

A crença de que é possível conhecer os dados da realidade que se oferecem à observação, ignorando os condicionamentos e a aderência do sujeito aos contextos sociais, configura o que na aparência chamaria-se de objetivismo ingênuo, mas no íntimo abrigaria uma vocação autoritária.

A inclusão do perigo na vida de relação interindividual seria concebida como indesejável, contrária às normas técnicas de higiene, suscitando práticas de intervenção profiláticas ou preventivas, visando a correção do comportamento considerado desviante, como no caso, por exemplo, das doenças transmissíveis sexualmente. Trata-se de uma racionalidade que ao levantar as causas e conseqüências da situação em foco, as possíveis estratégias de ação e os instrumentos adequados à realizá-las, tenderia a intervir no nível das instituições, comportamentos e valores. Em nome de uma profilaxia a serviço dos ideais higiênicos emergiriam formas mais ou menos sutis de exclusão e dominação.

Através da imposição de regras justificadas "*cientificamente*" poderia-se reprimir, liberar, controlar as ações dos indivíduos de maneira "*objetiva*", "*neutra*", supostamente fora das relações de poder. Loucos ou indesejáveis seriam todos os que transgredissem os padrões estipulados cientificamente.

O entendimento que se tem do pensamento de Castoriadis nos leva a trilhar um outro caminho.

Nos faz crer que uma das maneiras de compreendermos os indivíduos e seus atos aparentemente loucos, paradoxais, é considerá-los através de uma outra perspectiva: a da indeterminação. Esta sim mais abrangente e capaz de nos alertar para a dimensão humana dos problemas humanos.

Com Castoriadis entende-se que cada sociedade cria um mundo e faz ser seu esse mundo.

Um mundo imaginário no qual tudo o que existe é significação.

Um mundo de significações e instituições sociais interligadas em rede, que permeia, orienta e dirige a vida social. Significações que se conectam umas às outras indefinidamente, através de um modo que lhe é próprio: o remetimento.

Toda significação remete a um número indefinido de outras significações.

Neste mundo, não há uma relação necessária e rígida entre significante e significado e nem mesmo uma relação necessária entre significados.

O remetimento, segundo CASTORIADIS (1987:235)

“... opera essencialmente por meio de um *quid pro quo*, um ‘x está no lugar de um y’, que, nos casos não triviais, é ‘arbitrário’, vale dizer instituído. Este *quid pro quo* é o núcleo daquilo que denomino relação signitiva - a relação entre o signo e aquilo de que ele é signo, que está nos alicerces da linguagem”.

Tal relação traduz não só a propriedade de uma idéia poder estar relacionada a uma outra, mas principalmente a de poder estar no lugar de outra sem que para isso haja alguma obrigatoriedade.

Trata-se de uma relação que não obedece apenas a regra da lógica formal. Vai além, seu significado decorre da maneira particular como escapa dessa lógica sem ao mesmo tempo, excluí-la.

É outra a lógica das significações imaginárias.

Seu modo próprio de articular-se deve-se à integração entre os elementos constitutivos da representação : a idéia, o afeto e a intenção. É neste sentido, uma lógica que não depende do mero cumprimento de uma exigência formal, mas sim de uma dinâmica cujo significado depende dos valores que o sujeito atribui a cada vez à aspectos de seu mundo.

Assim, nenhuma “*realidade*” - mesmo aquela que se pode submeter a um tratamento experimental, numa tentativa de objetivá-la - pode ser concebida fora de um quadro categorial que lhe confere sentido.

O que é apresentado como objetivo, racional e lógico, é tão imaginário quanto o que, em princípio, é definido como caótico e ininteligível.

É o mundo das normas, dos valores e da linguagem que gera a significação entre os seres humanos, e não “*a realidade*” ou a “*racionalidade*” em si mesmas.

Os indivíduos constituem a encarnação instituída e instituinte da sociedade. São o resultado de um complexo processo de atuação da sociedade instituída sobre a psique.

A psique torna-se um indivíduo quando sofre um processo de socialização.

Os indivíduos são, portanto, a versão socializada do sujeito, resultam das imposições da sociedade instituída. Mas, exprimem, também, a tensão permanente entre as exigências unificantes da psique cuja tendência predominante é fechar-se sobre si mesma, configurando um modo de ser ambíguo e contraditório.

A psique é um processo representativo onde a emergência e a colocação em relação das representações é efetuada como realização de uma intenção inconsciente acompanhada de um afeto. É um processo regido pelo princípio do prazer, no qual tudo o que existe é o que deve existir.

Para Castoriadis a melhor analogia que se pode fazer para representar o que chamou de "*monada psíquica*" é a do pinto em sua casca.

Enquanto a tendência da psique é evitar a quebra de uma unidade na qual nada falta, a sociedade acaba por impor a ela significações que demarcam o aparecimento do outro, da diferença.

Cada indivíduo, no decorrer da socialização, elabora uma imagem de si e do mundo tentando construir um conjunto significativo, uma organização subjetiva. Esta imagem, mais ou menos estruturada a partir da experiência, utiliza em sua composição uma certa racionalidade na organização dos dados, um sentido que a lógica impõe à razão. Além disso, sua composição e ordenamento se faz de acordo com as significações, que como tais não dependem do racional, não obedecem às regras da lógica formal e sim do imaginário.

Por isso, são num primeiro momento contraditórias, incompatíveis com a lógica da vigília, trazem consigo a marca da oposição entre a psique e a sociedade que se manifesta através da linguagem.

A ambigüidade, as contradições contidas no discurso dos entrevistados, refletem tão somente a existência de representações que compõe um modo imaginário de ser, cujo sentido maior poderá ser melhor compreendido se nos

dispormos a seguir a lógica das significações, deixando de lado o objetivismo científico.

O imaginário tal como concebido por Castoriadis, é uma capacidade de evocar e criar uma imagem, de gerar significações no interior de um fluxo representativo que emerge de forma indeterminada, sem que o real ou o racional sejam elementos determinantes para sua manifestação.

Significações, imagens dotadas de efetividade, capazes de produzirem efeitos concretos, observáveis na vida social e individual, são tão efetivas que podem ser capazes de levar alguns, senão todos, a caminhar bem próximo do abismo.

Os depoimentos que se traz até aqui, expressam nitidamente essa efetividade das representações imaginárias.

O imaginário a que se refere não é meramente sinônimo de ilusório, quimérico, um epifenômeno do real. Ao contrário, é ele que confere aos fatores reais tal ou qual importância, tal ou qual lugar no universo que a sociedade constitui para si mesma, que se expressa vivamente nos conteúdos e no estilos de vida social e individual.

Tanto quanto se expressa nas diferentes histórias de vida dos homens que se entrevistou na pesquisa. Cada um deles expressando derrotas e vitórias nesta luta constante da psique contra as normas e valores da sociedade. Cada uma dessas histórias significando graus diferenciados de internalização das significações sociais, manifestando-se aqui nos diversos graus de exposição ao risco de contaminação.

Quer se trate de fenômenos coletivos ou de atos individuais, ter-se-á sempre que considerar o modo como as representações imaginárias organizam os significados dos fatos da vida, percebidos na experiência.

Cada um de nós, como indivíduos fabricados na e pela sociedade, expressa-se através de um modo de pensar, agir e sentir, de acordo com o conjunto de significações que compõe o próprio imaginário.

É ele que orienta e dirige o modo particular de ser e viver .

Inventa-se o mundo em que se vive e geram-se os anjos que elevam as esperanças ou os demônios que se nos atormentam e desiludem.

As contradições destacadas nos depoimentos são próprias do imaginário pessoal ou coletivo, por conseguinte, de qualquer ser humano. Não são racionais e também não são, necessariamente, manifestações patológicas.

No universo pesquisado, os riscos de contaminação são investidos de uma significação que não tem correspondência simbólica total e absoluta. O que é consensualmente aceito, as formas de transmissão do HIV e de sua prevenção são resignificados no contexto das relações afetivas e sexuais dos homens entrevistados. Esta resignificação sob domínio do imaginário mostra-se através de uma flexibilização da relação entre o significante e o significado, alcançando uma certa autonomia do simbólico.

Por esta razão, talvez, a prevenção através de métodos facilmente utilizáveis, como o uso de um simples preservativo, encontre nos referidos sujeitos a relutância aqui apontada.

Passando ao domínio do imaginário, usar ou não usar o preservativo, fica associado à outras representações imaginárias cujas relações parecem ser simultaneamente complementares e antagônicas.

Se é assim, não se quer dizer que necessariamente continuará a ser, como um destino inexorável e imutável.

A lógica associativa própria do imaginário ultrapassa as regras formais da lógica identitária que privilegiam ao excesso, as causas e as conseqüências.

Aumentar a eficácia da prevenção do HIV entre homens homoeroticamente orientados, implica conhecer mais e melhor seu imaginário.

Buscar as conexões próprias do grupo focalizado, tendo consciência dos limites das campanhas preventivas, da informação, evitando aprofundar os cortes estigmatizantes que só trazem mais sofrimento aos indivíduos envolvidos, contribuindo muito pouco para a contenção da epidemia.

6.2 - O SURGIMENTO DO DESEJO HOMOERÓTICO, A ASSUNÇÃO DE UMA PREFERÊNCIA SEXUAL E A CONSTRUÇÃO DA AUTO-IMAGEM.

Talvez não seja demais lembrar que do ponto de vista etiológico a síndrome da imunodeficiência adquirida (SIDA/AIDS) é inequivocamente infecciosa e viral. Seu agente causador é o vírus denominado HIV, cuja principal forma de transmissão ocorre por via sexual.

No entanto, é possível se verificar, que o sentido do HIV não se restringe apenas ao âmbito sanitário ou epidemiológico. Como todo e qualquer signo ele pode adquirir outros significados, na medida em que, diferentes valores lhe sejam atribuídos pelos indivíduos, nos mais variados momentos históricos.

O título deste segundo núcleo temático, assinala os tópicos através dos quais espera-se demarcar os diversos aspectos que a significação do HIV assumiu entre os sujeitos da pesquisa, localizados nos primeiros momentos em que tomaram conhecimento da existência do vírus.

Observou-se nas entrevistas, que a significação do vírus da AIDS não estava desvinculada da história da vida sexual e amorosa dos indivíduos, nem do modo como cada um, ao longo de suas experiências, incorporou sua orientação homoerótica na construção de sua auto-imagem.

Nos relatos, constatou-se uma tendência dos sujeitos situarem o início de suas preocupações quanto à AIDS, remetendo-se à história de seus

relacionamentos afetivo-sexuais, descrevendo a maneira como vivenciaram sua inclinação sexual, desde os primeiros momentos de sua realização.

Ao falarem sobre o impacto que o HIV teve em suas vidas, os entrevistados passaram a focalizar, mais ou menos longamente, episódios marcantes, passagens de suas experiências afetivas e sexuais, fornecendo subsídios para a composição de um pano de fundo ao qual o vírus da AIDS está associado.

Na presente seção, tentar-se-á captar no universo pesquisado, a significação específica do HIV face ao modo como os sujeitos experimentaram seu homoerotismo, como descobriram e como assumiram sua inclinação. Para tanto, serão descritos e comentados fragmentos dos relatos de 5 (cinco) sujeitos, que de modo mais característico abordaram a questão aqui analisada.

A análise que será feita em seguida, terá como objetivo destacar o efeito subjetivo do HIV, o nexu imaginário do vírus com a preferência homoerótica em diferentes momentos da vida dos sujeitos, inclusive no contexto familiar e social, realçando os elementos convergentes e divergentes encontrados no grupo.

O sujeito A, relata que passou a preocupar-se com o HIV na época em que morava em V (uma pequena cidade no interior do estado de Minas Gerais), durante os anos de estudo acadêmico, ao fim dos quais graduou-se em Engenharia Mecânica, aos 23 (vinte e três) anos.

(...) "Naquela época eu vivia com uma menina e... é lógico que eu já era homossexual. Eu já me entendo assim desde criança, mas por causa de uma dessas coisas que acontecem na vida, passa anos sem descobrir e às vezes nunca descobre, eu fiquei com essa garota. Nós ficamos 3 (três) anos juntos. Foi em 82, 83, 84 com ela. Foi nessa época que se começou a ouvir falar de AIDS (...)"
(sic)

Em seu depoimento, ressalta o sentimento que o HIV lhe despertou: um medo acompanhado da consciência de inadequação à sua realidade objetiva.

Embora tenha tido uma prática sexual protegida e realizado vários exames cujos resultados foram negativos, A, em determinadas fases de sua vida, continuava achando-se contaminado e prestes a morrer.

Primeiramente na época em que morou na Europa, após sua graduação em Engenharia:

(...) "Lá na X (país europeu para onde foi estudar) eu fiz uns 2 (dois). Eu fui num médico, que era gay, doctor Jacob, eu pedi prá ele fazer o exame. Enfiei na cabeça que eu tinha AIDS e ele disse: Não, não esquenta a cabeça com isso, mas você quer fazer... E fiz. Deu negativo. Depois... porque o neurótico ele não se convence, exame, qualquer tipo de documento não passa de mero... adereço. Na realidade já tá dentro dele. Eu fiz mancha na perna, eu fiz diarréia, fiz vários sintomas de AIDS várias vezes, cada vez que eu começava a pirar que eu tava com AIDS, eu antes de fazer o exame eu fazia os sintomas de AIDS. Perda de apetite, perda de pelo, pele ressecada.." (sic)

Posteriormente, já em 1993, conheceu um estrangeiro que visitava o Rio de Janeiro, pelo qual se apaixonou e com quem viveu intensamente um relacionamento sexual e afetivo durante 1 (um) mês :

(...) "Um pouco depois ele foi embora e disse que tava desenvolvendo um sentimento que ele não esperava que fosse acontecer. Achava que fosse uma coisa só de férias, só uma trepadinha e por isso ele se sentia na obrigação de sentar e escrever uma carta. 8 (oito) páginas, explicando toda a situação. Contou a vida dele inteira na carta, e disse que tinha o HIV. Ele era positivo. Ai falei assim: chegou o dia então. Transei com ele 3 (três) vezes por dia durante 1 (um) mês... agora eu tenho o vírus da AIDS, finalmente.." (sic)

P. E sem se proteger?

R. "Não. Eu sou neurótico, eu sempre me protegi. Mas o doido acredita que nada vai protegê-lo. Neurótico meu amigo, camisinha.." (sic)

P. Não serve prá nada?

R. *"Nada. Porque eu vou pegar e se o sujeito tiver eu pego. Eu acho que eu teria pego mesmo se ele não tivesse o vírus. Bom aí eu passei mal, fiz cena, chorei, desmaiei, escarrei, caguei, mijei nas calças. Aí esperei passar 1 (um) mês, imagina dentro da janela imunológica eu corri prá fazer o exame... Deu negativo, e é o que tá valendo até hoje..." (sic)*

Mais tarde, já separado de seu parceiro estrangeiro, o sujeito A reencontra-se com ele, agora numa situação diferente :

"Ele veio ao Brasil, veio muitas vezes ao Brasil, e não queria ficar lá em casa. Sempre aluga apartamento, em Ipanema. Mas uma coisa muito esquisita aconteceu. Eu não tenho mais coragem de transar com ele. Nunca mais... Agora, escute bem, é uma coisa muito doida porque conscientemente é o medo da AIDS, agora eu não sei o que é inconsciente aqui... eu faço análise há 2 (dois) anos, com uma maluca... Agora se conscientemente eu acredito que beijos e abraços e sexo com camisinha não pega AIDS, porque então eu não transo com esse homem que me dá um tesão louco e que eu gosto? A gente se tornou amigos a ponto de, já fizemos viagem pelos Estados Unidos, Europa, pelo Brasil, dormimos todas as noites na mesma cama, damos um beijinho de boa noite e viramos pro lado e dormimos com o pau duro. Que neurose é essa? É uma coisa que se chama medo de pegar AIDS, ou é uma outra conversão de rejeitar alguém que me quer a quem eu quero também e tô botando o discurso em cima do vírus da AIDS? Não sei, isso eu tenho que descobrir". (sic).

P. Você não tem a menor idéia ?

R. *"Conscientemente é o medo do vírus, eu tenho medo de pegar. Aí eu falo, porra, você não vai dar pro cara, ou se der vai dar com camisinha. Mas aí não faz sentido, quer dizer, no momento que você enfia uma coisa na cabeça, as coisas que são científicas, as verdades perdem o valor. A gente não tá aqui negociando com uma moeda de troca, a gente não tá mexendo com uma coisa*

real, a gente tá mexendo com o irreal, e com o irreal não dá prá discutir, é uma realidade que se impõe". (sic)

Considera-se relevante destacar aqui o caráter paradoxal da caracterização do vírus da AIDS no imaginário de A. Ligando o HIV na prática homoerótica e ao mesmo tempo dissociando-o dessa realidade, o sujeito questiona-se sobre as razões que poderiam levá-lo a se deixar dominar por um sentimento amedrontador e injustificado. Em alguns momentos, naqueles em que está apaixonado, seus temores se tornam realidade, densos de sentido não-ditos. Concretizam-se na sintomatologia da AIDS.

Embora tenha consciência de que suas "conversões" não se originam na realidade, este ainda é um motivo insuficiente para liberá-lo da irrealidade que acaba por se impor, dominando seus gestos e atitudes.

Mais adiante, em seu relato, após deter-se extensamente em um período que esteve morando na Europa (a ser descrito e comentado no próximo núcleo temático), é indagado acerca de suas relações familiares e sociais na época em que vivia em sua cidade natal, período no qual tomou conhecimento do HIV e já praticava sexo com outros homens.

Entrevistador: E a questão social? Os comentários, a família, a discriminação, o preconceito, como tu encaravas isso?

R. "Olha eu saí de casa muito cedo, saí com 17 (dezesete) anos. E de lá prá cá... ano que vem faz 20 (vinte) anos que eu saí de casa. Minha família sempre me respeitou, ninguém vem com conversinha... eu sempre me fiz respeitar. Na verdade a pessoa tem que se fazer respeitar pelo trabalho que ela desempenha, ninguém precisa gritar nada. Meus grandes gritos (lapso) meus grandes grilos com grupos de militância gay, é que as pessoas gritam: Precisam nos respeitar! Exigimos ser aceitos! Eu acho que essa coisa de 'eu exijo que me respeite' é em nível pessoal. Você só será aceito no seu ambiente de trabalho, na sua casa, na medida em que você mostre competência no trabalho que faz e

seriedade de caráter. Se você não se respeita, ninguém mais vai respeitá-lo. Eu nunca soube de alguém que se respeita e foi desrespeitado por alguém. Não vou dizer que isso é muito mais fácil. Isso também é muito difícil. Eu acho que é tão difícil quanto pedir uma... ou reivindicar uma aceitação e um respeito comunitário partindo de um grupo, quanto esse trabalho que é feito em nível individual. Porque primeiro você tem de se conhecer, o que não é muito mole. Em seguida você tem de aceitar o que você é. Descobrir que você é uma pessoa cheia de defeitos e cheia de qualidades, como qualquer outro ser humano e portanto digno de respeito como qualquer pessoa. Eu acho simples assim". (sic)

P. E na tua família esse respeito sempre houve?

R. *"Tem, tem". (sic)*

P. Nunca deram palpite?

R. *"Não, não". (sic)*

P. Mesmo numa cidade pequena onde as pessoas falam, comentam?

R. *"Não. Minha família morava em Y (cidade do interior mineiro), eu fui prá V (pequena cidade do interior mineiro) estudar... Antes disso eu era meio desagregado em Y , eu tinha problemas sociais na escola... eu tinha porque eu era meio afrescalhado, mas eu não trazia isso prá casa. A minha família não participava desse pesadelo particular que eu vivia quase que diariamente". (sic)*

P. No colégio?

R. *"É, não tinha porque saber. No colégio, na rua não". (sic)*

P. Os coleguinhas mexiam...

R. *"É, mexiam poucas E quando eu fui prá V (pequena cidade do interior mineiro) o fato de eu ter passado no Vestibular, ter começado a trabalhar e ter começado a pagar o meu aluguel com a grana que eu produzia com o meu trabalho, prá custear o meu estudo, isso calou a boca de todo mundo. Eu era muito respeitado em casa e as brincadeiras que às vezes havia em V quando eu cheguei, que eu era meio afrescalhado mesmo, ainda hoje eu não sou aquela*

maravilha de macho, mas eu não tinha mais medo, eu rebatia, eu era agressivo e se falavam alguma coisa eu metia uma flor no cabelo e "o que é que foi?" "gostou da flor?" "gostou de mim?" "Vai trepar?" Ai eu já começava a partir para um tipo de ataque que as pessoas ficavam assustadas e ficavam sem reação. Se você cata o cara num lado que ele não vai poder se sair, ele fica sem reação e nunca mais faz isso. Então vou dizer aqui, não chegou a me traumatizar esses grilos que tive em V, que foram muito poucos. E acho que o trabalho, quer dizer, o respeito que eu tenho hoje das pessoas com quem eu trabalho..". (sic)

P. Você trabalha em que?

R. "Eu sou professor e tradutor. Eu trabalho com Inglês e Alemão. O respeito que eu tenho hoje tanto dos meus alunos, dos meus fregueses das traduções, quanto do prédio onde eu vivo é resultado de um trabalho anterior ao social, é um trabalho particular, é interno. Não sei se eu tô falando coisa com coisa... Tô conseguindo me expressar..". (sic)

A atual atitude incisiva de A, na qual sobressai uma certa oposição a qualquer tipo de interferência sobre assunto que considera pessoal, parece realçar lembranças negativas (os gritos?) de sua infância passada em Y (cidade do interior mineiro), cidade na qual morava com a família antes de mudar-se para V. Se no meio familiar ele não encontrou recriminações ao seu homoerotismo, o mesmo não se pode dizer das reações dos colegas de colégio, nem dos companheiros de adolescência, que provocaram-lhe as primeiras e duras sensações de desaprovação e desqualificação.

Ter experienciado o constrangimento da rejeição dos colegas de infância e dos companheiros de adolescência, ao reconhecerem a sua preferência sexual, não impediu que A assumisse plenamente sua orientação. Elaborou e desenvolveu uma concepção de si positiva e autônoma, cujos limites não se restringiram às fronteiras de sua inclinação sexual, mas foram ampliados na valorização de seus

atributos pessoais, resultante de um processo de construção individual nomeado “*trabalho interno*” para o qual contaram vários fatores.

Entrevistador: Chegando em V...

R. “Eu transei lá com uns caras... em Belo Horizonte...”. (sic)

P. Com outros gays também ou...

R. “Com gays e com não-gays. Se bem que não dá prá falar o que é gay e o que não é gay. Hoje eu tô descobrindo que não existe mais isso. Eu já tô chegando a conclusão nas minhas análises que sexualidade, cada um tem a sua”. (sic)

P. Mas tem homens que não transam nunca com homens, outros que transam às vezes com outros homens e outros que não transam nunca com mulheres...

R. “É verdade. Mas e o cara que transou uma vez, gostou muito e nunca mais transou ele é gay?” (sic)

P. Depende de como ele se vê, né?

R. “Então é prá ele, não dá prá gente falar o que que ele é. É ele que tem que saber o que ele é. É só isso que eu tô dizendo. A sexualidade é dele. E aquele que transou uma vez, odiou, e resolveu nunca mais transar, é gay? É como ele se enxerga. É se ele enfiar na cabeça, pôrra, eu transei um dia, odiei, mas agora eu sou gay. Ele vai começar a achar que é, e daí? E o gay convicto que transa um dia com uma mulher e fala assim “graças à Deus, eu transei com uma mulher, nunca transei com homem, foi horrível, mas tenho certeza que gay eu não sou”. Não dá prá dizer o que fulano ou sicrano é mesmo”. (sic)

P. Qual é a sua identidade?

R. “Eu sou um gay que eventualmente transa com mulher. Uma coisa esporádica, vamos dizer, umas 2 (duas) vezes por ano eu saio com mulher. Mas eu não me julgo bissexual não heim?! Eu sou homossexual, feliz, sem culpa!”. (sic)

P. E o que é ser homossexual prá você?

R. "Uai, nessa definição que a gente acabou de fazer é meramente uma coisa estatística. Se eu vou mais prá cama com homens do que com mulheres eu sou gay". (sic)

P. E o que tu preferes?

R. "Uai, homem, claro. Porque se eu preferisse mulher eu dormiria o ano inteiro com mulher. Mas o fato de eu preferir ir prá cama com homem não quer dizer que eu não seja homem também. Porque as pessoas misturam muito o que que é homem e o que que é bicha. Se é homem então não é gay, se é gay não é homem. Ele tá comendo, então não é bicha, ele tá dando, então ele é o viado... E na vida há muitos homens heterossexuais que são verdadeiras bichas. Eu tenho amigos meus que são heterossexuais, tem namorada, que adoram mulher, e que prá sair de casa é uma tormenta. É tanto fazer barba, é tanto escolher calça no guarda roupa que combina com a camisa, o perfume certo, o cabelo que não fica do jeito que ele quer, na hora de sair descobre que tem que abrir uma caixinha prá pegar o anel tal que não acha... Heterossexual de trepar com a namorada, e adora mesmo não tá mentindo... Homens que chegam na mesa e "olha isso eu não como, isso eu não como, não como. Ai que horror ! eu não como nada disso..". conheço gente assim, cara. Completamente fresco. Eu falo: bicho se tu fosse viado era um prato feito prá sacanagem, neguinho ia colar na tua pele, tu não sabe o que é ser viado. Carregar estigma de gay e não ser. Porque na verdade eu não tenho frescura. Como qualquer coisa, ando com qualquer roupa, qualquer tênis, qualquer camisa. Na hora que eu vou viajar, um dia antes, pego o que tá limpo e joga na mala... Eu sou tão despojado nessas coisas, que eu não tenho muito saco de ficar mexendo com isso... Tô fazendo uma catarse aqui heim? Tô falando prá caralho..". (sic)

P. Tudo bem.

R. "Olha que eu fui à analista ontem... (risos) É isso mesmo?" (sic)

P. É.

R. *"Ainda ontem eu tava lendo a revista Sui Generis, [publicação voltada para o chamado público GLS - gays, lésbicas e simpatizantes] a mulher fala assim: " a diferença entre gays e lésbicas, os dois grupos não se cheiram. Porque as bichas são umas enjoadas, não conseguem trocar um pneu do carro. Vira uma porrada num bar são as primeiras a sair correndo". Depende da bicha porque eu troco pneu de carro e não corro de pau não, se quebrar o pau comigo vai ter. Chega ! Já corri de pau sim. Na minha adolescência, os meninos me enchiam o saco, mexiam comigo, quebravam meus lápis, rasgavam livro na minha frente e jogavam na minha cara, botavam o piru em cima da minha carteira e ficavam me gozando... Eu até chorava, de raiva, de vergonha, de medo, de humilhação... Quando eu lembro disso me dá ódio de não poder voltar lá e dar um sopapo em cada um. Olha, hoje eu até desejo se isso vier a se repetir, que fosse uma fração da intensidade de uma daquelas vezes, eu vou bater muito no sujeito, com todo gosto, eu tenho até dó do cara, porque ele vai pagar muito. Eu não tenho medo mais. Uma das coisas boas que o Arco-Íris [grupo de conscientização homossexual do qual participa] fez prá mim, foi acordar em mim essa auto estima, esse achar que eu também mereço respeito e que ninguém vai sair impune se me fizer uma humilhação de graça, ou me chamar de bichinha na rua como já aconteceu, na minha adolescência. Isso não vai acontecer. Isso não vai passar mais impune, não vai mesmo. Isso é uma coisa boa que aconteceu : não tenho mais medo". (sic)*

É interessante notar que a definição feita pelo sujeito A, do conceito de "homossexualidade", nada tem a ver com a idéia de algo correspondente à uma essência universal, que se pode identificar e etiquetar facilmente. E muito menos, com algo que signifique um desvio caracterizado negativamente, capaz de gerar algum sentimento de inferioridade, vergonha e auto-recriminação que aqui pudesse remetê-lo ao seu medo "hipocondríaco" de morrer de AIDS.

Para conseguir construir essa auto-imagem de homem adulto “homossexual, feliz e sem culpa” que não aceita mais passivamente nenhum tipo de agressão a sua liberdade individual, que não faz concessões ao preconceito e a discriminação, o sujeito *A* relata ter sido necessário passar por algumas situações que considerou profundamente marcantes. Experiências das quais extraiu elementos importantes para que sua “homossexualidade” viesse a ser revalorizada e ligada à uma imagem de si “feliz e sem culpa”.

Entrevistador: E a tua vida mudou muito de *V* prá cá ? Houve algum fato marcante?

R. *“Na minha vida sempre houve fatos marcantes, minha vida sempre foi feita de eventos, graças à Deus, alguns bons outros péssimos, mas se eu morrer hoje não terá sido em vão. Eu vivi muitas coisas interessantes, eu vivi muitas situações limites de desespero, mas tudo valeu a pena, eu acho que o que eu sou hoje é a soma de tudo isso, que eu já cantei, que já caguei, tudo isso sou eu”.*
(sic)

P. Mas e o fato marcante?

R. *“Eu posso lembrar de duas experiências aqui. Deixa eu falar de 3 (três) momentos então. O primeiro grande momento... aí não sei se quero contar não... (pausa) A minha saída de casa foi muito importante, eu passei de menino prá homem de repente, minha família fez de tudo prá eu não sair, pra eu não ir embora, porque eles sabiam que eu não tinha dinheiro e mesmo assim eu fui experimentar a sorte, e nunca mais eu voltei, ou seja, eu venci, nesse ponto no que diz respeito à independência, e isso já falamos tem todos aqueles reflexos na sexualidade que começaram a brotar resultantes da minha saída de casa. O outro passo importantíssimo foi a minha ida prá Europa, que eu conheci muitas pessoas, aprendi línguas, quer dizer eu já falava essas duas línguas quando eu fui, fluente, eu fui professor de Inglês 6 (seis), 7 (sete) anos e Alemão já falava fluentemente, porque eu tinha feito cursos na Universidade, em *V* (cidade na qual*

cursou Engenharia), no Departamento de Letras. E eu acho um fato marcante nessa construção desse personagem que hoje eu sou e que é o mais recorrente na maioria das vezes. Na verdade eu acho que eu tenho um personagem principal e outros coadjuvantes que vira e mexe recorrem". (sic)

P. Qual o mais recorrente?

R. "Esse que vos fala (risos)" (sic)

P. Qual é a característica principal desse?

R. "A franqueza, a capacidade de luta, a capacidade de trabalho, a dedicação, a vontade de construir alguma coisa e deixar a minha marca, nem que seja a melhor marca do mundo, nem que nem seja uma marca boa. Não sou eu que estou dizendo, eu copio essas coisas, a maioria dos meus insights são copiados, mas que valem na minha vida passam e então a ser meus também. Acho que não importa o que você faça, acho que a gente tem que mudar esse mundo, ou prá melhor ou prá pior. Sem essa de fazer o bem, sem ver a quem. Você precisa fazer alguma coisa prá deixar marcado, cada um de nós, precisa entrar prá História. No momento que você senta, entrevista 20 (vinte) pessoas, trabalha 500 (quinhentas) horas e produz um livro, você está automaticamente com o seu passaporte carimbado prá entrar prá História, você passou por esse mundo e deixou uma marca. Prá valer a pena viver, é isso que justifica a passagem da gente aqui. É mudar o mundo, é revirar tudo isso. Se não, tá vivendo em vão". (sic)

Ter se afastado da casa dos pais, começado a trabalhar e tornado-se independente financeiramente foram para o sujeito A, fatores importantes para a construção de seu "personagem" atual. Mas não foram os únicos. Quando lhe é perguntado sobre o que contribuiu para que ele perdesse o medo de ser ridicularizado quando identificado como um "homossexual", A reconhece a importância de seu engajamento numa entidade de defesa dos direitos de homens homoeroticamente orientados, com sedé no Rio de Janeiro.

Uma experiência na qual parece ter havido uma feliz conjugação de valorização da sua dignidade pessoal, com o sentido social do respeito aos direitos do cidadão.

Entrevistador: E prá esse medo ter terminado, tu achas que o Arco-Íris [o grupo acima referido] foi a única ajuda que tu tiveste?

R. *"Foi. A única? Não, não vou generalizar, acho que a minha vida foi caminhando prá esse lado na medida que eu me tornei independente financeiramente, na medida em que eu precisei trabalhar muito prá ter as coisas que eu queria e que eu nunca tive, porque eu sou de família muito pobre. Acho que a vida foi caminhando prá um lado de eu achar que eu mereço alguma coisa. Eu mereço alguma coisa, eu mereço respeito, mereço ter uma casa gostosa, eu mereço as condições mínimas de trabalho, eu mereço sinceridade dos meus amigos. Isso é uma coisa que a vida foi trazendo. Quando eu entrei pro Arco-Íris, eu comecei a achar que essas coisas que eu achava tinha algum tipo de ressonância ali dentro, e eles falavam, é isso mesmo. A principal função do grupo é exatamente essa, acordar nas pessoas a auto-estima, que chega lá esmagada. As pessoas não tem coragem nem de fazer pergunta". (sic)*

P. Quando tu começaste a participar ?

R. *"Eu comecei em Abril de 94. 2 (dois) meses depois eu fui prá K (grande cidade americana) representar o Grupo Arco Íris naquela passeata gay que tem lá. Teve as Olimpíadas em K na mesma época, eu trabalhei como voluntário, como intérprete, e tava completamente engajado dois meses depois, ou seja, se não tivesse havido essa consonância de idéias, de eu achar que agora eu pertenco..". (sic)*

Diversamente, para o sujeito B, arquiteto, também nascido em cidade do interior do estado de Minas Gerais, suas preocupações com o HIV surgiram associadas ao início de sua vida sexual com a idade de 19 (dezenove) anos,

mencionada em seu depoimento como um motivo de "arrependimento" e mesclado por sentimentos de culpa e medo.

Culpa por praticar e preferir a relação sexual e afetiva com homens, uma prática condenada e desaprovada pela família interiorizada, e por isso capaz de provocar dor e sofrimento para seus pais.

Medo das sanções imaginadas como decorrentes desta transgressão: o desprezo e o abandono da família.

Foram 2 (dois) os fatos que, segundo ele, contaram para essa reação.

O primeiro, refere-se a intensa atividade sexual com vários parceiros, desprotegida, vivenciada como inevitável e fora de seu controle consciente. Como a expressão de um desregramento, algo impulsivo, que não tolera limites.

(...) "foi quando comecei a minha vida sexual e foi bem ativa mesmo, quase todos os dias uma pessoa diferente, era bem galinha mesmo. (...) mas eu não tomava as precauções que devia tomar (...) até sexo oral e tudo o mais eu já sabia de tudo isso, mas mesmo assim na hora... quando eu tava no relacionamento na excitação eu acabava fazendo o que eu não devia ter feito né? Aí depois eu me arrependia profundamente, ficava deprimido uns 2 (dois) dias. Ah é agora que eu peguei... eu tinha essa sensação sempre, sempre que eu começava a transar e fazia algo perigoso ou algo não seguro, eu tinha essa sensação de que... mas aí logo passava e partia pro próximo. Era mais ou menos assim. Me arrependo profundamente dessa época, mas foi... aconteceu desse jeito". (sic)

O segundo foi o desenvolvimento de uma identificação com um ex-namorado que veio a falecer vítima da contaminação pelo HIV. Após a morte deste, o sujeito B passou a "sentir" alguns dos sintomas da AIDS, e ao antecipar a suposta reação da família, sentia-se desesperado. Apresentar os sintomas da AIDS seria para o sujeito B a revelação de sua preferência sexual, que só é assumida no círculo dos amigos mais íntimos.

Manifestar sua inclinação sexual, significa para *B* correr o maior dos riscos: enfrentar a rejeição total dos pais e irmãos, e talvez experimentar o gosto amargo de não mais ser reconhecido como parte do gênero masculino, despojado de sua virilidade, como parece sugerir o lapso cometido a certa altura de seu depoimento.

"Mas aí eu viajei prá São Francisco e revi um namorado meu, um dos primeiros, que ele tava doente, depois ele voltou prá cá, ele tava em estado terminal já, eu encontrei com ele. Aí que eu me toquei, foi um baque assim, tomei um susto e... entrei na paranóia nessa época né? Fiquei numa paranóia, a L [uma amiga] até lembra bem dessa fase, mas eu entrei num processo de auto destruição, foi horrível, eu comecei a achar que eu já tinha o vírus e aí eu comecei a ter os sintomas nessa época, lembrando a imagem dele eu falava: não é possível eu nem tinha transado com ele, eu só tinha dado beijo na boca, foi namorado só, mas tudo o que eu tinha feito antes [refere-se ao início de suas práticas sexuais com homens] veio à cabeça, todas as pessoas, o tempo que eu perdi fazendo isso tudo e tal e entrei na paranóia e comecei a ter os sintomas. Assim comecei a ter diarréias, tinha febre, ficava gripado, isso aconteceu mesmo comigo (riso meio desconsertado) e... não conseguia mais trabalhar. Isso foi logo depois que ele morreu, ele morreu e eu comecei a ter esses problemas. Depois veio o C que também foi namorado meu (...) o C foi morar comigo, ele também tava doente e ... eu começava a perguntar pro C como é que... o que ele sentia né? Aí eu... ele falava mais ou menos dor no estômago e eu sentia na mesma hora dor de estômago, (risos) era uma coisa horrível. Aí o C ficou muito doente e foi morar com a mãe dele e eu fiquei sozinho no apartamento, foi quando veio a H [outra amiga]. Quando eu fiquei sozinho no apartamento eu... aí que eu fiquei mal mesmo, não conseguia mais trabalhar direito eu... ficava sempre de cama sempre doente e comecei a pensar no que que aconteceria se eu realmente tivesse né?(...) Eu fico suando só de falar nisso... nessa época foi muito brabo

prá mim, eu ligava pro M [o atual namorado] desesperado e falava: M tô doente, infelizmente eu tô doente, num vou sobreviver sabe? Foi nesse nível. A primeira coisa que ela [uma amiga] falou foi pra eu fazer o exame. Aí que eu entrei em desespero, porque o dia que eu soubesse do exame era tudo ou nada ou eu ia viver ou eu ia morrer, porque eu não iria sobreviver a isso, eu não ia agüentar saber disso, se a notícia fosse positiva né? Aí depois de muito papo, ela [a amiga] me convenceu a fazer esse exame e fiz exame numa sexta-feira. O exame só ia tá pronto na segunda, esses 2 (dois) dias foram os piores dias da minha vida, foi... foi... eu não conseguia sair da cama, eu chorava todos os dias, eu não conseguia me mexer e começava a imaginar o que que aconteceria depois... A minha família, eu tinha certeza que a minha família ela não ia me entender, não ia me aceitar, ela ia ter vergonha de mim, pelo que eu conheço da minha família sabe? Mineira sabe? Pessoal bem caipira, bem machista demais sabe? Odeia gay, meu pai odeia viado..". (sic)

P. Eles não sabem, não sabiam...

R. "Não sabem, quer dizer, nunca contei, mas hoje em dia já começam a perceber alguma coisa [sua inclinação sexual], mas não entram no assunto, não querem nem tocar no assunto, eles mudam logo de assunto prá não aprofundar, então é nisso que eu percebo que isso incomoda demais a eles. Então eu não tinha a segurança da família, então eu falei : eu tô sozinho, eu tô ferrado agora, eu não vou sobreviver, eu não tenho forças físicas prá sobreviver a isso, físicas não psicológicas, físicas até tinha né? Uma amiga até falou prá mim: B, não sabia que você era tão fraco assim, eu pensei que você fosse mais forte, tivesse mais força de vontade e tal; porque eu chorava na frente dela desesperado. Aí, nesses 2 (dois) dias, a H e a L [duas amigas] me dando força, as únicas pessoas que podiam me ajudar, que o M tava viajando não podia fazer nada e... (...) Então eu fiz o exame prá poder né... ? Muito desesperado eu fiz esse exame, eu cheguei a um extremo se não eu não teria feito porque... e milhões de coisas se passaram na minha cabeça antes desse exame né?". (sic)

P. Quais por exemplo ?

R. "O abandono total. Era uma coisa que eu já me sentia muito sozinho porque família... eu nunca fui muito à vontade com a família por causa que eu não podia me abrir com a minha família, não podia falar de meus

relacionamentos com a minha família, as pessoas que eu gosto... é... essa sensação de solidão era muito desesperadora..". (sic)

Como se pode ver, para o sujeito B, o significado do HIV também não se restringe apenas à sua acepção sanitária. Vai além. Está inserido num quadro associativo no qual as representações de sua experiência sexual estão ligadas não só à maneira como percebe a posição de sua família, mas, principalmente, ao conceito inconsciente que ele tem de sua preferência sexual, o qual parece deixar transparecer no lapso cometido.

Acreditar que seu contexto social e familiar é hostil à prática de relações afetivas e sexuais entre homens, vinculado à qualidade do vínculo (de "dependência") formado pelo sujeito com esses outros significativos, parece tê-lo impedido de formar uma visão de si, mais autônoma, íntegra e coerente com sua prática afetiva e sexual.

Seu depoimento traz à tona uma forma de se relacionar com o outro, através da qual a significação da experiência do sujeito ainda é dada por este outro significativo, apesar de concomitantemente, haver a percepção do desacordo entre seu Eu e os valores de sua família. Daí talvez seus sentimentos de vergonha e a sensação de estar na marginalidade.

Entrevistador: E como foi prá ti essa assunção da tua orientação sexual, como foi prá ti esse processo de se descobrir homossexual ?

R. *"Eu relembro assim, eu sempre... desde que eu morava em Z [sua cidade natal] desde que era caipira eu já... eu me lembro bem que eu olhava prá pernas de um cara... mas era uma coisa que era só interessante, mas desde criança, desde os 12 (doze), 13 (treze) anos eu já percebia isso. Ai... mas nunca tinha tido um relacionamento, sempre tive uma vontade no fuuuundo mas muito longe de me relacionar com as mulheres, um processo normal muito em função da família também, a família meio que me pressionava que eu tivesse aquela vida tranqüila, certinha, de marido e mulher e tal, muito mais prá provar prá*

minha família. Então eu amulava os meus desejos sabe ? Eu queria mais era mostrar prá eles o que eles queriam ver, o que eu mesmo expor a minha vontade própria, meu desejo. Então eu não sabia muito bem, eu queria mais que eles vissem minha namorada, que eles vissem que eu não sou homem (lapsos) eu sou homem [se corrigindo] e aí depois entrei pro Exército. Depois do Exército eu já sabia, durante o Exército eu já sabia que eu era homossexual, mas nunca tinha tido uma experiência ainda, aí depois do Exército eu falei: vou melhorar, vou me consertar, não vou ser mais gay. Aí saía prá boates com uns caras, boates de sacanagem e tal, arrumava mulheres e tal, aí fiquei até noivo de uma menina uma vez, mas essa menina que eu vi que não tava feliz com ela e aí comecei a ter relacionamentos com homens e aí foi com 19 (dezenove) anos quando eu comecei a ter relacionamento paralelo com ela. Mas quer dizer, eu já tinha consciência disso desde, desde criança. Foi aos pouquinhos que eu fui me soltando, aí depois dessa eu assumi de vez, depois do relacionamento com essa mulher. Eu vi que era isso mesmo que eu gostava, depois da primeira relação eu descobri que era isso mesmo”.. (sic)

P. E depois que tu vistes que era essa que tu gostavas, tu te sentias bem? Como tu te sentias com relação a esse desejo ? Em relação às pessoas, à sociedade?

R. “Eu não me sentia bem. Nessa época eu não me sentia bem. Me sentia um marginal, me sentia meio envergonhado também. Foi muito demorado assim prá eu começar a ficar tranquilo, foi demorado esse processo. Quer dizer era uma coisa que a minha consciência pesava muito sabe? Não era muito legal não.... Era... Não sei eu não conseguia encarar a menina depois, eu não conseguia encarar a minha família, ficava meio retraído demais sabe? Foi demorado até eu ver que era tranquilo, que não tinha perigo, que eu não podia ofender ninguém com isso, né? Mas eu não me sentia muito confortável com essa

sensação de início né? Demorou um bom tempo, uns 2 (dois) anos mais ou menos até eu assumir de vez". (sic)

P. Mas se tu tivesses que escolher, apontar se a sensação de não-aceitação era maior entre a família, os amigos e a sociedade de um modo geral, qual seria prá ti...

R. *"Organizando isso?". (sic)*

P. É.

R. *"Em primeiro lugar a família, a família ainda tem um peso muito forte. Porque eu tenho vários medos e são medos reais em relação à família. Minha mãe é depressiva, meu pai é muito violento, muito autoritário. Então ele vai ter um baque muito forte, ele é cardíaco. Então são medos reais que eu tinha, não é nada muito fictício não, tem fantasias também, medo de me abandonarem, essas coisas todas que eu não sei se pode acontecer, mas é mais provável. Mas em primeiro lugar era a família, tudo o que eu fazia era prá mostrar prá minha família, porque eu era totalmente dependente da família, ainda morava com eles e tal e nunca quis dar nenhuma decepção prá eles, eu sei que seria uma decepção prá eles. Depois a sociedade né? de não ser aceito mesmo..". (sic)*

P. No trabalho...

R. *"No trabalho, logo depois no trabalho. Até hoje eu tenho...problema com isso... E ... é sim no convívio social, muito medo do que as pessoas vão pensar, do que vão julgar... Porque eu sei que eu, essa... é..., eu não reagiria bem se soubessem, eu não levaria muito bem isso... não sei, não tenho muita maturidade prá poder encarar isso". (sic)*

Para o sujeito E, o HIV só deixou de ser encarado como "uma história da carochinha" (ver depoimento citado no capítulo anterior) em 1991, depois que se separou de um namorado, indo morar num país sul-americano por motivos profissionais.

Lá passou a preocupar-se com o HIV, mais porque relacionou-o à possibilidade de perder sua posição profissional, do que às conseqüências implicadas na contaminação que vitimavam pessoas de seu círculo de relacionamento.

Em seu modo de ver, é possível separar o medo da perda de uma situação profissional - que o levou até a apelar ao sobrenatural - do medo de morrer de AIDS.

Entrevistador: Então foi nesse período que tu viste que havia uma associação entre a relação sexual entre homens com penetração, com a possibilidade de troca de esperma com a morte?

R. *"Isso. Aí nessa época foi quando de fato eu me conscientizei do perigo que era aquilo. E gozado, as vezes que eu voltava pra B (cidade do Norte do país), me dava conta que ninguém continuava a não se cuidar, as pessoas não se cuidavam, e pra mim já era um absurdo aquilo. Porque assim como eu vinha do exterior e poderia ser eu um portador daquilo, comecei a observar que vinha gente de fora, do estrangeiro, de outros Estados. No Brasil, já tava tendo aqui no Sul do país, já tava tendo os primeiros casos de pessoas famosas que já tinham. Então a mídia começou a mostrar, mas ainda como uma coisa gay, bem gay mesmo. E justamente o que aconteceu...eu fiquei morando lá, que eu tinha saídas esporádicas do país, que eu tinha visto de turista e eu precisava sair de 3 (três) em 3 (três) meses pra renovar o visto, mas depois da terceira renovação ou eu saía definitivamente ou eu tinha um visto de permanência, então eu solicitei um visto de permanência e uma das exigências do governo era o teste de HIV. Era obrigado a fazer. E foi quando eu fiz pela primeira vez, em final de 91... minto em janeiro de 92 eu fiz o primeiro teste, morrendo de medo, aí veio o medo, fiz promessa... entrou o lado religioso... porque não era o medo da doença, era o medo de sair daquela condição que eu estava instituindo na minha*

vida lá, profissional, porque eu sabia que se eu fosse soropositivo não teria meu visto..”.. (sic)

P. Tiveste medo de perder a posição profissional ?

R. “A posição profissional. Eu nunca tive medo da doença. Eu sempre achei que a doença era um problema meio cármico. Eu... eu achava que como teve pestes que derrubaram populações inteiras, como a peste negra, eu achava que aquilo era um surto que iria passar, que iria terminar. Então eu simplesmente na época falei : se eu tiver isso eu vou ter de voltar pro Brasil e profissionalmente o que isso vai refletir? Porque eu tava num período de conquistas profissionais e eu me lembro que eu fui pegar o meu visto em C (outro país sul-americano) e C é uma ilha de Primeiro Mundo, e eu lá fiz meus exames num hospital super equipado. E eu me lembro que recolhi material num dia e no dia seguinte eu fui pegar os resultados pra levar no Consulado, junto com uma série de papéis porque em vista daquilo... Aí o cônsul recebia aquele papel e mais 2 (dois) dias depois eles te entregavam o visto ou não. Mas eu sabia que todos os meus papéis estavam corretos... mas a nível de saúde foi a primeira vez que eu fiz. Obrigado a fazer, né? E, graças a Deus peguei o resultado e não deu nada..”.. (sic)

P. Deu negativo?

R. “Deu negativo, e justamente por dar negativo... eu me lembro que eu fiz uma promessa de parar de fumar. E eu parei de fumar. Fiquei 5 (cinco) anos sem fumar... mais de 5 (cinco) anos, foi em 91, em janeiro de 92, nós estamos em 98 não é isso ? Então justamente fiquei 5 (cinco) anos sem fumar”. (sic)

No entanto, quando é buscado maior detalhamento de sua visão sobre o mundo “gay”, observa-se que o sujeito expressa algum temor que vai além da mera contaminação e da conseqüente possibilidade de perder sua posição profissional. Em sua opinião, há outros riscos implicados no envolvimento com

os "gays", cujo perfil seria caracterizado por atributos como a agressividade, a hipocrisia, a inveja e a impostura.

Tal descrição deixa transparecer uma atitude algo ambivalente face aos outros, que como ele próprio, preferem homens para se relacionar. A acomodação parece ter sido a saída para manter-se como integrante de um grupo cujos traços marcantes seriam valorizados negativamente.

Entrevistador: Mas além do HIV, você acha que tem algum tipo de risco que as pessoas, os outros homens correm quando conhecem uma outra pessoa ?

R. *"Mas que tipo de risco? Transmissão de alguma doença sexualmente transmissível? É isso?"*. (sic)

P. Ou risco de violência...

R. *"Claro... nesse mundo existe, lógico... de você se enganar com uma pessoa, achar que está com uma pessoa... e você vê que ela não é nada daquilo que você esperava. Recentemente eu tive aquela experiência que eu te contei. Do negócio do "boa noite Cinderela" [golpe praticado em geral por garotos de programa]. Então essa é uma experiência de risco: uma pessoa me drogou, colocou uma coisa na minha bebida, eu dormi, essa pessoa me roubou... Então o mundo homossexual é muito próprio a esse tipo de coisa... Porque normalmente no mundo gay, as pessoas aparentam mais do elas são, existe uma necessidade de estar na vitrine, porque o corpo é um elemento de consumo, as roupas, o carro... Então eu noto, que no mundo gay existe essa necessidade quase generalizada, salvo raras exceções, de pessoas de terem sem necessidade de mostrar. No mundo hetero não acontece isso com tanta frequência. Acontece na sociedade, num nível social elevado, mas eu sinto que no mundo gay acontece em todos os níveis sociais. É aquele cara que faz faxina a semana inteira, mas que no domingo tá com a roupinha impecável, vestido, pega taxi prá sair da boate, nem que seja prá chegar ali na esquina e pegar um ônibus prá ir prá casa*

só prá dizer que saiu. Existe uma necessidade muito grande de aparência, e aí é que está o grande risco das coisas. Você dificilmente sabe com quem está se envolvendo, você nunca tem a certeza exata disso. E isso assusta, claro que assusta, porque da mesma forma que eu dormi 12 (doze) horas, e que saí grogue, bati meu carro na saída de um motel, poderia muito bem naquele momento já estar sem vida, ou estar contaminado... se fosse uma pessoa soropositiva ele poderia muito bem me injetar o sangue dele, alguma coisa... que existe perversidade. É uma coisa característica do mundo gay, porque existe muita doença nesse mundo. Refletem como? Elas se travestem, elas são pessoas doentias, ou seja, elas são pessoas que de alguma forma querem agredir. E agredir obviamente que está próximo. Inveja, muita inveja. A inveja só existe nas coisas que estão próximas. Se você tem um pouquinho mais, se luta mais, trabalha mais, aparenta um pouco mais, aqueles que tentam aparentar mais em realidade não são, eles sentem muita inveja de você, né? E sentem inveja dos seus amigos, sentem inveja do teu círculo, sentem inveja dos lugares que você frequenta. E esse elemento de inveja eu acho altamente perigoso. E o mundo gay é um mundo muito... que isso se prolifera muito rápido. Eu observo isso. Existe a necessidade de ter o outro. A falta de respeito ao companheirismo, aos casos, aos casamentos, é muito grande no mundo gay. Então as pessoas sentem uma necessidade enorme, gigantesca, de terem o que o outro possui, nem que seja a pessoa que está com esse outro. Então existe o jogo de sedução, de busca... de... de... de querer se apoderar, roubar aquilo que te pertence. E detalhe : vão à luta. Não é uma coisa que fica na teoria, é uma coisa prática. De todo o momento, de todo o instante. Esse, eu acho que é o grande problema do homossexual". (sic)

P. Quer dizer que se você pudesse colocar numa balança essa tendência que você acabou de descrever agora com a da auto preservação talvez essa daí pesasse mais do que a outra.

R. *"Com certeza, com certeza..." (sic)*

Mais adiante, ao descrever o processo de assunção de sua orientação sexual e de seu contexto familiar facilitador, E apresenta-se como distinto do quadro negativo traçado anteriormente.

Neste trecho, pode-se encontrar os elementos de composição de uma auto-imagem de um "homossexual" assumido e saudável, graças à maneira acolhedora como sua família reagiu.

Entrevistador: Segundo você, nesse lado do mundo gay existe muita inveja, muita cobiça, uma espécie de um clima de sedução em busca de poder, de domínio?

R. *"Eu acho que vai totalmente anteposto a Bíblia, né? Os dez mandamentos, o não matarás, não roubarás, não cobiçarás a mulher do próximo... no mundo gay é tudo ao contrário... A verdade é que a maioria dos gays que eu conheço, vem de famílias muito desajustadas, problemas que se originam dentro de casa, famílias que não tiveram comunicação, são pessoas que foram repudiadas principalmente pela família. Acho que todo o problema do homossexual, contra a conduta dele, começa dentro de casa, eles não tiveram amor, eles foram repudiados. O preconceito começa no lar, tanto que aquelas pessoas que tiveram um lar de afeto, de carinho, de aceitação a sexualidade da pessoa são altamente diferentes, são ajustadas, são pessoas normais, como toda e qualquer pessoa. A única coisa que diferencia esses homossexuais dos heterossexuais é a conduta sexual mesmo, é a preferência e não a cabeça, entendeu? É não essa necessidade de agressão. Eu graças a Deus nasci numa família bastante aberta, que nós sempre conversamos sobre tudo, e eu sou de família numerosa... Então eu não tive problema de assumir minha sexualidade. A maior dificuldade na minha sexualidade foi assumir prá mim né? De eu me aceitar homossexual. Isso aconteceu aos 21 (vinte e um) anos de idade, que é considerado nesse mundo sexual muito tardio. Eu vejo que hoje garoto de 13 (*

treze), 14 (quatorze) anos já estão aí a todo vapor. Mas a partir do momento em que eu me assumi, a minha vida não se modificou em nada. Ela melhorou porque sexualmente eu comecei a me sentir equilibrado. Aquele elo que faltava dentro de mim... eu me lembro que meu pai me falava que eu fui uma criança inteligente, quieta, tudo, mas que eu tinha sempre um olhar muito triste. E esse olhar começou a ser feliz justamente nessa fase da minha vida. Ele observou isso uma vez conversando. Porque foi quando eu comecei a aceitar, mas não que eu tenha tido repressões. Eu não tive homofóbicos em casa, eu tive amigos, amigos não, colegas, famílias de colegas, aquela homofobia. Mas gozado, dentro da minha casa fui criado numa casa que não houve atitudes assim pejorativas, e hoje eu tenho irmãos homens, irmãos mulheres, a aceitação é altamente espontânea da minha mãe, do meu pai, dos meus irmãos. É muito gostoso. Então eu nunca me senti excluído. Profissionalmente eu sempre fui assumido nos meus trabalhos, como homossexual também, entendeu? E... eu nunca fui assim uma pessoa... (sic)

P. Discriminada.

R. "Não". (sic)

Apesar de não ter encontrado o desprezo ou a desaprovação na família, há que se ressaltar as características de seu conceito sobre a "homossexualidade", que não parecem ajustar-se às suas expectativas de bem estar e realização afetiva e sexual.

Seu depoimento sugere muito mais um desacordo consigo próprio, do que com as exigências da sua família ou da sociedade em geral.

Ao mesmo tempo, considera sua preferência sexual como um destino indesejado. Dor, sofrimento, conflito, falta de um membro do corpo, lacuna, desamparo, são termos aos quais o sujeito se remete para exprimir sua imagem da "homossexualidade" como algo desviante de um padrão internalizado de

realização afetiva heterossexual, baseado na constituição da família e na sexualidade reprodutiva.

Por isso, pode-se supor que a imagem de sua inclinação sexual, construída ao longo de suas experiências, seja vivida com algo negativo, doloroso, que infelizmente não pôde mudar, restando-lhe apenas conformar-se à um modo de vida instável, superficial e perigoso.

“Eu acho que a homossexualidade de vida, ela tem uma relação muito ligada a dor. Você agora falando, agora dá prá refletir. Homossexualidade prá mim é sinônimo de... é... não seria um sinônimo, mas uma imagem de dor ... uma imagem de dor...uma sensação de dor. Devido as relações conflitivas que eu mesmo vivi, com companheiros e tudo. Mas que eu acredito que se fosse hetero teria essa visão em relação a sentimentos, a pessoas, que eu acho que sentimentos em fases da vida, principalmente quando você é mais novo, ele tá muito mais ligado a dor do que ao prazer. Entendeu? Eu observo dessa forma. A dor tem a ver comigo, mas não ao E homossexual, ao E pessoa, entende? Eu acho que se eu fosse hetero não seria diferente, eu não me vejo diferente se eu fosse hetero. Existe um outro ponto que prá mim é frustrante, construir uma família... eu sou de uma família numerosa. Eu sinceramente gostaria... se fosse opção. Porque muita gente diz que ser gay é opção. Eu acho um absurdo escutar isso. Prá mim é uma barbaridade escutar uma coisa dessa. Porque se fosse opção, setenta por cento dos homossexuais não seria homossexual (...) Então a homossexualidade é uma coisa que se descobre, que se sente e que se sofre. Porque a primeira fase da homossexualidade, que é da descoberta, ela é muito sofrida, ela é silenciosa, é uma coisa mais forte que a tua formação, aquilo que na infância te formaram, na adolescência te formaram”. (sic)

P. Quer dizer você sofre porque se percebe diferente daquilo que foi desejado prá você...

R. *“Justamente. Não porque foi desejado prá mim, porque eu desejei prá mim. Você acha que se eu pudesse, eu não teria 2 (dois) filhos, uma casa uma mulher? Essa desestrutura familiar pesa na minha cabeça, é lógico que pesa. Gostaria de chegar na minha casa, ter meus filhos, educá-los, formá-los, dar estudo, dar boa alimentação, protegê-los, entendeu? Eu tento muitas vezes levar isso aos meus sobrinhos, às crianças que vejo mais próximas de mim. Mas não vejo isso de uma forma é... eu acho que é como se você... sabe? É saudável e perde um membro do seu corpo. Você vai sentir falta daquilo, falta daquele membro, eu exemplifico meio dessa forma, é... existe uma laguna, mas essa laguna, ela tá diretamente ligada... eu não me sinto competente prá isso... se eu fizer isso eu vou estar contra o meu desejo, prá isso teria de haver uma mudança dentro de mim, eu não acredito nessa mudança. Se ela existe eu desconheço. Eu tenho amigos meus gays que casaram, tiveram filhos, mas não me convencem, isso não me convence. Prá mim é muito mais uma fuga do que realmente... eu acho que a necessidade de ter um filho, constituir uma família foi maior... então preferiu reprimir a sexualidade em função disso”. (sic)*

P. **Então você acha que pelo fato é... de ser homossexual e não ter uma família não ter um compromisso com filhos, com a casa, com o modelo de relacionamento conjugal da heterossexualidade, você acha que o fato de estar nesse outro campo da sexualidade, da homossexualidade, isso pode te criar menos defesas em relação aos riscos ? Eu quero dizer, que se você tiver mulher e filhos você tende a se preocupar mais com eles, com a sua família e consigo mesmo, ter uma vida mais protegida do que aqueles que não tem esse compromisso e por isso tem uma vida muito mais exposta ?**

R. *“Eu acho que é uma questão de estabilidade. A figura da família nos foi passado como o ideal. Existe o ideal religioso na família, o ideal do padrão social estipulado no mundo, o de que um homem nasce, cresce, casa, tem filhos, né? Constituir uma família, é a continuidade das coisas. É óbvio que se antes*

disso tivesse tido... é... uma... relação... não uma relação... Se eu tivesse tido...uma... ”.. (sic)

P. Uma outra alternativa...

R. “Uma outra alternativa né? Eu até seguiria... Mas nunca que fosse de encontro às minhas necessidades básicas. Então essa estabilidade que eu estou te falando é óbvio, eu demorei mais tempo... se bem que sempre tive relações muito fortes com a minha família, inclusive de dependência deles em relação a mim, econômica e tudo... então, eu de qualquer forma eu extravaso isso, eu canalizo isso prá minha família... de educar meus sobrinhos, de dar uma educação... Mas é óbvio que se eles estivessem do meu lado e eles fossem mulher e filhos meus, eu acredito que o comprometimento, a estabilidade é muito maior. Quando estamos livres, não temos isso. A liberdade é muito grande”. (sic)

Para o sujeito F, 42 (quarenta e dois) anos, engenheiro e psicólogo, a questão do HIV é um problema de sua geração, da geração que “*não sabe chupar bala com papel*” e por isso expõe-se diretamente ao risco de contágio. Uma geração que segundo o entrevistado, habituou-se à uma prática sexual isenta das preocupações com o risco de doenças sexualmente transmissíveis, e para a qual o prazer sexual não se acomodava ao padrão convencional das relações afetivas “*monagâmicas*”. Um “*hábito*” difícil de mudar, tendo em vista a indiferença frente aos riscos que corria em suas relações. Riscos esses, que como veremos no próximo núcleo, também não se limitavam ao da contaminação pelo HIV.

“(...) eu acho que eu sou irresponsável mesmo... sabe o que é ? É um hábito muito antigo, entende? Que todo o coroa fala, eu sou da geração que não sabe chupar a bala com o papel. Então eu sou uma pessoa que fuder sempre foi uma questão muito importante prá mim. Eu tô mais ou menos aprendendo, meu namorado tem 20 (vinte) e poucos anos né? E é extremamente paranóico com AIDS, ele nunca fez exame, ele tem medo de fazer. Então ele é uma pessoa que diz prá mim: olha não precisa gozar dentro. Ai ele faz masturbação, abraça,

entendeu? Então eu tô aprendendo as coisas com ele, mas é difícil prá mim. Porque se eu pego um que quer meter logo, ou se eu tô meio tocado com muito tesão, aí começa na cama não-sei-o-que... eu não penso muito. Inclusive antes de eu conhecer o B., o que eu estou agora [seu atual namorado], eu namorei 1½ (um e meio) mês com uma pessoa que hoje nós todos suspeitamos que esteja com o HIV. E essa pessoa era mais ou menos assim, a gente começava na cama a rodar, aí começava a encostar, a querer botar... aí não, não deixo, aí um dia eu pensei comigo mesmo, eu vou deixar, eu gosto dele e ele quer quer quer, se ele tiver eu vou estar também dane-se, seja lá o que for. E com ele foi a mesma coisa, teve um dia que eu falei, olha vou fazer a mesma coisa que eu fiz com você, tá? E não-sei-que... entrou, aí entrou, foi né? Gozei e tudo. Depois eu fiquei pensando: gente será que esse cara tem AIDS ? Eu fico pensando depois..". (sic)

O sujeito F, em seu depoimento, apresenta-se como um homem dotado de um apetite sexual quase ilimitado, que não aceitava nem as restrições recomendadas à prevenção do contágio do HIV, nem as possíveis restrições preventivas contra outras doenças transmitidas por via sexual. Seu interesse pela diversidade de formas de relacionamento sexual e pela variedade das características físicas de seus parceiros, é tão grande, que o faz simplesmente ignorar qualquer ponderação quanto ao perigo que sua vida pode correr.

Entrevistador: Tu notaste alguma mudança no teu percurso, na tua história de vida sexual, teve algum fato marcante que te levou a mudar a... por exemplo a ficares mais fiel do que antes quando tu não tinhas muita informação?

R. *"Olha eu... como eu te falei, eu sempre transei muito né? Então, na década de 70, o mundo homossexual ele tinha muita... fantasias não mas... era muito liberado né? Então eu cheguei a fazer sexo com 14 (quatorze) pessoas numa festa, todo mundo pelado numa cama, entende? Então essas coisas*

aconteciam muito. Eu gosto de fazer sexo a 2 (dois), até hoje eu gosto, acho uma coisa gostosa de fazer..". (sic)

P. Sexo a 2 (dois)?

R. "Sexo a 3 (três). É. Quando eu tô sozinho as vezes eu procuro mas... hoje em dia é muito difícil acontecer. Sei lá a última vez que eu fiz sexo a 3 (três) faz uns 20 (vinte) anos... Mas o que aconteceu foi que eu tive essa relação de 6 (seis) anos, que a gente saía com outras pessoas, isso envolveu muito sofrimento, fora das doenças é claro né? A gente pegou sífilis, foram 20 (vinte) e tantas injeções, tratamento para os 2 (dois), então... e quando você transa a 3 (três), pelo menos no nosso caso, a terceira pessoa que a gente pegava se interessava mais por um do que pelo outro, então na cama ou era mais atencioso com um, ou com o outro, e houve pessoas que falavam olha, eu gostei muito de transar a 3 (três) mas o que eu quero mesmo é o fulano. Então criou muitos problemas na minha relação a 2 (dois) esse negócio de transar a 3 (três). Então quando a minha relação acabou, eu decidi que não ia mais fazer isso. Eu vi que essas aventuras não estavam contribuindo com o meu modelo de relação monogâmico". (sic)

P. E nessa época o que te atraía, o que tornava atraente essa idéia de fazer sexo...

R. "Ah, eu gosto muito da variedade das pessoas, sabe? Que um beija assim, beija assado, um tem pau grande, outro tem pau pequeno, um faz isso, outro aquilo... me atrai essa diversidade entre as pessoas, elas serem tão diferentes. Somos tão diferentes uns dos outros. Hoje eu já sei mais ou menos... eu vejo alguma coisa em comum nas relações homo, o que eu procuro numa relação com um homem entende? Mas do lado externo... meu namorado hoje em dia é negro, já transei com branco, com estrangeiro, com baixo, com alto, com pobre, com rico, entende? Então são essas diferenças que me atraem nas pessoas". (sic)

Entrevistador: E quando tu começaste a ter relações sexuais com homens já começaste sem camisinha?

R. *"Eu comecei a transar com homens com 15 (quinze) anos". (sic)*

P. E tu ficaste nessa fase que tu chamaste de promíscua até que idade ?

R. *"É, eu acho que eu sou promíscuo até hoje. É só eu ficar sozinho que eu começo a transar com um, com outro, outro, outro. Tenho muita energia sexual, eu transo muito. Por exemplo, esse caso que fiquei 8 (oito) anos, eu transava quase todo dia. Esse que eu tô agora, o ritmo é um pouco menos, 2 (duas) a 3 (três) vezes por semana, mais ou menos. Eu sempre tive muita atividade sexual. Transava 4 (quatro) vezes num dia, 5 (cinco) vezes.*

P. Com a mesma pessoa ou com pessoas diferentes?

R. *"Geralmente com a mesma pessoa. Quando eu caso, assim eu fico direito, sabe?". (sic)*

P. E quando estás sozinho, não.

R. *"Não, aí vale tudo". (sic)*

Quanto ao seu processo de descoberta e assunção de sua "homossexualidade", não se refere à experiências constrangedoras, nem menciona algum fato no qual teria sido ridicularizado. Da sua família não relata ter havido algum tipo de censura que merecesse destaque.

Considera-se "meio revolucionário", por manifestar sua orientação sexual. Quando começou a sentir as primeiras expectativas sociais para se relacionar com mulheres, tomou a iniciativa de se submeter à um "teste" elaborado por ele mesmo, para então decidir-se.

Entrevistador: E ao longo desse teu percurso como homem que gosta de transar com outros homens, como é que foi a assunção desse processo, foi complicado? A reação da tua família. Tu és daqui do Rio?

R. *"Sou. Eu morei em Brasília, eu comecei a transar em Brasília. Olha, eu sempre tive uma coisa meio revolucionária dentro de mim, de esquerda, tive*

amigo terrorista, desapareceu naquela época, então eu achava que eu poder expressar a minha sexualidade era uma coisa meio revolucionária entendeu? Por exemplo, quando apareceu o Nei Matogrosso, é um cara que teve a coragem de desmunhecar lá no palco. Uma tia minha falou assim: você comprou um disco dessa bicha? Dando dinheiro prá esse camarada, um cara que não se assume como homem. Eu digo: eu gosto das coisas que ele canta, das coisas que ele faz. Então eu sempre achei que o fato de eu ser homossexual, de ser o que eu queria ser, de fazer as coisas que eu queria fazer, cagar e andar prá sociedade era uma bandeira. Mas isso foi muito difícil porque... foi meio estranho... a maneira como eu caí na vida gay foi uma coisa meio diferente. Foi mais ou menos assim. Eu não gostava muito de mulheres, mas como todo mundo falava, tem que namorar, eu dava umas encostadas nas meninas, mas nunca conseguia muita garota, aí um dia que eu conheci uns caras e coisa e tal, uma turma gay que eu fiquei conhecendo, os caras ficaram loucos por mim, começaram a pagar coisa, me chamavam prá sair, não-sei-que, aí todo o carinho que eu procurava numa mulher eu comecei a ter de homens, aí eu já tinha tesão... juntou uma coisa com a outra, e fiquei com homem direto. Mesmo as mulheres que eu conheci essa época, eu me afastei, eu não tava muito interessado. Teve uma fase quando eu tinha 18-19 (dezoito – dezenove) anos, eu comecei a me cobrar de sair com mulher. Pensei assim, todo mundo sai com mulher, não vou sair com homem, eu tenho de sair com mulher, prá ver como é que é, né? Essa coisa biológica de homem com mulher, porque que eu tô saindo com homem? Comecei a ter umas crises assim, aí tentei sair com umas mulheres, mas eu não gostava, não me animava, não conseguia, não pintava mulher mesmo, acabava caindo no Sótão [uma boate da época], um lugar gay entendeu? Aí teve um dia que foi muito engraçado, foi num dia que eu tava nessa crise toda, isso foi em 73, eu tinha 19 (dezenove) anos, eu tinha uns amigos em São Paulo que eram caso há uns 20 (vinte) anos, aí falei vou lá prá casa deles passar uma semana lá e me propus

uma coisa tipo assim, sabe? Se rolar alguma coisa gay, dependendo de como eu sentir, eu vou ver se a minha é essa mesmo. Tipo assim, eu fiz daquela viagem um marco sabe? Se eu conhecer uma mulher eu vou tentar, se eu conhecer um cara... Aí cheguei em São Paulo, fui prá casa dos meninos, eles tavam fazendo jantar, eles não gostavam de cozinhar, eu falei "deixa que eu faço o jantar" pra eles. Toca a campainha, quem aparece? O primo de um dos 2 (dois). Aí eu bati o olho no cara, foi aquele troço doido, o cara ficou louco, eu fiquei louco pelo cara. Aí eu passei acho que uns 3 (três) dias na cama com ele, fazendo coisa que eu nunca tinha feito. Eu não gostava de segurar em pau de homem, ele segurava no meu, eu no dele, foi um troço muito forte, muito forte mesmo. Depois dessa eu tive a resposta, não adianta ficar forçando pro lado de mulher, o que me faz bem é isso mesmo. Aí foi muito engraçado, porque a gente se despediu naquela coisa toda, eu tinha que voltar prá faculdade e aí cara, foi engraçadíssimo porque quando a gente se falou no telefone 2 (dois) dias depois, já não era a mesma coisa, eu não lembro se agente marcou alguma coisa em São Paulo, ou eu fui e nem encontrei com ele, ele já tava com outra pessoa, aí foi aquela água, deu tudo prá trás aquela relação, tudo negativo. Mas tinha que acontecer prá provar pra mim mesmo que era essa entendeu? Não foi adiante. Porque quando a gente passou esses 3 (três) dias ele ficou pensando em vir pro Rio, ele era advogado, sabe fazer a banca aqui no Rio, a gente tinha planos sabe? Foi uma coisa muito forte e de repente... pá! furou tudo". (sic)

P. Assim como veio...

R. "Foi embora. Aí depois eu pensei, sabe de uma coisa? Eu tô perdendo o meu tempo com esse negócio de mulher, eu gosto de vida gay, de boite gay, gosto de sair com homem, eu faço tudo na cama mesmo, sabe? Vou tirar esse troço da cabeça". (sic)

Para o sujeito H, de 34 (trinta e quatro)anos, publicitário, a significação do HIV está também vinculada ao modo como experimentou e organizou sua vida sexual e à auto-imagem construída por ele.

A peculiaridade do processo de escolha e assunção de sua preferência sexual, teria contribuído, em sua opinião, para que adotasse comportamentos de menor risco, comparado com os outros homens de seu círculo de relacionamento.

Ingenuidade, resguardo, preocupação em distinguir-se “do tipo de cabeça” de amigos e conhecidos com a mesma inclinação, teriam “bloqueado” o desenvolvimento de sua sexualidade, embora tenha lhe favorecido quanto à prevenção da AIDS.

Sua maneira contida de se expressar e relacionar sexualmente, na época em que tomou conhecimento do HIV, teria lhe permitido assimilar com mais facilidade a idéia da prevenção e do uso do preservativo em suas relações.

“Eu tenho 34 (trinta e quatro) anos e é... em termos de consciência homossexual, eu poderia dizer que a minha vida ela foi muito é...lentamente é... desenvolvida do ponto de vista da sexualidade. Quando eu era garoto, eu tinha namoradas e tudo. Embora as coisas não se consumassem exatamente como eu imaginava com meus colegas, mas tinha tinha aquela perspectiva que todo hetero tem de casar, manter família e tudo. Então pouco a pouco essa presença homoerótica foi surgindo com uma força muito maior, e eu nunca tinha falado sobre isso com ninguém, só vim a comentar isso com uma amiga que já tinha me comentado antes a respeito da lesbiandade dela, e com muita dificuldade eu falei isso prá ela aos 22 (vinte e dois) anos. Então já foi uma coisa tardia em relação a muitas pessoas que eu conheço e já conheci. Tardamente não só ao assumir-se como também o projetar efetivamente a sexualidade. Ou seja, ter uma relação efetivamente com alguém. Eu depois que comentei com essa amiga, claro é um peso que sai da sua cabeça, então nesse mesmo ano eu vim a conhecer u, u, u, uma relação homoerótica, eu ia dizer um cara, mas na realidade era um amigo,

um colega de curso, e que também nunca tinha tido uma experiência. Foi a primeira vez pros 2 (dois). A partir desse momento, com 22 (vinte e dois) anos, ou seja, a 12 (doze) anos atrás, época em que a questão da AIDS, do HIV não era conhecida em termos de... coletivos, em termos de mídia, não existia informação, isso só foi acontecer muitos anos depois. Eu nessa época era uma pessoa assim muito... muito ingênua, e talvez até desinformado em muitas coisas, e essa primeira relação que eu tive não houve uso de camisinha, como algumas subsequentes também não houve. É ... eu tive essa relação, depois um pouco mais de lentidão tive uma outra e outra... E as coisas foram muito devagar comigo, o que me torne talvez uma pessoa com características um pouco... é...é... como é que eu vou dizer... peculiares, no sentido de me parecer com outras pessoas que tiveram a sexualidade muito mais livre e aberta e regular. Eu não tive. Prá mim as coisas foram muito lentas, muito pensadas, muito difíceis, então eu vim a ter a começar a ter assim relacionamentos que eu poderia chamar de um pouco mais duradouros anos depois (...) Eu estava me resguardando. E esse resguardar foi ao mesmo tempo ruim prá minha cabeça porque me bloqueou, foi em termos de sexualidade de convivência com a AIDS me beneficiou. Porque a minha primeira relação que eu realmente vim ter em termos de penetração já foi com camisinha. Que ela demorou tanto, eu me impus tanto a uma... não... não quero isso, não... que ...". (sic)

P. Pré-requisitos

R. "Pois é...muitos cuidados, muito cheio de dedos, muitos esmeros, muitos melindres. Esses melindres provocaram uma descoberta muito tardia de relações mais profundas em termos de sexualidade. Então eu vim a ter relações, claro durante ao, ao, assim até uma certa época eu tive relações sem o uso de camisinha, mas eram relações... que não... em termos de risco não representariam tanto um quadro de risco assim né? Eu depois que comecei a ter relações, assumir mesmo isso e esse prazer de ter esse tipo de relação já usava

camisinha. (...) Eu sô uma pessoa que eu vim a me abrir em termos afetivos, sexuais, em termos de atração, sentir-se atraente prá s pessoas, como eu falei, de uma certa forma, em comparação com amigos, tardiamente. Então esse advento da AIDS, ter que transar e ao mesmo tempo ter que pensar e evitar o risco, ela não foi um estrondo na minha cabeça como foi prá algumas pessoas, que tinham uma vida totalmente liberta, que ficavam com tantas pessoas... Eu nunca fui promíscuo, em função dessa afetividade minha que sempre foi muito profunda, eu sempre tive cuidado de não ficar com muita gente, eu queria me guardar".
(sic)

Contudo, não se pode deixar de relacionar esta atitude contida, seletiva, expressiva de uma busca de gratificação afetiva mais "profunda", com a forma através da qual H experimentou a descoberta e assunção de sua inclinação sexual, a importância de sua participação em um grupo de conscientização de "homossexuais" (o Arco-Íris), e a baixa exposição ao risco de contágio.

Diferente do entrevistado anterior, H parece ter passado um período de sua vida em conflito consigo mesmo. De um lado os valores morais de sua família e da sociedade "judaico-cristã", relativamente interiorizados, e de outro, a singularidade de seu desejo. Conflito "difícil" de ser superado, não fosse a mediação de um terceiro elemento, (o grupo Arco-Íris), que lhe proporcionou condições de ressignificar, com mais autonomia, sua preferência sexual. Um "processo" vivido ativamente, através do qual pôde reconstruir uma auto-imagem, mais satisfatória e adequada ao modelo do sexo mais seguro, sem que para isso tenha sido necessário a ocorrência de algum trauma.

Um "processo" que lhe trouxe a consciência de que poderia ficar mais satisfeito, se passasse a escolher parceiros - sexuais e não sexuais - que também preferissem outros homens para se relacionar, em vez de ficar "cansado" e frustrado ao procurar aqueles menos definidos.

Entrevistador: Eu sei que você faz parte de um grupo de conscientização homossexual, enfim... participa, etc... O que representa este grupo prá ti em termos de envolvimento, ele contribuiu, não contribuiu para a formação de uma atitude frente ao HIV? E qual a relação que a entrada para um grupo de conscientização teve em relação à tua história pessoal, das tuas opções sexuais, quer dizer como foi esse processo de assumir sua própria homossexualidade, seus desejos, suas preferências, dentro deste contexto social que a gente vive ?

R. *Quanto a esse último aspecto que você falou foi muito difícil porque eu venho de uma família católica que é conservadora, sou filho único, existe toda uma expectativa em relação ao filho único de dar uma prole. Então a sociedade não é... facilitadora nesse sentido principalmente que a gente vive. A sociedade sob a égide judaico-cristã, é uma sociedade que discrimina, que é intransigente, não tolera, e isso dificulta muito, aumenta muito a culpa, abaixa a auto-estima e acho muito difícil uma pessoa da noite pro dia consiga dizer: "eu sou consciente, me assumi, acabou, não vou ligar prá mais nada do que dizem". É muito difícil. Isso é um processo. E comigo não foi diferente das outras pessoas, foi um processo também. O grupo Arco-Íris entrou na minha vida através de um amigo, há 4 (quatro) anos atrás, esse amigo, já falecido, morreu ano passado também de AIDS, como outros tantos amigos que eu tive, além do primeiro, esse que eu relatei, outros morreram também, pessoas mais próximas e mais próximas, foi um dado que foi de certa forma me alertando, a proximidade das pessoas que tinham o HIV. Então na época que eu entrei pro Arco-Íris, eu tinha ainda uma certa prevenção contra a, a, homossexualidade que freqüenta, que se manifesta, que vai aos lugares e tal. Eu era um pouco reservado, e esse amigo falou: "olha você é uma pessoa que gosta de conversar, tem um grupo que se conversa, que se debate, todas as sextas feiras se reúne prá discutir a conscientização a discriminação". Aí eu falei: P [o amigo] não sei, não sei,*

vamo pensar nisso, tal, um dia talvez. E esse dia chegou mas não em forma de reunião. Houve uma festa desse grupo, de aniversariantes e eu falei: "bom, assim é mais amena a circunstância, eu vou nessa festa". Quando eu fui na festa, eu cheguei na festa, conheci as pessoas, gostei, algumas até já conhecia de vista, comecei a me identificar com a proposta do grupo, o grupo tava começando, havia praticamente 4 (quatro) meses que ele existia. Ele começou na casa de amigos, e foi crescendo, outros foram trazendo outros amigos, outros foram gostando da proposta, todos imaginavam - ah! mas é muita viadagem. Mas não era, é um grupo sério, tanto que existe há 4 (quatro) anos. Hoje em dia, e é um grupo que no panorama social e da sexualidade, de um modo geral é um grupo que já realizou bastante coisas, pelo qual já passaram inúmeras, centenas de pessoas. Já ajudou a cabeça de muita gente, gente mais nova, gente de mais idade, já fizeram parte dele. Nos debates, já houve palestras sobre AIDS, já houve esclarecimentos psicológicos, tudo que você possa imaginar em termos de temática já houve. Hoje em dia, eu vou menos ao grupo porque depois de 3 (três), 4 (quatro) anos, toda sexta-feira, não tem quem agüente. Mas eu ainda fiz muitos amigos através desse grupo, minha cabeça abriu muito, minha auto-estima cresceu muito, a minha consciência em relação aos cuidados em relação aos cuidados não só com, com doença, mas aos cuidados em relação as pessoas, aos sentimentos das pessoas, a mim próprio, a minha cabeça abriu muito. Essa é que a verdade. Porque você sempre aumentará sua auto-estima quando você ouvir uma outra pessoa, o teu semelhante, narrar um fato que você já vivenciou, que foi uma coisa pelo menos parecida, e isso te dá referência, e eu não tinha muitas referências, e as minhas referências começaram aumentar. Então nesse ponto, de cara, o grupo já me ajudou a ter mais autoconfiança, mais segurança e poder discutir minha sexualidade com outras pessoas, coisa que eu acho que eu tenho facilidade prá fazer e me expor". (sic)

P. Ocorreu algum fato marcante na tua vida é... que você faça referência a essa mudança, a esse assumir-se?

R. *"Não. Acho que foi um processo crescente de cansaço, de saco cheio, eu não agüento mais isso, de ter que ficar escondendo, ficar dissimulando e de ter que ficar me apaixonando por caras que são heteros, porque é com esses caras que eu estou sempre presente num dos grupos que faço parte. Acho que foi cansando. Eu me lembro de certa data, que eu tava as pessoas tavam na casa tal... dormiam muito juntas, que eu por estar bêbado num reveillon fora do Rio, tal... que eu tava bêbado tal... e que a noite eu abordei um dos caras e foi uma coisa muito desagradável, porque o cara começou a falar ih não faz isso e tal... Isso foi muito desagradável, tão desagradável que no dia seguinte eu falei num quero mais isso. É muito chato pôxa, eu num tô sendo, eu num tô sendo... é... uma pessoa é... diferente das outras em termos de, de, integridade, tô sendo apenas uma pessoa que está apenas exprimindo seus sentimentos, eu não acho justo isso. Então pouco a pouco foi crescendo um certo desgosto e insatisfação em relação a isso... Eu acho que não foi um dado, foi uma série de dados, um processo". (sic)*

O HIV tornou-se presente na vida do sujeito K, carioca, 40 (quarenta) anos, psicólogo, no momento em que, aos 32 (trinta e dois) anos de idade, iniciava sua vida sexual com outros homens. Para ele, o HIV trouxe junto com o risco de morte, a ansiedade e um medo exagerado, desvinculado de sua realidade objetiva e associado à um profundo sentimento de culpa.

Por longo tempo teria permanecido com sua sexualidade "reprimida", só conseguindo realizar seus desejos homoeróticos "tardamente", após muitos anos de "sofrimento", "culpa" e "análise".

"Bom você me pergunta que efeitos teve na minha vida. É... muitos efeitos. Medo, começou a me causar medo. E... enfim, medo e paranóia. Eu lembro que eu tinha, eu tinha alguns contatos sexuais assim, uma coisa rápida,

ai depois ficava grilado: ih! será que eu peguei AIDS? Embora eu não tivesse feito nenhuma prática de risco, mas mesmo assim eu ficava assustado". (sic)

É importante destacar, que ao ter iniciado a realização de seus desejos tão longamente tolhidos, poder-se-ia supor que em seguida seus sintomas fossem amenizados. No entanto, de acordo com K, não foi isso que ocorreu. A preocupação, o medo e a angústia ficaram rigidamente associados à contaminação pelo HIV, sem que houvesse motivos reais para tanto.

Entrevistador: E como foi então prá ti esse momento no qual tu estavas começando a viver a tua sexualidade de uma forma mais efetiva, num momento histórico em que pairava um risco diretamente implicado na relação sexual?

R. *"Eu não me lembro assim de... ficar incomodado em função de eu estar iniciando a minha vida sexual, homossexual, nesse contexto histórico da AIDS". (sic)*

P. Não levaste muito em conta.

R. *"Eu acho que não, André. O que me incomodou, a minha angústia, era pegar AIDS sabe? Isso é que eu ficava paranóico, eu percebia que tava excessivo né? Eu tava assim... eu tava excessivo. Ai fui lá trabalhar na análise, que diabo era isso. Se eu não tô realizando nenhuma prática sexual considerada de risco, porque que eu tô com medo, porque que eu tô achando que eu tô com AIDS? Eu fiz exames de HIV, uns 2 (dois) ou 3 (três) exames, deram negativos, só podiam dá né? Porque eu não tinha me colocado em nenhuma prática sexual de risco. Quer dizer eu não fazia penetração né? Anal. Quer dizer... eu... o que eu fazia em termos de... de... de sexo, era o tal do sexo seguro. Eu já tava informado através dessa cartilha, desse livro do GAPA [grupo de prevenção à AIDS], e depois eu peguei mais material lá, eu me lembro, esse livro eu peguei através de uma colega e depois eu peguei mais material, ai peguei folhetos e tal, então, então isso né? Eu me lembro de um momento assim que tava muito...*

excessivo, que eu tava paranóico, tava demais, qualquer coisinha... depois eu ficava analisando aquilo : será que eu peguei? Porque eu fiz aquilo? Ai ia consultar o livro, foi algum tempo aí de angústia e ficava com aquilo na cabeça sabe? Uma coisa..". (sic)

Contudo, a angústia de K extrapolava os estreitos limites demarcados pelo medo de morrer de AIDS, justo no momento em que se dispunha a romper com a situação que o oprimia e dominava, cuja superação diz ter sido alcançada com a ajuda decisiva de sua análise pessoal.

Submetido à um sistema de valores que faz da heterossexualidade reprodutiva o único caminho para a felicidade e realização, H, percebendo-se fora deste modelo, passou a atribuir a si próprio, ora o rótulo de doente, ora de pecador. Nas duas alternativas ele estaria afrontando uma espécie de ordem natural das coisas: seja um padrão de equilíbrio e saúde, seja uma norma moral que só autoriza a união entre homens e mulheres.

P. E nesse teu percurso, como foi prá ti esse assumir-se?

R. *"Foi com muita angústia né André". (sic)*

P. Porque? Tu te sentias cobrado pela família?

R. *"Não, por mim mesmo. Eu achava que era doença, que era errado, que o normal era gostar de mulher e..". (sic)*

P. Te recriminavas muito?

R. *"Muito, muito, muito. E tentava encontrar respostas nos livros de Psicologia". (sic)*

P. As causas de homossexualidade?

R. *"Exato. exatamente". (sic)*

P. Como se buscasses a origem de uma doença, de uma praga...

R. *"Pois é, eu me lembro que eu ficava muito atordoado, até com as coisas que eu lia... Era uma época assim confusa e houve um momento que os desejos foram pulando (risos)" (sic)*

P. Não deu mais prá segurar...

R. *"É. Explode coração, como diz a música né? Até que depois de muito tempo eu comecei a experimentar isso né? Eu tava com vontade e tal..". (sic)*

E apesar de todos os avanços no sentido de adotar uma linha de conduta mais coerente com suas aspirações - pois chegou a manter um relacionamento com um namorado durante 4 (quatro) anos - H ainda oculta de sua família sua verdadeira inclinação erótica.

P. O teu processo de assunção da tua orientação sexual foi difícil muito mais por motivos internos do que externos?

R. *"Eu acho que sim André. Claro que isso me afeta..". (sic)*

P. O preconceito.

R. *"Sim, claro, eu tenho medo né? É... tanto é que minha família não sabe, oficialmente não sabe que eu sou gay, os meus colegas de trabalho também oficialmente não sabem, acredito que eles suspeitem, acredito que minha mãe suspeite, ela dá sinais. E socialmente falando no nível mais político, a tal da visibilidade, é uma coisa ainda difícil prá mim, eu lá no Grupo Arco-Íris, eu de vez em quando eu tô topando com isso, as passeatas, campanhas... Eu tô indo, mas já foi pior. Ainda é difícil, mas a coisa vem decrescendo. Mas eu tenho medo, eu evito ser fotografado, eventualmente vão jornalistas na reunião querendo fazer reportagens sobre alguma particularidade gay, eu evito. É uma coisa que me incomoda evitar, também me incomoda. Mas eu evito, no momento não dá. Não dá. Eu quero romper com isso sabe? eu tenho vontade... mas ainda não dá, é um limite assim prá mim. Romper no sentido de ficar mais à vontade..". (sic)*

O sujeito D, psicólogo, 26 (vinte e seis) anos, nascido em cidade do interior mineiro, vincula suas preocupações com o HIV ao fato de manter ou não um relacionamento estável com um namorado e a participação no grupo Arco-Íris. Considera que ao longo dos últimos 9 (nove) anos, vem cada vez mais

evitando relações sexuais desprotegidas em função do entrosamento desses fatores.

"(...) então desde o início eu me preocupo com AIDS, acho que ... é.. depois que passei a freqüentar o grupo Arco-Íris, chamado de grupo de conscientização homossexual é... eu comecei a.. me sentir melhor com a questão da homossexualidade, achei é... é... que poderia conquistar sempre mais respeito, principalmente vinculado a um grupo como esse passível de mais conquistas, de mais respeito, de ... e.. a questão da fidelidade que comecei a desenvolver freqüentando grupos... eu comecei a pensar como poderia ser interessante encontrar uma pessoa só, um parceiro, e estabelecer uma espécie de casamento". (sic)

P. Uma relação estável...

R. *"É, e como isso até no sentido assim capitalista poderia ser mais interessante, né? Por exemplo, a pessoa que eu estou agora, a gente faz 3 (três) meses amanhã, e.. a gente não tem grana atualmente, mas...é... acho legal porque é uma pessoa que eu gosto muito, que acho bonita, que me atrai e eu acho muito inteligente, e é um cara que faz 2 (duas) faculdades, quer dizer ele é um mero estudante universitário, mas é uma coisa que promete, mesmo que... eu tive essa sorte de encontrar o A e... Ele, ele faz Jornalismo na UERJ e Publicidade e Propaganda na UFRJ, e a gente está nessa união querendo que ela seja estável, tá sendo... A gente se gosta e tem essa vantagem do do da parceria capitalista, quer dizer o casamento tem essa função, mesmo entre homem e mulher, tem um pouco essa estabilidade afetiva que se alcança a partir de um casamento, que se consegue batalhar um monte de coisas na vida, de outra forma seria mais difícil, e essa é a grande vantagem de de da fidelidade né? De é... é.. práticas sexuais menos perigosas, um comportamento sexual mais restrito a ao próprio casamento; eu não sei até que ponto eu vou conseguir manter isso, por enquanto dá prá manter. Acho que essas coisas todas tão*

juntas... a satisfação afetiva que eu tenho no próprio grupo Arco-Íris é... tudo isso foi aos poucos, foi contribuindo prá eu ter um comportamento sexual menos arriscado né? E até mesmo as minhas fantasias, isso diminuiu, eu não tenho aquele tesão, aquela fantasia, não é uma coisa que me acossa muito né? Certos tipos de fantasia me acossavam com mais freqüência e mais intensidade, em outros tempos de uma tentação por uma sauna... no Catete... e... encontrar um...sei lá um... é... como poderia dizer... encontrar um nordestino, um cara..”.

(sic)

Fidelidade, estabilidade no namoro ao invés de relações anônimas e com diferentes parceiros, respeito à sua “homossexualidade”, combinam-se em seu imaginário como que lhe protegendo de suas fantasias que antes lhe “acossavam”. A participação no grupo de conscientização homossexual e a relação com o atual namorado parecem cumprir uma função reguladora, controlando a possibilidade de realização de algumas fantasias sexuais. Como por exemplo, a de se relacionar apenas sexualmente com parceiros de posição inferior na escala social.

“(...) alguém que não seja gay, seja(risos) sei lá encontrar um homem gostoso como... o porteiro desse prédio por exemplo..”. *(sic)*

Cabe aqui destacar a importância que a idéia de “casamento” - no sentido pretendido por D - ocupa na composição de sua imagem pessoal e no conseqüente direcionamento de sua conduta. Estar “casado”, tem para ele atualmente um duplo significado. Refere-se tanto à manutenção de uma relação estável e exclusiva com um parceiro, quanto à filiação e engajamento num grupo de conscientização homossexual.

“(...) Eu não acho que eu seja um homossexual que ultimamente esteja correndo muitos riscos do tipo... ser pego por um michêzinho no Jumping Jack...[bar situado na zona sul carioca, freqüentado por gays], eles falam que nos arredores do Jumping Jack as pessoas correm um pouco de risco, os gays né?

De.. a coisa do "boa noite Cinderela", comprimido na bebida, o cara te leva prá sua casa e rouba, pode até matar, navalhar como eu já ouvi dizer e..". (sic)

P. Quem tá casado não corre esse risco?

R. "Muito menos. E se você tá casado com o movimento homossexual, você tem muita informação... de onde é que está acontecendo o "boa noite Cinderela"... E até mesmo o michê, se eu quiser garoto de programa eu vou pegar os caras já conhecidos no grupo, entendeu?" (sic)

P. Detalhes...

R. "Sabem de tudo, sabem quanto cobram, sabem se é moreno, louro, se é gostoso, se não é... São caras muito mais carinhosos porque já tem ligações com gays ou com o movimento homossexual do Rio de Janeiro, e você já sabe o nome... você tenta se proteger de alguma forma..". (sic)

P. Através de informações de pessoas que já conhecem...

R. "Exatamente. Muita informação..". (sic)

Contudo, alguns anos antes, época em que passou a ter consciência de sua inclinação sexual, D reagia de modo diferente e atribuía um outro sentido ao "casamento", acompanhado de alterações emocionais perturbadoras.

"(...) Eu que tinha certas épocas, certos dias que eu podia ficar triste, deprimido, e que achava que aquilo tinha um motivo especial uma causa especial que era a homossexualidade. Eu achava que eu tava triste porque era viado, homossexual, e que se eu fosse hetero, se eu conseguisse conquistar essa inscrição da heterossexualidade e do casamento com uma mulher e até mesmo da paternidade é... se eu conseguisse seguir o caminho do normal, da maioria, que hoje eu já nem sei se é normal ou maioria...(risos) eu achava que isso seria o caminho mais fácil, mais tranquilo, que me daria menos frustrações e mais felicidade até". (sic)

Antes, a consciência de sua "homossexualidade" associada à condição de "solteiro" pareciam conduzir D ao desamparo, à tristeza, à baixa auto-estima,

sentimentos dos quais seria salvo se casasse com uma mulher e “conseguisse seguir o caminho do normal, da maioria”.

Atualmente, “casado” com um homem e com “o movimento homossexual” percebe-se mais protegido dos riscos de contaminação pelo HIV porque não se sente tão “tentado” a realizar fantasias eróticas com desconhecidos. Como se o vírus da AIDS não pudesse ser também transmitido por pessoas de seu círculo de amizades.

Entrevistador: Tu chegaste a ter medo quando tu te percebeste homossexual? E quando tu começaste a ter vida sexual com outros homens tu tinhas medo?

R. (pausa) “*Sim acho que sim... Esse caminho é um trajeto muito longo esse da desinibição em direção à, à... por muito tempo eu achava que eu ia ser bissexual eu achava que é... que eu ia... até mesmo a Psicanálise influenciava um pouco... essa coisa do desenvolvimento da libido... que eu achava que através da análise eu podia desenvolver a libido até chegar a... a... ao reconhecimento do outro sexo, esse outro sexo representado por uma mulher e... então por algum tempo assim eu achava que ia conhecer uma mulher que ia me conquistar ia me tirar do homossexualismo e ..*”. (sic)

P. Tirar do homossexualismo porque tu te sentias infeliz ?

R. “*É... cada vez menos, mas tinha essas preocupações né?*” (sic)

UMA SÍNTESE INTERPRETATIVA

Os depoimentos analisados neste segundo núcleo temático, suscitam 2 (duas) questões interligadas que merecem ser consideradas à luz do referencial teórico aqui adotado.

A primeira, já mencionada no capítulo anterior e agora descrita e comentada detalhadamente, é a da multiplicidade de significação do HIV, a partir

do estabelecimento da relação entre a percepção da existência do vírus e a prática de relações afetivas e sexuais de orientação homoerótica.

A significação do HIV estaria atrelada à maneira como os sujeitos concebem seu homoerotismo? Qual o caráter desta relação?

A segunda, decorre do modo como os próprios sujeitos caracterizaram sua inclinação homoerótica. Pode-se constatar que entre todos existiu, ou ainda existe, a visão de que a prática do homoerotismo é desvalorizada pela sociedade abrangente, tendo por consequência um elevado custo emocional expressamente indicado em seus discursos.

Os depoimentos indicam que o desejo homoerótico está constantemente associado à sentimentos dolorosos e ameaçadores de exclusão, desamparo e isolamento, tendo ou não ocorrido na vida de algum dos sujeitos, situações nas quais tais desejos tenham sido revelados publicamente.

Ao longo das entrevistas, percebe-se ter havido entre os sujeitos - ao menos num determinado momento de suas histórias pessoais - a convicção de que o caminho que poderia levá-los à realização de seus anseios afetivos e sexuais, seria o mesmo que os conduziria à destruição. Manifestar abertamente a disposição de estabelecer e manter relações sexuais recíprocas com outros homens, constituiu para os entrevistados, a maneira mais direta de se tornar o alvo de preconceitos, de discriminação e rejeição, até mesmo no seio da própria família.

Haveria alguma especificidade valorativa do HIV associada ao sentimento de pertencer à uma minoria, cuja preferência sexual ainda não foi legitimada pela sociedade abrangente?

Indagar acerca do significado que podem assumir os fatos da vida individual ou coletiva, é colocar nosso objeto de estudo numa perspectiva social-histórica. Isto é, qualquer que seja a significação que se venha construir, ela será

sempre sustentada por formas instituídas, capazes de influir profundamente no psiquismo humano.

Os atos individuais ao se realizarem, por exemplo, concretizam a sociedade na qual estão inseridos. Os valores atribuídos pelos indivíduos à sua experiência de vida na sociedade, emergem do imaginário radical e são impostos à psique por vias institucionais.

No pensamento de Castoriadis, o próprio indivíduo como um todo é o resultado de um processo de fabricação da sociedade, o qual parte de uma matéria-prima essencial que é a psique. Um processo no qual, mais ou menos violentamente, o indivíduo interioriza a instituição da sociedade que, daí em diante, passará a fazer parte da sua psique. Portanto, não se pode supor com razão, que a transformação do recém-nascido em indivíduo social, seja livre de tensões, de dor e conflitos.

Na verdade, a oposição fundamental, não é entre o indivíduo e a sociedade na qual ele se origina. O aspecto doloroso implicado na socialização, tal como concebida por Castoriadis, advém do confronto entre a psique e as significações instituídas da sociedade.

Veja-se como o referido autor (1992: 125) aborda a questão

“ Do ponto de vista psíquico, a fabricação social do indivíduo é um processo histórico, mediante o qual a psique é obrigada (seja suave ou brutalmente, trata-se sempre de uma violência feita à sua natureza própria) a abandonar (nunca total, mas suficiente quanto à necessidade/uso social) seus objetos e seu mundo iniciais e investir objetos, um mundo, regras que são socialmente instituídas. Aqui está o verdadeiro sentido do processo de sublimação. O requisito mínimo para que o processo possa desenvolver-se é que a instituição ofereça à psique sentido - um outro tipo de sentido que não o proto-sentido da mônada psíquica. O indivíduo social constitui-se assim interiorizando explicitamente fragmentos importantes desse mundo, e implicitamente sua totalidade virtual pelas repercussões intermináveis que ligam magmáticamente cada fragmento desse mundo aos outros”.

Castoriadis aqui, enfatiza a importância do poder formador das instituições da sociedade, face ao polo imediatamente oposto que é a psique. A

efetividade das significações imaginárias sociais é garantida pelo próprio processo de formação do indivíduo. Em outras palavras, é da capacidade de desenvolvimento da sublimação que depende a constituição do indivíduo social.

O poder instituinte da sociedade consiste na capacidade de levar alguém a fazer ou deixar de fazer aquilo que, necessariamente, ele não faria se estivesse entregue a si mesmo.

Em nossa sociedade, de um modo geral, é na família e através da mãe, que se dá esse processo de impregnação de valores sociais, complementado pela educação, escolaridade, costumes e leis.

No entanto, esse poder não é absoluto. O poder instituinte exercido pelas instituições, não condena os indivíduos a simplesmente reproduzirem o sistema que os gerou.

Se assim fosse, não haveria a história, as mudanças sociais, nem as diversas sociedades ou os diferentes indivíduos dentro de uma sociedade.

Há que se considerar a natureza fundamental da psique. Sua capacidade de preservar os princípios de funcionamento do seu núcleo monádico, em relação à formação social que a ela se sobrepõe.

Nas palavras de CASTORIADIS, (1992: 129)

“ Qualquer que seja a rigidez ou o quanto seja estanque o tipo de indivíduo no qual ela [a sociedade] se transformou, o ser próprio e irreduzível da psique singular se manifesta sempre - como sonho, ‘doença psíquica’, transgressão, litígio e altercação - mas também como contribuição singular - raramente determinável, nas sociedades tradicionais - à hiperlenta alteração dos modos do fazer e do representar sociais”.

Portanto, há neste longo e doloroso processo de fabricação do indivíduo social, a preservação de uma dimensão universal e essencial no ser humano: a possibilidade de, através da criação, atribuir significados singulares aos fatos de sua experiência no mundo e organizá-los de um modo que não seja exatamente igual às expectativas sociais dominantes.

A orientação homoerótica tal como é majoritariamente significada nas mais diferentes sociedades contemporâneas, ilustra essa possibilidade do indivíduo desejar e realizar o que é socialmente considerado indesejável e marcado pela intolerância e pelo preconceito.

Fundamentalmente, sempre haverá um elevado custo emocional envolvido na dinâmica tensa e violenta, que se estabelece entre a psique e a instituição da sociedade, sendo a construção da inclinação sexual do sujeito, uma de suas formas.

Do ponto de vista psíquico, o sofrimento é tão inalienável do processo de imposição à psique das normas e valores de uma sociedade, quanto aquele observado nas circunstâncias em que são transgredidos. Para a psique, descobrir que o mundo que lhe é exterior não se dobra aos seus desígnios, sempre será representado pelo sofrimento e pela angústia.

Qualquer que tenha sido a escolha realizada, seja a da adaptação aos modelos vigentes, seja a da transgressão das normas, a psique terá necessariamente que abrir mão de seus objetos, de seu modo específico de investir, para então assimilar significações instituídas, criadas a cada vez pela sociedade.

As diferenças começam a surgir quando consideramos, caso a caso, os diversos graus de absorção pela psique, da instituição da sociedade.

A interiorização das significações sociais, não é nem uniforme, nem completa. No estudo realizado, parece ter ficado explícito, tanto os diferentes níveis de incorporação quanto os de transgressão dos padrões de relacionamento afetivo e sexual, que vigoram na sociedade.

Cada sujeito, apesar da adversidade percebida e experienciada no contexto no qual foram criados, formou ao longo de sua história pessoal, uma maneira peculiar de responder e enfrentar as conseqüências sociais e familiares, implicadas na assunção de sua preferência, não só através de sua própria

criatividade, mas também, lançando mão de significações outras fornecidas pelo imaginário social.

A experiência homoerótica, tal como se mostrou no discurso dos entrevistados, exemplifica o enorme desafio que é para o sujeito, afirmar sua individualização sob o regime - inevitavelmente - opressivo das instituições sociais.

Para Castoriadis, no âmbito da psique todo sentido depende de seus desejos e representações e de tudo a eles se conformar. A psique é essencialmente imaginação e onipotência; que se defronta desde o nascimento do sujeito, com um primeiro representante da sociedade: a mãe.

“ E a função da mãe é simultaneamente, limitar a criança - ela se torna o instrumento pelo qual a criança começa a descobrir que nem tudo obedece aos seus desejos de onipotência - e ajudar a criança a dar um sentido ao mundo. O papel dessa primeira pessoa é essencial e imperativo. (...) A mãe ajuda a criança a dar sentido ao mundo e a si mesma de maneira muito diversa da maneira inicial própria da mônada psíquica. (...) A mãe destrói isso, [a onipotência] e é obrigada a destruí-lo. Esta é a violência necessária e inevitável. Se ela não o destruir, estará conduzindo a criança à psicose. ” (CASTORIADIS, 1987: 46)

Nas palavras do autor, está ressaltada a importância da função materna, como representante da instituição da sociedade para a construção da subjetividade. É com a mãe que se aprende quando criança o valor e o sentido do mundo no qual se está inserido. Para se sobreviver, somos obrigados a adotar internamente a visão materna do mundo. Até que, pouco a pouco e durante talvez a maior parte da vida, a mãe vai perdendo para o sujeito essa condição que, na terminologia de Castoriadis, foi designada como a *“senhora da significação”*.

A verdadeira mudança psíquica ocorre quando a criança descobre que não há nenhuma *“senhora da significação”*. Quando se aprende que não só não se pode ter tudo quando e como se quer, mas principalmente que as coisas do mundo tem uma significação que não depende apenas de nossa vontade, que os

outros seres humanos tem desejos tão legítimos quanto os nossos e que, na maior parte das vezes, são opostos.

Nos relatos dos sujeitos da pesquisa, deparamo-nos com diferentes níveis inconscientes de aderência aos valores maternos e, por conseguinte, com diferentes graus de alienação afetiva e sexual, associados aos torturantes sentimentos de inferioridade, medo, culpa e auto-depreciação.

Enquanto alguns como, por exemplo o sujeito A, tem atualmente uma posição e uma prática afirmativa quanto aos seus próprios desejos homoeróticos, não pretendendo mais ocultar de sua família o que já não pode mais deixar de ser visto ; outros ainda mantêm uma atitude em que fingem não revelar o que a cada dia salta aos olhos daqueles com quem convivem.

Seus depoimentos nos mostram que no domínio do imaginário podem coexistir tanto os valores agora lucidamente refletidos e definidos da idade adulta, quanto os resíduos persistentes da infância, os modelos hegemônicos que se perpetuam no Eu, cuja principal finalidade é reproduzir as instituições.

Dos relatos, surgem as figuras de homens que tiveram que aprender a lidar com um fato novo e ameaçador - o HIV - que veio a se ligar à experiência de uma trajetória de vida afetiva e sexual marcada socialmente pela desqualificação, pela violência e pelo preconceito.

Mais do que apenas se referir à uma das maneiras de abrigar no corpo um agente patogênico e virtualmente letal, as entrevistas representaram para os sujeitos uma oportunidade de falar e pensar sobre algo que para eles é mais abrangente e relevante : a forma que a experiência homoerótica foi significada na história de vida de cada um.

O vírus da AIDS é aqui interpretado como mais um elemento que incentiva e renova o desafio de desenvolver a individuação, através da sublimação e no rumo de uma vida interna mais integrada.

6.3 – OS ESTILOS DE VIDA AMOROSA E SEXUAL E A EXPOSIÇÃO AO PERIGO

No presente capítulo serão descritos e comentados trechos característicos dos depoimentos dos sujeitos, que de um modo peculiar, expressam com clareza uma linha de conduta associada à um certo encadeamento de representações que se articula com a aproximação de situações perigosas, não apenas aquelas circunscritas à transmissão do HIV.

O objetivo principal será demarcar as principais significações relativas a uma maneira própria de enfrentar situações perigosas, tomando como ponto de partida a representação imaginária do HIV/ AIDS.

Observou-se no conjunto dos depoimentos, que se expor mais ou menos ao risco de infecção consiste numa possibilidade de ação individual que está intrinsecamente implicada na visão que cada indivíduo construiu do mundo que o cerca, e da imagem que ele próprio formou de si e dos outros.

O vírus HIV e a AIDS, embora claramente percebidos no aspecto que para a pesquisa é fundamental - seu caráter altamente perigoso - não apenas adquiriram outras conotações e sentidos, como também remeteram à representações ligadas ao homoerotismo, à masculinidade, à própria AIDS e à virilidade. As quais, como valores, parecem dirigir uma prática individual perigosa que não encontra nenhuma justificativa racional, nem uma estruturação permeável aos objetivos da prevenção de situações de risco.

Espera-se no decorrer da exposição, revelar a especificidade da relação entre as representações imaginárias sociais e as práticas individuais de relacionamento afetivo e sexual, através da qual se pode captar diferentes formas e níveis de aproximação ao perigo.

No depoimento do sujeito A, distinguem-se 3 (três) momentos exemplares quanto à satisfação obtida por ele, ao perceber-se correndo perigo em algumas experiências importantes de sua vida.

O primeiro ainda jovem, nos tempos que morava no interior de Minas Gerais, por volta de 1982, época em que embora já soubesse do modo como se propagava a infecção pelo HIV, não tomava precauções e mantinha uma atitude sexualmente descontraída.

Ele mesmo é quem conta:

"(...) Eu tenho 36 (trinta e seis) anos e posso dizer assim, eu já trepei sem camisinha antes da AIDS, já brinquei muito em piru antes da AIDS e o que eu quero dizer é que eu sinto muito prá quem descobriu a sexualidade depois disso, porque quem comeu comeu, quem não comeu não come mais. Quem esteve no baile antes dessa bomba estourar, se divertiu pencas, se divertiu prá valer".
(sic)

P. Você foi um deles?

R. *"Eu fui. Dentro do que dá prá ser numa cidade de 30.000 (trinta mil) habitantes. [pequena cidade do interior de Minas, onde morava na ocasião] (sic)*

P. E como era nessa época?

R. *"Você sabe que uma vez eu seduzi um professor meu (...) o nome dele era C, eu lembro bem do nome dele porque era muito feio mas ele era um homem bonito. Então quando você fala C, você imagina um cão chupando manga porque o nome é muito feio. Eu seduzi o homem uma noite. E foi muitíssimo bom. Era casado, tinha 3 (três) filhas pequenas, a mais velha com 10 (dez) anos, eu sabia até quem era a mulher dele. Uma noite eu sai de casa, fui na padaria comprar um litro de leite, eu lembro direito. E ficava na praça essa padaria, andei a pé até lá. Quando eu tô passando em frente a um bar, ele tava sentado dentro do carro com a porta aberta, tomando uma cerveja e ouvindo um jogo de futebol no rádio do carro. Ai quando o sangue sobe meu amigo... eu falei*

boa noite, tudo bem? Tudo bem como está o jogo? Ele falou: senta aí. Senta aí? Sentei aí. Mandou entrar, eu entrei já fui passando a mão nas coxas do cara, ele fingiu que estava assustadinho, deixou entornar um pouco da cerveja na perninha dele, eu já fui passando a mão em cima daqueles cabelinhos louros da coxa dele... Daqui há pouco já foi me levando prá fora da cidade, prá cima de um monte de onde se vê a cidade inteira, um morro que tem lá, e lá em cima tem um bambuzal. Em cima desse morro, ficamos vendo a cidade lá em baixo... e um cacetão de um palmo e meio, você faz assim e assim [medindo com a palma da mão] e ainda sobra 3 (três) dedos de pica prá você chupar. Foi uma coisa muito boa o C. Muito gostoso. Isso foi em 82, essa história. Não tinha problema de AIDS em V [pequena cidade do interior de Minas] em 1982". (sic)

O segundo momento se passa em 1985, aos 24 (vinte e quatro) anos, quando ganhou uma bolsa de estudos para estudar Engenharia na Europa. Período no qual se protegia regularmente da contaminação pelo HIV em suas freqüentes e diversificadas relações sexuais. No entanto, mantinha em outros aspectos de sua vida, um considerável nível de proximidade com o perigo, cuja atração nem pretendeu disfarçar:

"(...) Bom, nessa época em M (cidade européia onde foi estudar) eu tava experimentando muita coisa, eu vinha do interior de Minas Gerais, eu fiquei um tempo em L (outra cidade européia), então eu tava saindo de V (pequena cidade mineira onde graduou-se em Engenharia) pro mundo, e eu quis fazer tudo que se faz né? Transei prá caramba, transei muito, trabalhei numa agência de prostituição, e não que eu precisasse tanto da grana, eu precisava, mas ninguém vai ser puta porque quer, ou porque precisa tanto do dinheiro. Vai porque não tá a fim de fazer outras coisas, ou vai porque tá a fim de ir. Eu acho que a pessoa vai ser puta porque tá a fim de ir. Porque se não quiser mesmo, não há santo que te obrigue a ir. Você vai lavar carro, vai entregar marmitta, lavar o chão, vai lavar banheiro, vai passar aspirador, vai carregar saco de cimento, mas se você

não quiser ser puta, você não vai ser nunca. E lá, eu trabalhei numa agência muito chique que funcionava num apartamento muito, muito bem decorado, muito chique com poltronas de veludo branco. Agora no primeiro dia o dono da agência, ela falava... olha isso que eu vou dizer aqui foi março de 85... - regra número um : camisinha, com qualquer cliente, em qualquer relação, em qualquer circunstância. E prá sair prá trabalhar ele botava no bolso da jaqueta da gente. E quando a gente ia fazer atendimento na casa do cliente, isso foi há 12 (doze) anos atrás, camisinha, não se atreva. E no livro dele de foto dos garotos, olhe esse aqui já morreu, esse aqui já morreu, esse tá muito doente. Rapazes lindos. Isso tudo, esse terrorismo que ele fazia, associado ao medo que eu já tinha, eu falei: não, não tem condição. Mas ele não me impediu, isso é que é curioso, eu sabia que a coisa tava perigosa, tava morrendo gente já naquela época, já morria gente nos Estados Unidos, aqui em V nenhum. No Rio pouco, 84-85 tinha muito pouco, falava-se muito pouco de AIDS aqui, eu lembro como se fosse ontem mesmo". (sic)

P. E como é que você entrou nesse tipo de atividade?

R. "Porque eu quis. No lugar em que eu morava, num alojamento para estudantes latino-americanos, e lá tinha 20 (vinte), 30 (trinta) pequenos apartamentos. Vamos dizer 30 (trinta) quartos por andar, eram 4 (quatro) andares, e cada um morava no seu quarto. Meu amigo, ali rolava de tudo, desde tráfico internacional de drogas, contatos prá escravas brancas, tráfico internacional de mulheres... prostituição era fichinha. E eu gostava muito, gostava muito dessa... O telefone toca... Richard onde é o endereço? Aí você anota num pedaço de papel, entra num táxi e volta com 100 (cem), 150 (cento e cinquenta) dólares no bolso, depois de 2 (duas) horas, é uma delícia. E trepando que é a coisa melhor que tem". (sic)

P. Nessa época você via se corria algum tipo de perigo ou não?

R. "Claro que sim. O perigo era iminente, a qualquer momento". (sic)

P. Que tipo de perigo?

R. *"Ora, pegar AIDS e morrer"*. (sic)

P. E além desse? Tinha outros?

R. *"Tinha, muitos. Eu vivia ilegal correndo da polícia depois que o meu visto expirou, 1 ½ (um ano e meio). Depois de sucessivas tentativas de renovar o meu visto de estudante... ah! eu acabei não cursando, eu não fiz o curso, tá me entendendo? Eu cheguei lá, eu pirei, não quero fazer o curso, não vou fazer isso, ao invés eu fui prá faculdade em um curso prá estrangeiros, de Alemão onde eu sou formado, me matriculei nessa escola, eu vou ficar. Mas meu visto não servia prá ali"*. (sic)

P. Só servia pro curso de Engenharia?

R. *"É. Como eu não fiz, eu não consegui a prorrogação. E eu fui lá no Departamento de Estrangeiros, pedi uma prorrogação, tentei um truque o cara falou, "não, não dá não". Então tinha vários perigos, a própria língua, de estar num país estrangeiro, de ter saído do mato, dos neonazistas que já tinha na época, que saem no meio da noite e por nada chegam 8 (oito) caras, pegam um sozinho, gay, estrangeiro, com cara de latino, cobrem de pau no meio da rua e vai embora rindo, sem roubar um centavo. Não pegam nem o seu ticket do metrô, e deixam você caído, sangrando... e vão embora. Então medos há muitos"*. (sic)

P. Esses riscos...

R. *"São muito atraentes...(...)"* (sic)

O terceiro, ocorrido mais recentemente, é caracterizado por A como uma situação que na sua opinião é muito comum entre os "gays", que é aquela na qual o indivíduo apesar de habitualmente usar preservativo em suas relações, não o utiliza num determinado momento com uma pessoa. Uma única vez sem um motivo fixo, não se usa o preservativo. Foi o que chamou de "loucura do momento".

Não se pode deixar de assinalar que o sujeito A é o mesmo que em outro momento da entrevista atribuiu ao forte sentimento de medo, caracterizado como "hipocondríaco", a razão de ter se prevenido da contaminação, na maioria de seus contatos sexuais.

Entrevistador: Um momento, uma situação inesperada que pintou, um desejo incontrolável e a pessoa acaba cedendo...

R. *"É... Eu já passei por uma situação dessas há 1 (um) ano, em agosto faz 1 (um) ano que eu chupeei o pau de um cara, era um guarda, um polícia, forte, muito bonito, com um 'trêssoitão' na cintura, dentro de um banheiro num centro cultural na cidade, de noite, uma piroca maravilhosa, um pau lindo e gozou na minha boca. Ele falou : tira que eu vou gozar. Eu falei: não. Foi a única vez em toda a minha vida que eu fiz uma coisa muito perigosa. O homem casado, a aliança brilhando no dedo, eu fiquei mais doido ainda. Quer dizer, que a loucura existe. Eu só espero conseguir me refrear dela como eu já tenho feito com tanto sucesso até hoje. Só que nesse dia não deu". (sic)*

P. Esse dia foi um deslize ?

R. *"É. Um homem lindo, abriu a camisa mostrou os peitos, abriu a braguilha tirou o pau prá fora, os ovos pareciam ovos de pata, um cacete de um palmo e meio de pica, e ali enfiando na minha boca no banheiro. Ah pelo amor de Deus ! Eu não mereço não... Não quero passar por isso nunca mais... (risos) Nunca mais aconteceu isso". (sic)*

Em seu depoimento o sujeito A deixa transparecer algo mais do que alguma inconsistência observada entre a consciência do perigo e a prática preventiva. Manifesta explicitamente uma certa predileção por situações potencialmente arriscadas, capazes de lhe trazer em graus variáveis algum tipo de dano, inclusive a contaminação. Sejam situações previsíveis, deliberadas, inseridas num projeto de vida como nos tempos em que se prostituía na Europa.

Sejam as decorrentes de encontros fortuitos, nos quais se deixou levar pela "loucura do momento".

Entrevistador: Antes você tava colocando uma coisa que o risco e o perigo te seduziam de alguma forma e agora nesse momento você tá me falando uma coisa diferente, a proximidade com esse perigo até te afasta né? Como é que você vê isso?

R. *"Olha... é uma pergunta complexa e a resposta não sei se pode ser simples... Mas eu vou tentar. Se eu não souber que o cara tem o vírus da AIDS, eu vou transar com ele, é lógico que eu vou transar de camisinha, porque eu tô me protegendo. Mas se eu sei que ele tem, não dá nem beijo na boca de língua, ouça bem, então o fato de eu não saber que ele tem prá mim inconscientemente ele tem, porque se eu não achasse que ele tinha eu não estaria usando camisinha, não é mesmo? Mas nem isso impede de eu ir, ou seja, o fato de ele ser um possível portador do vírus chega a ser até atraente. Mas no momento que eu sei que o cara é positivo, tá bloqueado, tá amarrado, não vai mais.." (sic)*

P. O risco se torna mais provável...

R. *"Ele quando se torna muito na cara, perde a graça. Quando o vírus já é descarado, iminente, olha esse cara tá com o sangue contaminado com o vírus, provavelmente a saliva e o líquido pré ejaculatório também contém o vírus... Vais encarar? Não. Não. Agora se eu não sei o que o cara tem...(..)" (sic)*

O apreço do sujeito A pelas diversas formas do perigo iminente, pela virtualidade do dano, alcançou sua expressão maior no período que viveu na Europa. Lá, apesar dos riscos, teria conseguido realizar desejos que antes, em Minas, não teriam sido possíveis. Em seu depoimento, o sujeito A deixa claro a importância que teve para ele, tanto sua passagem pela Europa, quanto o significado individual de seu envolvimento com a prostituição. Não parece haver dúvida quanto à intensa e decisiva participação de sua imaginação neste processo.

Entrevistador: Quando tu começaste a te envolver com outros homens, como tu vivias essas relações? O que representava prá ti ?

R. *"Na X (país europeu) onde eu transei muito, você sabe que uma vez eu tentei contar num período de 6 (seis) meses, eu tive uns 80 (oitenta) homens".*
(sic)

P. Tu transavas quantas vezes...?

R. *"Não sei. Eu ganhei muito dinheiro, eu usava roupas ótimas, eu tinha um carro, eu ia a Paris no fim de semana. Convidava meus amigos alemães 'pé rapado' prá jantar e pagava a conta, ia nas discotecas mais caras, comprava discos, ia à Opera, comecei a gostar de musica clássica na Europa. Comecei a me interessar por escritores como Rimbaud, comecei a ler na X, e... André Gide que eu gostava mais na época, Jane Austin que eu nunca tinha ouvido falar, que as pessoas me mostravam, eu sentava e lia. O fato de eu ter feito michê não significa nada, hoje na minha vida é um adereço, um enfeite só. Depois que eu voltei há 10 (dez) anos, nunca mais eu transei por grana, é um personagem que eu inventei que teve início meio e fim. Ele findou quando eu voltei prá cá, aqui na minha realidade isso não funciona, é ridículo. Eu morreria de vergonha, ganhar dinheiro de alguém. Não faria isso aqui".* (sic)

O sujeito A, ao descrever sucintamente as atividades de seu "personagem" exprime algumas significações próprias, que de algum modo lhe permitiram desempenhar o papel do michê com segurança e tranquilidade, atendendo sem tropeços ou bloqueios, os desejos de homens e mulheres. Como se estivesse executando uma atividade previamente programada, percebendo nitidamente as diferentes expectativas de seus clientes.

Enquanto, para ele, as mulheres buscavam a companhia de alguém que as tirasse da solidão, partilhando algumas horas de lazer e divertimento, os homens queriam exclusivamente o sexo fisiológico, sem maiores envoltimentos afetivos.

Entrevistador: E lá na X [país europeu] quem eram os clientes?

R. *"Ah, na X não tem hotel de hora. Essa de entra e sai não existe. Ou você entra e faz as fichas e fica e paga uma diária de 24 (vinte e quatro) horas, como se fosse um cliente qualquer, ou você vai trepar em casa. E por causa da estrutura em casa, as pessoas saem de casa com 18 (dezoito) anos, porque os pais já querem que o filho saia e ele tá doido prá ter seu canto. Então todo mundo tem casa, tem lugar. A não ser os casados. O público geralmente era de homens casados". (sic)*

P. Casados com mulheres?

R. *"Sim. Agora os gays que eu atendia eu atendia nas casas mesmo. Homens de mais idade, mas geralmente eram muito interessantes, serviam uísque, sentam, conversam, nada de pular em cima abrir a calça, chupar piru de cara. Batem papo sabe? Saía com mulher, escort sabe? Prá acompanhar numa festa. Passava antes na agência sabe? E lá tem uma sala cheia de roupas, de armários embutidos de 3 (três) paredes, você pega a roupa, o cara te veste prá você ir". (sic)*

P. Na agência?

R. *"É. Ele te veste antes de você ir pra fazer o atendimento. Dependendo de onde você vai. "Madame aí tá pedindo um rapaz assim, assim, assim, ela tem uma recepção no endereço tal, ela quer saber se você dirige". Dirijo. Fala alemão? Falo. Aí o endereço é tal, chego lá, tá esperando, prontinha, bonita, vestido comprido, bolsinha, me dá a chave, eu vou com ela. Vou à festa. Fica. Ela me apresenta como escort. Não é puto. Escort. Coisa que era muito comum na Alemanha nos anos 20 (vinte), Berlim dos anos 20 (vinte) tinha muito isso. O gigolô no sentido do acompanhante de senhoras. Elas se sentem felizes de levar numa festa, num baile. Se vai trepar ou não fica uma interrogação na cabeça das pessoas. Isso tem ainda". (sic)*

P. Era prá trepar também...

R. *"Olha, só 1 (uma), 2 (duas) vezes, aliás, com mulheres que elas preferiram não trepar. Voltei prá casa e ela deitou no sofá, botou a cabeça no meu colo, eu pensei ôpa, vou começar a endurecer essa pica, porque tá na hora. A mulher conversou, fumamos um cigarro, ouvimos musica, em seguida ela disse eu vou tomar um banho, eu vou deitar. Eu falei assim: é prá eu ir junto? E ela ficou parada, então eu suponho que tá na hora de eu ir. Ela falou: É... abriu a bolsa e deu o dinheiro. A mulher queria uma companhia prá ir à festa e um bate papo depois. Também existe. Tudo é possível". (sic)*

P. E tu acompanhavas tanto homens quanto mulheres ?

R. *"Não, homens era prá trepar mesmo" (sic)*

P. Não tinha essa frescura? (risos)

R. *"Não. O homem não é prá acompanhar, vai prá cama trepa. E é isso.(...)" (sic)*

A maneira como o sujeito A representou sua condição sexual masculina interligou-se no seu imaginário, de um lado com a prática da prostituição, e de outro com o efeito que o surgimento da AIDS acarretou no seu comportamento sexual. Para ele, todos os homens são *"promíscuos"*, agem sexualmente sob o comando de automatismos naturais (como *"bicho"*) sem sofrer a influência significativa de valores éticos, e são capazes de se relacionarem com desconhecidos tendo como única finalidade o prazer sexual, sendo ou não remunerado por isso. Não fosse a AIDS e essa tendência suposta como natural, típica entre os homens, teria certamente continuado inalterada. Ao surgir, o HIV teria passado a funcionar no *"inconsciente"* dos *"gays"* como um *"freio"*, reduzindo a *"promiscuidade"* natural dos homens. O medo de morrer de AIDS teria conseguido conter, mas não eliminar, esse apetite sexual masculino considerado incontrolável.

Entrevistador: Nesse tempo todo a idéia que tu tens da tua sexualidade, mudou ou tem se mantido basicamente a mesma?

R. "A minha sexualidade obviamente que mudou. A minha constituição é promiscua. Se eu deixar o barco correr ao sabor das ondas do rio, eu vou trepar todos os dias com homens diferentes, de preferência anonimamente, porque a essência do sexo é promiscua, homem é bicho, o homem trepa prá gozar, prá se livrar da pôrra, colocando da maneira bem direta". (sic)

P. Troca de óleo?

R. "Trocar o óleo, exatamente isso. O homem sente um frio do caralho que é bárbaro. Os caras morrem de frio, precisam agasalhar de alguma forma. Agora o que mudou nisso tudo? O vírus da AIDS deu uma freada. Eu lembro no início das campanhas : reduzam o número dos parceiros. Sinceramente eu acho que não precisa reduzir o número de parceiros, porque hoje eu já sei que não importa com quantos você faça, mas o que é que você faz. Isso conscientemente, eu volto aquele ponto inicial. O texto paralelo que rola no inconsciente já é... une autre chose, não tem nada a ver com isso. O inconsciente não segue essas regras não, mas conscientemente se você usa camisinha, não deixa gozar na boca, se você faz sexo com todos esses cuidados ainda assim há uma chance de você pegar o vírus, mas essa chance é mínima comparando com o fato de você sair na rua e lhe cair um piano de cauda na cabeça, um carro lhe pegar. Guardadas as proporções a chance de um carro te matar é maior do que um piano lhe cair na cabeça, mas pegar o vírus da AIDS em situações de sexo seguro tá por aí também. É uma coisa que rola por aí. Isso conscientemente, mas inconscientemente amigo, deu uma freada sim. Infelizmente não dá prá fazer tudo aquilo que eu gosto de fazer, que eu gostaria de fazer, eu adoro pôrra, pôrra na cara, no peito, pelo, olho. Bom, a hora que cai, caiu pronto, caiu ficou. Mas pôrra meu amigo, eu não vejo de mexer e tocar desde uns 12 (doze), 13 (treze) anos, que eu não ponho a mão em pôrra. Não ponho. Tá entendendo? (sic)

Num certo momento da entrevista, o sujeito A sintetiza a significação da exposição deliberada ao perigo nas relações sexuais entre homens, encadeando o significado do HIV, o conceito que formou da condição masculina e as características da imagem dos "gays".

Destaque-se no seu modo de ver, o papel protetor e regulador que a instituição familiar ou a afinidade de objetivos individuais, poderia cumprir na vida afetiva e sexual dos homens em geral, e em particular na dos "gays".

Entrevistador: O perigo então está hoje representado basicamente pelo HIV ou tem outros aspectos na tua vida...

R. *"O perigo prá mim hoje chama-se HIV, não tem outra coisa. Porque ele pode ruir o relacionamento afetivo, então ele é o pilar dos medos, os outros medos que daí advém chegam a ser "Show da Xuxa", perto da majestade do vírus. Ufa..". (sic)*

P. E ele te atrai de alguma maneira?

R. *"Não". (sic)*

P. Por que o convívio tão próximo?

R. *"Eu moro com um cara que é HIV positivo, e eu como todo homem normal eu tenho o impulso sexual e como qualquer homem normal a minha orientação é promíscua. O homem só não fica promíscuo porque ele tem de constituir família, é um valor social que lhe é imposto. Porque se o homem não tivesse que constituir família, ele ia ser promíscuo como qualquer bicho, vaca, boi, que trepa com a filha vaca, cadela que trepa com filho cachorrinho. A única coisa que nos distingue é uma coisa chamada de valor social. O gay como não vai casar com mulher, a dificuldade dele é achar um parceiro que pense como ele, que é necessário achar um lar. Quando eles se juntam ótimo, se não se juntarem ambos vão passar pela vida errando, pingando aqui e ali, beijando tudo o que é flor". (sic)*

P. E você acha que isso é próprio da natureza masculina?

R. *"É. Não sei muito da alma feminina, não entendo muito da alma feminina, mas eu acho que sinceramente, quem gosta mesmo de homem é bicha. Mulher não faz loucuras por uma trepada. Quem sai enfrentando os canhões atrás de piroca é viado. Trepa dentro de elevador, chupa piroca no banheiro enfrentando vírus, cacetete, polícia, cachorro, qualquer coisa por uma gozada. Praia, passa cantada em polícia, guarda de trânsito, lixeiro, porteiro... É uma ânsia, um desejo, um tesão tão descomunal que só se explica através de um desejo que nem as próprias mulheres possuem pelos homens. Quem gosta de piroca mesmo é viado". (sic)*

P. E tu achas que esse desejo pela piroca, pelo pau, como tu dizes, é tão grande que muitas vezes a pessoa põe em risco a sua própria vida?

R. *"Mas isso é evidente. Um dos maiores problemas prá quem trabalha com educação de AIDS hoje em dia é a loucura do momento. A pessoa usa camisinha todos os dias durante 10 (dez) anos, um belo dia ela dá o cu pro guarda, porque ela não tinha como deixar o bofe escupar e não tinha camisinha e ouve: "eu só te como se for agora e só te como sem camisinha". Ela vai e dá. Isso tá cansado de acontecer. Eu tô cansado de ver entrevista de pessoas que trabalham com programas de educação de AIDS, que soroconvertem. Foi numa festa, cheirou uma cocaína, em seguida fez sexo ali dentro com um sujeito e pegou o vírus. Eu acho que o grande vilão dessa história toda é a falta de controle que a pessoa tem sobre os momentos. Como eu não entendo a minha alma de todo e nem os momentos que me aguardam, eu só peço a proteção de Deus prá não juntar essa conjuminação de fatores, a conjunção de fatores que vai me deixar "lête a lête" com o vírus e eu vou deixar ele entrar em mim. Eu não tô livre também, por mais consciente e educador que eu seja, quem dirá que eu vou cheirar um dia uma cocaína - eu não cheiro - vou fumar uma maconha, vou encontrar um homem maravilhoso que vai me comer dentro do banheiro da*

casa lá ? Eu espero que não. Mas é um risco que há também. Uma coisa que acontece muito". (sic)

P. Você conhece gente assim? Você fala por experiência?

R. *"Eu falo de cadeira, que eu já conheci muita gente, já perdi muitos amigos, perdi muitos amigos..". (sic)*

Contudo, a composição que faz o sujeito A do sentido individual da inclinação homoerótica, embutida na categoria mais abrangente do masculino e suas conexões com níveis maiores de exposição ao perigo, parece provir das representações que faz de si próprio, de suas realizações e de sua busca pessoal.

Veja-se num outro trecho da entrevista, como seguem no seu discurso os elos associativos nos quais se podem destacar algumas características do seu modelo de homem, suas expectativas amorosas pensadas como separadas do aspecto sexual, e suas aspirações quanto ao futuro.

"(...) Eu voltei em junho-julho de 87. Então esse ano faz 10 (dez) anos que eu tô de volta. [Aqui o sujeito A fala de quando retornou da Europa e como foi o início de sua readaptação no Brasil]" (sic)

P. E logo depois que tu voltaste como foi prá tu te readaptares?

R. *"Eu só fiz trabalhar. Eu só fiz trabalhar. Eu fiquei muito tempo amulado assim socialmente. Trabalhei muito, eu cheguei no Rio com uma mala, uma mala. Em 10 (dez) anos eu comprei um apartamento, comprei um carro, mobíliei tudo, fiz 8 (oito) viagens ao exterior. Isso um simples professor de línguas. Só prá você ter uma idéia do tanto que eu trabalho, eu consegui fazer tudo isso em 10 (dez) anos, sem ajuda de ninguém, não tenho herança, perdi meu pai em 89, por sorte ele não deixou dívida, mas também não deixou nada mais. Então o que eu tenho é o apoio da minha família, o apoio da minha mãe, das minhas irmãs que confiam em mim, que confiam no meu trabalho, que acham legal eu ser independente. Quantas pessoas não tem coragem de sair de casa, que ficam aí 20 (vinte), 30 (trinta), 40 (quarenta) anos enfiado no mesmo*

teto, debaixo da asa da mãe. Tô cansado de ver. Você sai prá jantar com um cara na hora de pagar ele tira do bolso uma folha de cheque com a assinatura da mãe e preenche prá pagar a conta. Isso tem também. Aí você olha pra aquilo e pensa: um homem maravilhoso desse, será que não dá prá ser independente? Será que não dá prá ser um pouco mais pobre, sem ter que gastar um cheque da mãe? Pô, não dá prá vir aqui? Vamos comer um sanduíche ali na beira da praia, sentar e bater um papo? Tá valendo também, não quero nenhum rico na minha vida, mas eu quero um homem cara". (sic)

P. Já encontraste algum homem?

R. "Não. Também vivi muito pouco né?" (sic)

P. Mas conhecestes muitos né? (risos)

R. "Conheci no sentido bíblico da coisa. Conheci bíblicamente os homens". (sic)

P. Nunca tiveste um amor? Nunca te apaixonaste?

R. "Não. Nunca tive um grande amor. Já me apaixonei mas não deu certo. Nunca vivi um romance assim concreto. Nunca vivi com ninguém até hoje. Eu gostaria muito. Eu não peço muito cara. O cara não tem que ser rico, não tem que ser uma sumidade em nada. O cara não precisa ser doutor em nada. Mas o cara precisa de um mínimo". (sic)

P. Qual é esse mínimo?

R. "Precisa se gostar, precisa de auto estima, precisa aprender a ir à luta, mesmo apanhando, mesmo caindo, mesmo perdendo. Ele tem que sair, tem que trabalhar. E se teve condições ele tem que estudar também. Se tem uma família, se tem um apoio e se opta prá ficar vendendo sapato na Mr Cat, só porque fugiu da escola, então esse não me serve. Nada contra os vendedores, aqui é novamente uma alegoria nesse discurso, tá me entendendo? Não tô desmerecendo os vendedores, mas se uma pessoa que teve tudo prá estudar, teve apoio mas não quis porque dá trabalho, porque dá, sentar a bunda, fazer

exercícios, estudar e pesquisar, ir prá escola, é muito chato. Eu sei como é chato. Mas você tem que fazer isso. Tem que ler, tem que gostar de leitura. Não precisa ser um literato” (sic)

P. E o que aconteceu? O que tu achas que tem acontecido que até hoje apesar de teres conhecido, teres tido contato pelo menos com muitos homens...

R. *“Eu não encontrei ninguém..”. (sic)*

P. Ninguém que tu amasses...

R. *“Não sei... (risos) Olha, exigente eu acho que eu não sou tanto assim... Pode ser azar...? Pode ser falta de sorte...? (risos)” (sic)*

P. Talvez... Prá ti então amor e sexo são coisas completamente separadas?

R. *“Ah claro, são 2 (dois) departamentos que não se chocam mesmo. Eu posso estar perdidamente apaixonado por uma pessoa e trepar com uma outra. E volta prá casa e dorme junto”. (sic)*

P. Já aconteceu isso contigo?

R. *“Não. Já aconteceu assim de eu ficar em casa e o cara voltar e dizer, olha eu dormi com outra pessoa hoje. Eu sofri muito na época quando aconteceu isso. Mas hoje eu fico pensando, não precisava ter sofrido tanto, porque na verdade ele gostava de mim, e eu acreditava que ele gostava de mim..”. (sic)*

P. Mas não parece que quando você gosta há também um desejo de exclusividade?

R. Claro. (sic)

P. De ter aquela pessoa só prá ti...?

R. *“Eu tenho tão pouca experiência no campo amoroso, no campo afetivo, que eu acho que eu não vou poder responder isso assim... Mas a princípio eu acho que não é necessário não, não sei..”. (sic)*

Entrevistador: E daqui prá frente tu tens alguma expectativa em termos de futuro, tens objetivos, em que tu pensas em termos de afetividade, sexualidade?

R. (pausa) *"Putá que pariu! Ele tá pegando pesado... (sorriso irônico) Não, eu sou muito descrente de encontrar uma pessoa. Lu acho que o amor ou ele pinta ou não pinta. Você não pode ficar fazendo planos. Eu não faço planos. Eu tô vivo, eu tô respirando, eu tô com saúde, eu tô com desejo de viver, eu optei por ficar vivo..". (sic)*

P. E gostas de viver?

R. *"Gosto de viver. Já pensei em morrer há muitos anos, como muita gente já teve esses pensamentos, mas desde que eu fiz a minha opção por viver, eu resolvi viver da melhor maneira. E aquelas idéias que eu tive são passadas, que não tem a menor função... nem de falar nisso hoje em dia porque elas não significam nada, aquilo que já passou. Adoro a minha vida, espero um dia talvez conhecer uma pessoa, eu não morri ainda né? Conhecer um cara legal. Pode ser um velho, pode ser novo, não muito novo, não gosto de muito novo, pessoas que tenham alguma coisa prá falar, pessoas que dá prá você bater um papo depois do sexo... Depois, porque antes não vai dar tempo. (risos) Ele tem que ser um cara que não dê tempo antes do sexo, porque o sexo é forte demais - esse é o cara que eu quero - e tem que ser um cara que prenda com o papo depois do sexo. Tá bom assim essa definição? (risos) Gente eu tenho que ir embora..". (sic)*

Ao contrário de A, a percepção de estar correndo um perigo iminente desencadeou no sujeito B um conjunto de significações bastante diferentes. Enquanto para A o perigo até poderia exercer sobre ele uma certa atração, para B o efeito foi inverso.

Após a época na qual dois de seus ex-namorados adoeceram contaminados pelo HIV, e de ter passado por um período extremamente perturbado emocionalmente (já descrito no núcleo anterior), o sujeito B narra suas primeiras

reações ao ter tomado conhecimento do resultado do teste anti-HIV ao qual se submeteu naquela ocasião :

“Ela [uma amiga] pegou o exame prá mim e eu fui na casa dela, ela que sugeriu isso porque ela sabia que eu tava muito ruim né? Então ela sugeriu isso e foi legal, deu a notícia de longe, disse que tava tudo bem, mas depois ela me mostrou, aí eu chorei muito de alegria né? Foi um renascimento, a partir daí tudo mudou assim na minha cabeça, mudei completamente a minha maneira de pensar é... procurei depois o M [o atual namorado] e botei na cabeça que tinha de ser um relacionamento estável com ele. E sexo agora com uma outra pessoa que eu não conheço é muito difícil de acontecer, porque me bloqueiam várias coisas na cabeça... Eu ainda continuo gostando muito (risos) sabe? Eu ainda fantasio muito as pessoas que eu vejo na rua, imagino tudo. Imagino tá na cama transando, fazendo tudo, mas eu sei que isso é só uma fantasia, quer dizer eu nunca vou chegar a ponto de, de, de, me aproximar de um desconhecido e ter uma relação sexual com ele é... não tenho muita coragem, não tive mais desde esse dia, porque eu percebi que se até agora eu consegui isso, eu tive a sorte de não ter tido né? De não ter pego porque pelo que eu fiz eu poderia muito bem ter adquirido né? Então agora eu vou tomar conta porque eu renasci de novo..”.
(sic)

Como se pode constatar, o confronto com a sensação de ter escapado por pouco da infecção pelo HIV, provocou mudanças acentuadas, não só no sentido de inibir o comportamento “*promíscuo*” de B, como também introduziu um novo critério de relacionamento sexual imaginado como mais seguro: o grau de “*conhecimento*” de uma pessoa.

Entrevistador: Mas você vê alguma relação entre você conhecer a pessoa e não conhecer e o risco de contaminação ?

R. *“Pois é, isso é uma coisa que ainda... eu sei que ainda é meio complicado, mas eu acho que com desconhecido é muito mais arriscado, não*

deixaria de tomar as mesmas precauções com o desconhecido e com o conhecido também. Mas um desconhecido me assusta muito mais do que com uma pessoa que eu já, já tenha algum contato, que eu já sei mais ou menos a vida da pessoa, se é muito promíscua e tal, me dá mais tranquilidade. Eu vou sempre eliminando né? Por exemplo, eu não conheço então tá fora, eu conheço mas é promíscuo tá fora, eu conheço mas... essa possibilidade de sexo com uma outra pessoa é muito rara assim prá mim, eu espero que não aconteça porque eu me travei muito, porque eu não queria passar pelo que eu passei, eu não tive ainda uma experiência sexual com uma outra pessoa que... o M [seu atual namorado] tá sempre fazendo exame, a gente tá sempre se prevenindo... Não, não, não dá certo, a gente não se previne, é muito raro, mas é uma pessoa que eu tenho confiança e tal, eu ainda não tive a experiência de ter uma relação com uma outra pessoa e saber o que que eu vou sentir depois né? Porque a sensação que eu sempre tinha era a que eu tinha adquirido o vírus, era uma coisa terrível prá mim, eu ficava mal durante vários dias, era um pesadelo. Então eu prefiro não me arriscar, o tempo todo eu tô me policiando prá não enfraquecer, porque eu me conheço como eu agia antes né? (toca o telefone e há uma pequena interrupção)" (sic)

Ao retomar sua narrativa, o sujeito B apresenta uma outra característica de sua auto-imagem, encadeando o significado da AIDS (já abordado no capítulo anterior) com um novo sentido conferido à relação com seu namorado, o qual pode ser desmembrado em duas partes.

O primeiro, mais claro e direto, nomeado como "fidelidade", significando exclusividade na relação, o que para o sujeito B, por si só, representaria uma alteração significativa no modo de se relacionar.

O segundo, mais sutil, significando uma espécie de salvação, na qual passou a se agarrar, evitando com isso deixar-se dominar pelos desejos de outrora, cuja realização sempre foram sentidos com angústia, medo e desespero.

Sem excluir o amor pelo companheiro atual, o sujeito B passou a considerar a estabilidade de sua relação afetiva como se fosse um amuleto protetor, que afasta as “tentações” de realizar suas fantasias sexuais que tanto assustam e ameaçam o seu Eu. Uma espécie de refúgio dentro do qual estaria mais protegido, embora mais limitado e “travado” para novas experiências afetivas.

Entrevistador: Então estávamos no ponto em que você ficou muito mais “travado” prá relações sexuais com pessoas que você não conhecia...

R. “Completamente travado. Então isso faz com que... isso não é muito do meu feitio, ter um relacionamento estável, fixo, quer dizer não era muito do meu feitio, não era muito do meu jeito de ser, da minha personalidade. Eu tava sempre querendo coisas novas, conhecer pessoas novas e tal, e... sempre gostei muito do M, então eu aproveitei e juntei isso. Era a única saída que eu tinha ali era manter o relacionamento com uma pessoa só prá que eu não caísse na tentação né? Porque se eu ficar sozinho.... quer dizer, eu não vou agüentar, não agüento ficar sozinho, então eu me agarro fortemente nesse relacionamento porque eu sei que enquanto eu tiver gostando, eu tiver é... com ele, tendo relações sexuais com uma pessoa confiável, eu... eu vou estar tranquilo. Porque se não acontecer isso o pesadelo vai voltar. Parece que é sempre uma ameaça né? Quer dizer o sexo é uma coisa prazerosa, mas ao mesmo tempo é uma coisa ameaçadora. Então eu tenho a sensação que nunca vou relaxar com uma outra pessoa, nunca vou ter um relacionamento gostoso mesmo..” (sic)

P. Descontraído.

R. “Descontraído, é. Então eu tenho procurado manter esse relacionamento e... tá sendo legal por um lado... quer dizer se não fosse a AIDS eu acho que eu não taria com o M hoje, não teria tido esse relacionamento tão prolongado assim porque..” (sic)

P. E tão fiel...

R. “E tão fiel, sem dúvida. Quer dizer rolou infidelidade na época que eu não imaginava que isso [a contaminação] podia acontecer comigo, mas quando eu criei essa sensação dentro de mim de que isso é real, que poderia acontecer comigo, eu revi todos os meus conceitos e mudei completamente minha maneira de pensar. Controlo a minha maneira de pensar porque a minha maneira de pensar é uma, mas eu controlo. Então eu fico sempre muito travado, muito...

muito arisco né? Então por um lado foi bom, quer dizer, bom nunca é, mas me deu essa consciência de que ficar com uma pessoa é a melhor solução e tá sendo a melhor solução porque prá mim tá sendo muito legal, porque até agora tá me satisfazendo sexualmente, então... eu fico mais à vontade e não tenho aquela ânsia de procurar outra pessoa e nessa ansiedade eu tenho medo de ir muito fundo, de fazer besteira e como eu me conheço eu sei que não posso me arriscar. Teve 2 (duas) fases né? A fase antes, quando eu comecei minha vida sexual com homens que foi bem promiscua, sem pensar mesmo sobre o que eu tava fazendo..". (sic)

Neste contexto representativo, explicita-se mais uma vez a dimensão imaginária de onde provém o controle da tomada de decisões, tão simples e tão importantes para a manutenção da vida e da saúde das pessoas, como por exemplo, o uso do preservativo.

Se por um lado o medo de morrer de AIDS levou o sujeito B a limitar e reduzir abruptamente a quantidade de seus parceiros sexuais, por outro, manteve-se convivendo com algum risco de contaminação, já que não utiliza o preservativo em suas relações com seu namorado.

Veja-se, neste caso, qual a significação que o sujeito B atribuiu ao ato de usar ou não o preservativo, considerando o valor individual dado à atual relação afetiva mantida por ele.

Entrevistador: E com o teu atual companheiro, vocês não acham necessário usar camisinha, se prevenir ?

R. *"É, a gente discute muito isso. A gente discute não, a gente discute muito pouco, mas a gente fala muito nisso e acaba-se chegando a conclusão que não, não, que não precisa. Porque não é tão prazeroso, não é tão melhor se usar camisinha, então a gente tem meio que um pacto né? Que um dia, se por acaso acontecesse com alguém, as coisas iam mudar no relacionamento. Se pintasse uma outra pessoa o relacionamento vai mudar, que a partir daí perde-se a*

confiança, a partir daí tem que se usar camisinha. Usar camisinha prá gente seria como uma condenação, como se fosse um castigo. Não tão grave assim, mas se eu estivesse usando camisinha nele é porque ele aprontou, ou fez alguma coisa que perdeu a minha confiança". (sic)

P. O início do uso da camisinha estaria associado à perda da confiança, a perda da fidelidade.

R. "É. Porque hoje em dia o único motivo que a gente teria prá usar a camisinha seria isso: a perda da confiança. Porque sempre que acontece da gente se separar por alguns dias e aí um dos 2 (dois) sugere usar camisinha, parece até uma agressão, estranho né? Mas porque? O que que você andou aprontando? O que aconteceu? Então se fala não porque é mais saudável né? Mesmo que não existisse a AIDS, seria mais saudável né? Ai acaba-se esquecendo essa idéia porque pode-se correr esse risco de de perder a confiança né?" (sic)

P. Vocês já conversaram, já definiram claramente entre vocês esse acordo de que usando camisinha isso passaria a ser...

R. "Não, isso é uma coisa implícita". (sic)

P. Nunca chegaram a falar sobre isso ?

R. "O que falamos foi: se por acaso surgir uma outra pessoa a gente vai ter de ter todas as precauções, vai ter de começar tudo de novo, da estaca zero, vai mudar todo o relacionamento. Isso a gente já deixou mais ou menos claro". (sic)

P. Quer dizer se vocês passassem a usar camisinha, o teu companheiro ficaria prá ti no mesmo plano que um desconhecido?

R. "É. Porque o que mais prezo é essa confiança, essa estabilidade, porque me dá essa possibilidade de ter um relacionamento sexual relaxado, sem problemas, sem fantasma, sem medo. Então esse processo todo de confiança, de, de fidelidade, isso tudo tem o objetivo de ter um relacionamento sexual mais

tranquilo. Quer dizer, uma coisa é ligada a outra, mas é muito em função disso. A minha fidelidade com ela tá muito mais relacionada com a doença do que com a minha consciência. Porque eu sou muito volúvel, muito fraco prá essas coisas. Se não fosse essa doença, eu já teria tido outros casos, com certeza. Porque apesar de ser bom assim, de ter um relacionamento sexual intenso, uma vida sexual intensa, a gente tem, eu tenho o desejo de novas experiências sexuais né? De pessoas diferentes. Mas isso é bloqueado simplesmente por causa da doença". (sic)

O sujeito C, um jovem de 21 (vinte e um) anos, estudante universitário, em seu depoimento fala e gesticula comedidamente. É lento na elaboração das frases, escolhe as palavras. Tendo iniciado suas experiências sexuais com homens aos 20 (vinte anos), o fez já com o "fantasma" da AIDS rondando seus envolvimento e gerando uma atitude amedrontada, sem que tivesse ocorrido algum motivo que a justificasse.

"(...) No segundo relacionamento eu já vim com aquilo pesado na cabeça : 'sexo só com camisinha', 'sexo oral com cuidado, com todo o cuidado', ' não quero me arriscar de forma alguma'. Até porque eu fiquei sabendo depois que esse meu segundo [namorado] teve um problema de AIDS... Ele não né? O parceiro dele, que tinha namorado muitos anos morreu de AIDS. Ele me disse que tinha feito exame e não tinha dado nada. Então isso... eu nem cheguei a transar com ele... Por acaso toda vez tinha um empecilho, alguma coisa que não deixava, aí por acaso acabou logo também. Não sei se ele falou isso pra eu não ficar preocupado né? Mas eu acho que não tem, eu acho... Mas essa notícia caiu como uma bomba, embora eu não tivesse feito nada arriscado, nada, caiu como uma bomba na minha cabeça : 'ai meu Deus se continuar...' 'vou ficar com aquilo na cabeça', 'vou pedir um outro exame, não vou agüentar não', 'você tem algum comprovante?' Podia ficar até uma situação constrangedora né? Mas eu acho que não teria problema, se tivesse continuado e tivesse pedido

né? Ou então o mais certo seria os 2 (dois) fazermos o exame, novos exames né? Que eu acho que toda pessoa deve fazer quando tiver iniciando um relacionamento novo né? Mas eu sei que essa notícia caiu como uma bomba embora..". (sic)

Ao longo da entrevista, C apresenta-se como alguém bastante controlado e preocupado em evitar situações perigosas, inclusive práticas sexuais arriscadas. Tem uma verdadeira "aversão" por bebidas alcoólicas, que associa à vulnerabilidade, à insegurança e à perda do controle da situação na qual está inserido.

"(...) Mas a gente [refere-se ao seu atual namorado] nunca fica naquela..".

(sic)

P. Na "fissura" ?

R. "Na fissura de chegar, perder a cabeça e..". (sic)

P. Vocês bebem ? Fazem programa assim...

R. "Não. Ele bebe muito pouco. Eu não bebo nada, só refrigerante. E ele bebe muito pouco". (sic)

P. Então vocês quase não... quer dizer bebendo, numa festa poderia eventualmente um momento que vocês pudessem transar sem raciocinar muito né ? Porque o álcool em determinadas quantidades realmente você perde um pouco o discernimento né? E fica muito eufórico...

R. "Exatamente por isso que eu não bebo também. Tenho uma aversão desde a infância. Aversão a álcool, eu não tomo praticamente nada. Tô sempre sóbrio, com essas minhas neuroses na cabeça: 'tomar cuidado...' 'não pode se expor...' Aí cresci ouvindo isso né? Eu era criança quando... tava entrando na pré adolescência quando ouvi falar de AIDS, então fui crescendo com aquilo: 'tá vendo? morreu fulano..". (sic)

Não beber e não fumar funcionam para C, não somente, como um fator de contenção e controle, mas também, como de preservação de sua intimidade frente

à família, diante da qual sente-se ainda incomodado pela curiosidade de sua mãe quanto à sua preferência sexual.

“(...) Eu acho que a minha mãe tá desconfiada agora, até porque eu saio, não digo prá onde eu vou. Geralmente é prá casa do G [seu atual namorado]. Ela é inteligente, ela vira e volta ela pergunta se eu tenho algum amigo. O meu ex-primeiro, me lembro que ela ficou espantada porque o amigo... ela tava na cama quase dormindo, ela perguntou ‘ porque o amigo não era do meu círculo da faculdade, do trabalho ? ’” (sic)

P. Você trabalha?

R. “Agora não. Mas na época eu tava trabalhando e fazendo faculdade. Porque ela ficou espantada e perguntou logo: ‘ mora sozinho? ’ Assim bem calmamente... cercando... Aí eu fico logo... eu fico o tempo todo armado. Ela acha... diz assim... já tô mudando já... ‘ você era tão amoroso antigamente porque agora você tá tão distante? ’ ‘ Parece que nem faz parte da família... parece uma pessoa isolada... ’ Ué, aí dá vontade de falar... (risos)” (sic)

P. Mas tu achas que tu estás te isolando da família ?

R. “Eu tô mais afastado. Eu sou fechado, aí ela acha que como coincidiu com o começo da faculdade, ela fica acusando a faculdade. Não tem que acusar a faculdade tem que acusar é a mim, se for o caso”. (sic)

P. Ela acha que a faculdade...

R. “São influências alheias, influências de amigos..”. (sic)

P. Más companhias...

R. “É. Mas ela... eu acho que tô bem cercado e meus amigos até reclamam que eu não ouço ninguém, eu só ouço a mim mesmo. Eles não me influenciam. Aí eu tô mais isolado, até porque quando eu demonstro uma maior proximidade ela vem perguntando na mesma hora: ‘ prá onde você vai todo dia? ’ ‘ eu tô preocupada, você chega, a rua é perigosa, a rua é escura.. ’. (sic)

P. E tu sais todas as noites?

R. "Agora toda noite". (sic)

P. Dormes fora?

R. "Vira e volta sim". (sic)

R. E ela não reclama não?

R. "Ela ficou numa de querer perguntar, mas uma vez eles falaram assim: ele foi dormir na casa da namorada na Barra. Ficam inventando bairros onde seria né? Uma vez eu fui dormir na casa do G e falei que tinha ido a uma festa na Barra e aí tinha ficado por lá mesmo, mas agora eu tô assim: se explodir... explode logo que eu não vou ficar inventando mentira... Agora depois de todo esse progresso, eu acho que foi né? Do ano passado prá cá, eu não vou voltar atrás, não ficar em casa, da faculdade prá casa e... onde é que eu tava?" (sic)

P. Estavas falando sobre se tu eras pressionado ou não na família...

R. "Ah! E... mas hoje quando eu durmo fora eles não ficam me perguntando. Não sei eles já estão desconfiados, mas se perguntarem eu não vou falar, mas também não vou mentir. Ah tava por aí... eu não tô bem? Não tô sóbrio? O que me ajuda é o fato de não beber, não fumar, não ser viciado em nada. Então acho que até eles não ficam tão preocupados porque sabem que eu tenho juízo. E... eu ia falar outra coisa... Mas as perguntas continuam assim agora. Uma vez ela chegou a perguntar, ela nem conhece o G... A gente vai viajar né? Aí ela perguntou: 'a família vai?' Vai, a família vai de Minas. 'Ué ele mora com quem?' Assim mesmo. Ele mora sozinho. 'É... é prá lá que você vai toda a noite?' Assim direto... Aí eu falei: não sei porque você tá perguntando isso. De onde você tirou isso? Aí ela não respondeu. Mas fica esse joguinho assim. Mas eu percebo logo... Eu tô armado, fico me sentindo mal, fico com stress dentro de casa, armado, prá primeira pergunta que vier eu atirar a primeira pedra. Aí está sobre essas bases agora... E com os amigos, eu tô desenvolvendo um lado, mas eu tô me afastando um pouco das minhas amizades hetero, tô me afastando... É porque eu quero viver mais esse lado agora, já tô

né? Então procuro me relacionar mais com os meus amigos homo né? Que são poucos mas já tenho, mas tá aumentando bastante agora". (sic)

Com seu atual namorado, C mantém um relacionamento baseado na exclusividade, cuja significação articula-se com a da AIDS e a da masculinidade, conferindo um contorno mais nítido ao seu estilo prevenido, desconfiado, de se relacionar afetiva e sexualmente.

P. E com ele [o namorado] vocês tem total liberdade de relacionamento sexual?

R. *"Liberdade como ?" (sic)*

P. Entre vocês...

R. *"Liberdade só entre nós mesmo porque... isso é muito comum né? Ter liberdade os dois... ". (sic)*

P. Prá transarem outros se quiserem...

R. *"É. Isso é coisa que eu odeio, que eu percebo até no grupo [o grupo Arco-Íris] mesmo. Nossa ! Como é que pode? Aí fico até um pouco revoltado. Não sei se já estou embutido de uma cultura hetero, Ocidental, monogâmica, que a mamãe me ensinou: "olha, não pode pular a cerca meu filho". (sic)*

P. As relações tem que ter exclusividade né ?

R. *"Eu acho isso. As vezes eu fico até... quando o G fala de uma... 'olha, sabe, eu não quero...' Aí a AIDS já entra nesse contexto prá freiar. Eu até uso isso prá meter medo nele, ele mesmo já tem um certo temor, então ele acha que a AIDS é um estímulo à fidelidade". (sic)*

P. E você, o que você acha ?

R. *"Eu acho que a AIDS serve prá freiar". (sic)*

P. Você se sente mais freiado ?

R. *"Não, eu já sou freiado porque eu num...num gostaria, quero só uma pessoa. Eu num quero... ter nada assim com um estranho na rua, no banheiro da*

rodoviária... Nada disso. E a AIDS vem é ... amplificar esse temor né ? E vem estimular dessa forma uma maior fidelidade entre os parceiros (...). (sic)

É interessante notar que o sujeito C não se apercebe do caráter inteiramente imaginário de suas representações: se a razão da "fidelidade" fosse o medo de ficar infectado, o simples uso do preservativo eliminaria esse risco, podendo até incentivar um comportamento oposto.

Contudo deixa entrever que seu medo infundado, está vinculado à um sentimento de desconfiança que se apoia numa visão modelar do que é ser homem, com a qual não se identifica completamente. Talvez por isso tenda a permanecer numa postura de prontidão e insegurança em suas relações.

(...) *"Eu sinto medo, mesmo tomando todos os cuidados.."*. (sic)

Entrevistador: Medo de que?

R. *"Ah eu fico com medo daquele 1% de chances que sempre tem. Medo de não conhecer completamente. Ninguém conhece ninguém 100 % . Como diria a minha avó : a ocasião é que faz o ladrão. Ninguém conhece alguém em todas as suas faces, suas máscaras"*. (sic)

P. Você não confia totalmente em ninguém?

R. *"Nem em mim eu confio totalmente. (risos) Não, eu me acho confiável, mas em relações com outras pessoas eu tenho sempre cuidado. Engraçado, eu nunca fui traído, nem nas amizades, nada"*. (sic)

P. Não tens motivo...

R. *"Não tenho motivo. Mas eu tô sempre me resguardando, tô sempre em alerta"*. (sic)

P. Que idéias passam pela tua cabeça que te levam a te resguardar, sem que tenha motivo anterior prá justificar isso?

R. *"Eu acho que é uma mente muito prodigiosa de ficar pensando besteira; acho que é falta do que fazer, que leva as pessoas a ficarem elocubrando... 'Ai meu Deus ! Fez aquilo... fechou a porta no mínimo vai falar*

com outro... 'Olha lá ficou conversando ali na rua...' Não sei se é ciúmes, doentio, não no caso da relação né? As outras pessoas... não sei, porque a gente vê tanta coisa...(...)". (sic)

Entrevistador: Voltando. Então quer dizer que você é uma pessoa assim né? Muito precavida, temerosa. Do que você tem mais medo? Que seu companheiro viesse a se interessar por outra pessoa, viesse a transar com ela e isso pudesse te ameaçar?

R. "Ameaçar no sentido emocional, que me ameaçaria claro, e no sentido físico, principalmente. Não, principalmente não, no emocional, nos dois juntos". (sic)

P. Esse seria digamos o teu medo principal relacionado à prática da homossexualidade?

R. "É. Eu fico tão precavido também porque eu vejo a maioria, todo mundo é assim. Aí o G fala : 'é você hoje tá assim... não beija ninguém, só aperta a mão....' Mas é o meu jeito. 'Mas daqui um tempo você vai ficar igual o pessoal lá, vai entrar no jogo.' Eu falo: você acha que vou entrar no jogo? Naquela galinhagem descarada ? Tá assim na reunião, um tá abraçando o outro, tá aqui segurando um numa mão, na outra um outro, ahhh que é isso? E como eu vejo isso... Eu já sou precavido por natureza, e como não sei se é porque são homens... Só homens... Homem tem aquele instinto caçador, pelo menos quiseram impor à ele né? De família: 'olha aí segura suas cabras que o meu cabrito tá solto...' que as famílias sempre falaram, né? 'Eu não tenho culpa se a sua filha tá grávida do meu filho...' Agora as mães melhoraram um pouco né ? Aconselham o filho a usar camisinha: 'usa camisinha, pode comer todo mundo mas usa camisinha...' Eu não sei se é porque são homens e é uma relação teoricamente de igual prá igual... Que com a mulher tem aquele estigma dela ser inferior e nos casamentos heteros tem aqueles é... ó...a infidelidade que a mulher nunca sabe né ? Só vem a saber depois, ou quando pega AIDS. Agora

tá assim... Ou quando descobre mesmo e o homem tem esse... não sei. Foi com o decorrer da história né? Não sei se é um instinto natural caçador de todos eles né? Então quando junta 2 (dois) homens, 2 (dois) caçadores, em geral né? Então por isso é que eu acho que as relações são tão assim abertas né? Porque são 2 (dois) caçadores, eles podem caçar um ao outro, mas vão querer continuar caçando fora de casa (risos) (...)" (sic)

Entrevistador: Você acha que o homem, independente do grupo ao qual ele esteja vinculado, ele tem o instinto caçador? De estar paquerando, conquistando o tempo todo?

R. "É, independente. Ainda mais juntando 2 (dois) gays, em tese, esse negócio fica maior ainda. Por isso eu acho que é tão comum essa galinhagem descarada (...)" (sic)

P. Você acha que o gay é mais "fissurado" que o homem que não é gay?

R. "Não, acho que não. Acho que quando juntam 2 (dois), aí aumenta... Não sei se eles pensam assim: 'ah é tão difícil ter alguém, então vou ficar só nessa mesmo... só galinhando... não quero saber de ninguém'. Mas no fundo ele vai lá prá boíte gay procurar o seu príncipe encantado. No fundo ele, todo mundo vai, né? Chega lá... 'Ah! não estou nem aí pro mundo...' Mas já saem com essa expectativa de encontrar alguém" (sic)

P. Um sapo que se transforme em príncipe...

R. "E se não encontrar alguém prá ficar prá sempre, pelo menos serve por uma noite. Eu acho que é por aí..." (sic)

P. E você acha que com as mulheres é mais difícil, as mulheres se fazem de mais gostosas...

R. "É, se fazem... Por exemplo, uma mulher chega na casa de um homem, vai lá pedir um copo de açúcar, aí começa a cantá-la. A mulher já vem com todos aqueles conceitos: 'minha filha não dê na primeira vez, não dê, espere,

espere até o casamento, só depois do casamento.' Aí o cara: 'quer entrar? Quer tomar alguma coisa?' Se um gay vai na casa do outro: 'quer entrar?' Aí o outro já vai entrando, já vai... é mais facilitador, até pela própria cultura do homem que... é estimulado a caçar... mesmo se o outro for passivo né? ". (sic)

P. É a união da fome com a vontade de comer...

R. *"É. O outro vai chegar e vai dizer: ôba me dei bem, vai pensar assim".*

(sic)

P. Não vai encontrar aquela resistência que ele encontraria se fosse uma mulher...

R. *"É. Mesmo que ela tenha uma vontade enorme de fazer o sexo pelo sexo, pelo prazer... ". (sic)*

P. Ela vai se conter...

R. *"Ela vai se conter porque aquilo faz parte da cultura... é... machista né? (...)" (sic)*

Como anteriormente já se pôde observar no seu depoimento, o sujeito F é assertivo e definido quando se expressa. Detesta usar preservativo, acha que tem um apetite sexual quase insaciável, não tem medo de ficar contaminado, aprecia as diferenças físicas de seus inúmeros parceiros e age sexualmente de modo pouco controlado, principalmente quando não está namorando alguém :

(...) É, eu acho que eu sou promíscuo até hoje. É só eu ficar sozinho que eu começo a transar com um, com outro, outro, outro. Tenho muita energia sexual, eu transo muito". (sic)

Logo permite que se saiba, tanto de seu estilo pessoal de se relacionar com outros homens, quanto suas preferências, dando a medida de seu envolvimento com situações virtualmente arriscadas.

Entrevistador: Não és muito seletivo? [na escolha dos parceiros sexuais]

R. *"Nada seletivo. Meu namorado diz que o coração bateu, eu tô comendo. Eu já transei com gerente de boca de porcaria do morro, já transei com garçons, policial ainda não, mas também não tô fechado não. Não escolho muito não. Eu gosto de sair com pessoas de classe média prá baixo, não gosto de gente muito construída não". (sic)*

P. E o que te atrai nessas pessoas?

R. *"Eu acho as pessoas mais espontâneas, mais abertas. Eu acho que o pessoal que tem muita cultura, constrói muito em cima, elabora muito tudo e aí complica, complica o papo, complica a relação". (sic)*

P. Tu preferes o pessoal de nível social e econômico mais baixo que o teu ?

R. *"É. São mais espontâneos, falam o que pensam, não tem muito medo, arriscam, sabe? Não tem o que perder talvez". (sic)*

P. E tu achas que o perigo te atrai de alguma maneira?

R. (pausa) *"Eu acho que eu não meço muito a consequência sabe? Eu penso só naquele momento.(...) ". (sic)*

O sujeito F tem uma opinião diferente do sujeito A, quanto a forma da pressão exercida pela intensidade do desejo sexual sobre uma eventual situação de risco. Mas bastante semelhante quanto ao elevado nível de exposição ao perigo:

Entrevistador: A idéia que você pode morrer em decorrência de causas como essa, [uma infecção cuja evolução exigiu uma cirurgia] inesperadas, não chega a te afetar, não chega a promover nenhuma alteração em termos de prevenção?

R. *"É a tal coisa, na hora do tesão que eu tô muito animado, eu não quero nem saber, agora depois eu fico 2 (dois) 3 (três) meses até fazer o exame a mil né? se peguei ou não peguei... aquela neura né?". (sic)*

P. Qual é a tua maneira de interpretar isso, que essa atitude é o resultado de um tesão incontrolável de um momento ou...

R. *"Não. Eu acho que eu sou irresponsável mesmo... Sabe o que é? É um hábito muito antigo, entende? Que todo coroa fala... Eu sou da geração que não sabe chupar a bala com o papel. Então eu sou uma pessoa que fuder sempre foi uma questão muito importante pra mim (...)"*. (sic)

Seja pela intensidade do "tesão", seja pela "irresponsabilidade" no modo de proceder, o sujeito F considera-se conduzido por fantasias e orientado por uma espécie de "faro", que faz com que suas escolhas nunca encontrem oposição.

(...) *"Geralmente eu gosto de homens viris, sabe? Eu não gosto de bichinha, de gente arrumadinha, eu gosto de homens que falam grosso, que são homens mesmo, que tem personalidade, que vão à luta, não gosto de gente muito acomodada, mole. Eu já terminei com muitos casos meus porque sabe? Começavam a encostar muito, acomodar e eu não sei, eu sou uma pessoa assim, eu sempre lutei muito pelas coisas, e eu gosto de gente assim"* (sic)

P. E nessa tua experiência tu tiveste muita reação negativa?

R. *"Nunca tive, André, eu tenho um faro assim, que quando eu olho e bateu, sempre vai certo até o fim"*. (sic)

P. Nunca te enganaste?

R. *"É, nunca levei negativa não..."*. (sic)

F considera-se um "coleccionador de experiências" ao se referir a diversidade dos parceiros sexuais, cujo requisito básico para atraí-lo é pertencer a segmentos sociais abaixo do seu. Alguns chegaram a fazer parte de um grupo, cujas atividades não seriam merecedoras de todo o respeito e aprovação da sociedade abrangente.

Entrevistador: Onde tu pegavas [os parceiros sexuais]? Nos pontos gays?

R. *"Ah, eu sempre frequentei muito a vida gay"*. (sic)

P. Então teus parceiros sempre foram...

R. *"De gueto. Geralmente. Não vou à sauna, só às boites, festa, tal. No quiosque [refere-se a um ponto de encontro gay] eu conheci o G [o namorado] no quiosque da praia. Antes disso eu tinha conhecido um cara, foi no Buraco ou na Laura [pontos de encontro de gays], não sei, outro eu conheci no Tá na Rua, no Tamino [bar freqüentado por gays], cansei de conhecer gente no Tamino. Eu ia muito no Tamino. Desses novos que estão aí em Botafogo, não tô gostando muito não porque a freqüência lá tá meia perigosa, suburbano, muita bichinha... "*
(sic)

P. Não tá agradando muito não, né? Mas lá parece que é freqüentado por pessoas de nível social e econômico mais baixo, né? Ou não?

R. *"Tem e tá caindo, tá piorando. Tem um pessoal que não tem nada a ver, você não consegue nem conversar. Porque o meu namorado é de classe baixa. É de C [município próximo à cidade do Rio de Janeiro], é um cara que tá fazendo o segundo grau agora mas é um cara extremamente comunicativo, sabe conversar, inteligente, um cara que quer subir na vida. Então ele ouve aqui e ali e ele junta e ele faz um discurso inteligente. Meus amigos de faculdade adoram ele, admiram o que ele tá fazendo, de estudar e trabalhar. Então eu não gosto de gente que não consiga conversar. Esse cara gerente do tráfico, é um cara muito bom de cama, rolou uma cama assim fantástica".* (sic)

P. E tu conhecestes ele no "gueto"?

R. *"Eu conheci no Terreirão [espaço público reservado para espetáculos de música popular, situado na zona central do Rio de Janeiro]. No Carnaval do ano passado. Aí ele passou o dia todo comigo, com meus amigos não-sei-que".*
(sic)

P. Ele era gay?

R. *"Mais ou menos. Era bi né? Bissexual. Tem filho, mulher. Mas já teve caso com homem, 2 (dois) anos, 3 (três) anos. As minhas amigas diziam: 'Pô*

mas esse cara?' 'Não tá vendo que ele é meio esquisito?' Eu falava: 'mas ele tá trabalhando, tá querendo mudar de vida''. (sic)

P. Tu sabias que ele era gerente do tráfico?

R. "Não. Mas ele depois me contou tudo. A primeira vez que eu saí com ele, e foi a única, ele saiu 'cheirado'. E começou a falar, falou, falou, falou. A noite inteira. Ai depois que a gente saiu esse troço tudo, ele não me procurou mais entendeu? Ai continuei procurando, procurando, mas ele se afastou.(...) ". (sic)

A julgar pela sua narrativa, não se pode dizer que o sujeito F tenha um apreço especial pela segurança ou tranqüilidade, que eventualmente possa encontrar em suas relações sexuais. Em alguns momentos, F procede de uma maneira que contraria alguns princípios elementares do bom senso, relativos à sua segurança pessoal, como por exemplo, levar desconhecidos para sua própria casa. Como se estivesse jogando com a própria sorte, "coleccionando" situações perigosas em sua trajetória pessoal.

Uma prática algo contraditória para alguém que, como ele, trabalha também como psicólogo num projeto de atendimento a pacientes contaminados, que não podem pagar a assistência psicológica requerida.

É ele mesmo quem sintetiza:

(...) "Sabe eu sou uma pessoa, eu acho que eu não tenho medo de pegar AIDS. A minha melhor amiga tem AIDS. Ela passou esse fim de semana com a gente e falamos o tempo todo de AIDS, engraçado né? Eu não tenho medo de pegar AIDS. Todo mundo morre algum dia de alguma coisa, de doença, de assalto entende? Se eu pegar AIDS é como eu pegar uma doença qualquer, eu não tenho muito medo, sou mesmo irresponsável, imprudente. A gente conversou exatamente isso. Ela falou assim, e você que trabalha com pessoal portador, sabe de tudo, dá um vacilo desse, não se cuida, não-sei-o-que. Pois é, casa de ferreiro espeto de pau né? Entende? Eu não tenho muito medo do perigo, não

sei, não tenho medo de pegar AIDS. Eu tinha muito medo de morrer. Quando apareceu a doença que te falei que eu morava fora, eu tinha um medo de morrer extraordinário, hoje em dia eu não tenho não". (sic)

Mais adiante, o sujeito F ilustra com um pouco mais de detalhes seu modo peculiar de proceder em seus relacionamentos, não sendo notado ao longo de seu depoimento, nenhum respectivo desejo de mudança. Ao contrário, seu discurso revela consciência e aceitação conformista de sua auto-imagem.

(...) *"Pois é, você toca nesse ponto do perigo sempre né? Alguns amigos meus acham que eu brinco com o perigo. Eu geralmente, quando eu conheço alguém, eu levo logo prá casa. Tem um amigo que fala F, deixa de ser econômico e paga R\$ 20,00 (vinte) reais num hotel e você vai ter mais segurança. Mas geralmente eu levo prá casa. Eu confio. Só que cada vez tá mais perigoso né? Então quando eu conheci o B [atual namorado], que ele era michê, esse negócio todo. Eu liguei prá alguns amigos e disse que estava gostando de um cara que era michê e que estava convidando prá ele ir morar comigo. Cara, todos os meus amigos foram contra, tinha amigo meu que ligava todo dia e perguntava: 'tá tudo bem aí?' 'Não aconteceu nada com você?' 'Não te bateram?' Era o meu anjo de guarda, todo dia ele ligava. Ele dizia: 'você é louco de viver com um cara desses que vende o corpo' etc... Eu apostei. Apostei e deu certo. Tá dando certo. Agora teve uma vez que eu conheci um cara camelô. Prá você vê que o meu comportamento é meio irregular. Eu tinha ido à Laura [uma casa noturna freqüentada por gays] e parei o carro. Quando eu parei o carro, olhei para aquele mulato, assim ele olhou prá mim... Aí passei a noite na Laura, quando sai umas 5 (cinco) da manhã, o cara tava lá no mesmo lugar, aí falei prá ele: 'pô ainda tá aí?' 'Ah cara eu não tenho pressa de sair daqui não, eu fico o tempo que eu quiser'. 'O que você faz aí?' 'Não... é que eu sou camelô, tô vendendo, tá dando bem à noite'. Aí comecei a conversar com ele, o dia começou a clarear, eu falei: 'vou prá casa...' Ele perguntou: 'deixa eu ir com*

você?' Eu falei: 'e a tua barraca?' Ele disse: 'eu deixo ali com o meu tio ele desarma.' 'E o que você vai dizer pro teu tio?' 'Que você é meu amigo, que já conhecia, a gente ficou pondo o papo em dia.' Aí eu pensei: 'não vou levar esse cara prá minha casa.' Isso 4 (quatro) horas da madrugada, camelô... levei o cara para um hotel. Cheguei no hotel, o cara foi um gentleman comigo, me deu banho, tomei banho com ele, ficamos conversando a noite inteira... Saímos do hotel tipo 2 (duas), quase 4 (quatro) horas da tarde, transamos, destransamos várias vezes... Quando a gente ia embora ele perguntou: 'o que você vai fazer?' 'Vou prá casa, vou comer alguma coisa, dormir e tal.' Aí ele falou assim: 'posso ir prá sua casa?' Eu já tinha conversado tanto com ele que eu pensei: 'esse cara não é um assassino, esse cara poderia ter me matado... Vou levar esse cara prá casa'. O cara chegou em casa falou: 'posso ligar prá P [cidade do interior do Estado do Rio de Janeiro], que eu preciso ligar prá minha mulher, falar com meu filho...' Aí o cara começou a pedir coisas da minha casa. Tipo assim: 'você sabe que eu sou muito pobre, eu preciso sustentar a minha mulher...' Não sei se você tem experiência com esse tipo de gente, sempre vão contar uma história que tem mulher, que tem filho, prá pedir dinheiro... 'o meu filho tá doente vou ter que comprar uma penicilina, tô precisando de um dinheiro, você não pode me arrumar emprestado?' Eu peguei R\$ 20,00 – R\$ 30,00 (vinte – trinta reais) e dei. Se eu tivesse saído com michê eu ia pagar isso. Não vai me fazer falta. Ele pode estar com o filho doente mesmo. Pô aí ele começou: 'eu tô precisando de um jeans, você não tem?' Lá em casa tem uns 10 (dez) jeans. Eu falei: 'aí tem um monte de jeans, vê se não dá em você?' No final eu acho que eu dei uma camiseta, um desodorante, umas coisas lá que ele gostou. Aí ele falou: 'eu vou passar o fim de semana com a minha mulher e te ligo prá semana.' Eu tinha a formatura de uma amiga em Belo Horizonte prá ir e eu falei: 'olha tô indo prá Belo Horizonte essa semana, você quer ir?' A minha idéia era comprar um terno pro cara, prá ele ir prá Belo Horizonte

comigo, pagar a passagem dele e ter um caso com o cara. Aí foi super engraçado... Ele falou: ' te ligo segunda'. Aí segunda ele não ligou. Ele ligou pro trabalho e falou: ' eu não sei andar direito na cidade; vai ter a viagem mesmo?' Eu falei: ' vai, a gente compra um terno, você vai comigo na loja e viaja.' Marcamos meio dia e meio. Ele falou: 'vamos marcar no lugar da minha barraca?' Eu falei: ' olha cara a loja é do outro lado da cidade, em vez de marcar na tua barraca, você pega o metrô, salta uma estação antes da Cinelândia [bairro no centro da cidade do Rio de Janeiro], na Carioca, me espera na estação e se você não souber andar na cidade a gente anda junto.' Eu esperei uma hora e pouco esse cara, ele desapareceu, sumiu. Aí depois eu vi o registro das ligações telefônicas que ele fez. Em vez de ligar prá P ele tinha ligado prá V [outra cidade no estado do Rio de Janeiro]. Ele tinha dito que morava em C [subúrbio carioca], eu não sei o quanto disso era mentira... Nunca mais o vi". (sic)

O sujeito N, administrador, 34 (trinta e quatro) anos, carioca, diferentemente do sujeito anterior, considera-se alguém que ao longo de sua vida sexual correu poucos riscos de infecção pelo HIV.

Reconhece que ao descobrir sua forte atração sexual por homens, aos 23 (vinte e três) anos aproximadamente, ignorou os riscos de contaminação nos poucos relacionamentos que manteve. Seu objetivo maior era superar a auto-repressão de seus desejos sexuais, experimentar a relação homoerótica não apenas quanto ao lado sexual, tirar suas próprias conclusões sem se preocupar com mais um tipo de restrição.

(...) *"e eu me arrisquei a ter contatos sexuais sem camisinha sem sem sem preocupação com esse tipo de coisa né? Eu acho que a minha preocupação naquele momento era muito mais conhecer o lado sexual e muito menos a preocupação e risco disso né? Porque se você pensar bem não é só o risco da AIDS mas você tem outros riscos, que é de doenças sexualmente transmissíveis,*

a gonorréia, sífilis e outras coisas mais né? Mas eu não tive em nenhum momento essa preocupação ao longo de um período que eu não sei exatamente qual, a gente pode tentar identificar... É, é, a minha preocupação maior era conhecer esse lado, entender um pouco mais e experimentar. Na verdade, era experimentar, eu realmente não tinha nenhuma preocupação, eu tava disposto a qualquer tipo de coisa e isso era totalmente secundário prá mim né?". (sic)

Segundo ele, uma mistura de sorte e preferência se tornou a principal razão de, não apenas, não ter se contaminado, como também, de não ter sido vítima de alguma outra forma de violência, risco que correm, na sua opinião, todos os homens com sua orientação sexual.

(...) "Agora, como eu te disse, eu não sei precisar a partir de quando eu tive essa preocupação. Agora durante um bom tempo eu estive muito exposto à à à todo esse risco e não só o risco mas a própria violência né? Porque você não conhece as pessoas e, e... Eu vejo assim o lado gay, por você não poder namorar na rua, é é muito fácil: você conhece e vai prá um motel ou vai prá casa de alguém e... bom, já que estamos aqui você acaba tendo algum tipo de contato físico mais íntimo né? Eu acho que diferencia bastante de um casal heterossexual né? Que se permite, quer dizer a sociedade permite o contato do bate papo, o namoro... se bem que essa coisa mudou muito hoje em dia também (risos) Mas de um modo geral é permitido essa coisa né? E eu no início que eu tava, sabe? Em 87 eu tinha 23 (vinte e três) anos, com o tesão lá em cima, querendo conhecer tudo e tal, mas na verdade eu sempre tive muita sorte porque é... Não me interessava muito o sexo no sentido de de de introdução mesmo né? Eu queria era o contato físico e então eu não me expunha muito a isso porque é é é, eu me expunha menos né? Porque não quer dizer que não acontecesse, mas acontecia a relação mesmo né? Mas na maioria das vezes eram coisas assim... Porque eu sempre achei meio esquisito ter contato sexual com alguém sem a devida intimidade prá chegar a... aos finalmente. Mas não quer dizer que não

tenha acontecido uma ou outra vez, e é aí que tava exposto a qualquer tipo de sorte né? Então posso dizer que eu tive sorte, eu tive muita sorte nesse sentido. Mas não tive muitas relações, como eu te disse, nos finalmente com muitas pessoas. Foram poucas. Agora nem todas foram é é é sem precaução, muitas delas foram. No início quando eu não tinha exatamente a noção, foram muito poucas e e e posso talvez contar nos dedos as vezes que eu me expus sem a precaução devida". (sic)

Entretanto, o sujeito N associa 2 (dois) motivos que o deixam vulnerável e temeroso de se envolver com situações arriscadas.

Em primeiro lugar a repressão social, informal, da prática do homoerotismo, faria com que o contato entre os parceiros iniciasse pela relação sexual, sem chances de haver anteriormente um conhecimento maior dos envolvidos, permitindo-lhes avaliar melhor o grau de afinidade pessoal.

(...) "Mas como eu te disse, não era só experimentar o sexo pura e simplesmente. Era... era... eu conheci muita gente sabe? Eu corria atrás, eu corria atrás... (risos) Mas eu vejo hoje e eu passei uma fase muito parecida em B (cidade do Norte do país, na qual morou alguns anos), quando eu tava sozinho lá... Eu acho que eu tava procurando é é... a outra metade vamos dizer assim. Mas como eu te disse, eu acho que esse problema de você não poder namorar, você não... não é a dificuldade de você namorar... é conhecer a pessoa antes de ter um contato mais íntimo... te leva a esse tipo de coisa, quer dizer, você acaba indo prá prá cama com uma pessoa que você não tem o mínimo de intimidade, não conhece nada. E sabe? Ai você já começa de lá prá cá, do final pro início. Então invariavelmente no dia seguinte ou depois de um segundo ou terceiro contato, essa pessoa era descartada, porque não tinha a menor afinidade... sabe? Eu já conhecia ela sexualmente mas não batia, não tinha afinidade e eu não penso muito nesse processo do porque que não batia ou se eu não me permitia ou se era simplesmente porque o contato não era o esperado. Mas

também não devia ser o esperado porque não havia intimidade... fica difícil... Eu penso dessa maneira né? ". (sic)

O segundo é estar "sozinho", sem um relacionamento amoroso estável e duradouro, o que na sua visão só incrementaria uma "carência natural" própria dos homens, deixando-o particularmente, desprotegido e propenso ao abuso do álcool. Encontrando-se em tal estado, N imagina que poderia entregar-se ao que o sujeito A chamou de, "loucura do momento".

(...) "É eu tenho também um certo medo de estar sozinho. Porque eu passei um tempo sozinho em B [cidade do Norte do país]. Eu não encaro com facilidade a solidão né?... Não é uma coisa fácil. Embora eu consiga viver 3 (três) anos fora do Rio sem o menor problema, mas o fato de estar sozinho não é muito fácil pela parte sentimental né? É... principalmente nos fins de semana, em que você acorda, dorme, acorda no dia seguinte, olha pro lado e não tem ninguém. Ter alguém que você possa trocar carinho, que você possa fazer uma brincadeira, dar um beijo no rosto, seja lá o que for, é é muito gostoso, é muito gostoso. Então eu acho o seguinte : o ser humano é carente por natureza né? É o que eu penso. Você estar sozinho, só aumenta essa carência. Como eu te disse, eu passei 3 (três) anos fora e essa carência ficou muito forte. Eu tenho um certo medo de de de ficar só, pelo fato de cometer certas loucuras e de deslizes ao ponto de... assim num afã de loucura, eu não procurar uma camisinha. Esse eu acho é o meu maior medo... Eu acho que hoje essa possibilidade fica cada vez menor, mas eu acho que ainda é possível. Eu faria tudo prá que isso não acontecesse, mas eu sei que é possível. Um chopp a mais pode ser suficiente prá me tirar a concentração. Eu te digo isso porque é... eu tenho amnésias alcoólicas. Eu não lembro... eu já passei por determinados casos em que eu não me lembro de determinadas situações né?(...)". (sic)

O sujeito L, estudante universitário, 37 (trinta e sete) anos, como todos os outros entrevistados, ficou exposto ao risco de contaminação, em algum momento

de sua trajetória de vida sexual. Num deles, que se caracterizou por um forte sentimento depressivo, estabeleceu uma rígida conexão imaginária entre a AIDS e o desejo homoerótico, resultando um conjunto de perturbações somáticas.

(...) *“eu comecei a encucar muito com essa questão de... de... de ter AIDS, de estar condenado a morrer por ser homossexual, talvez... (...) Eu tinha um parceiro, um caso que demorou uns 3 (três) meses e foi muito importante prá mim. Eu era passivo em relação a ele. Só que desde que eu o conheci, em 87, por aí... 1 (um) ano atrás, eu desenvolvi... um problema... de... de diarreia, eu desenvolvi um problema de diarreia que por mais de 2 (dois) anos eu fiz um monte de exames prá saber se eu tinha algum problema, principalmente prá saber se eu tinha AIDS. Fiz vários exames anti HIV e não deu nada. E depois disso fiz outros e não deu nada... E essa diarreia eu tenho até hoje... mas eu tenho certeza que não está relacionada a AIDS, apenas é... é... é um processo de... de... dificuldade emocional que me faz ter essas diarreias né... Agora eu tô tendo prisão de ventre e diarreia, piorou tudo. Eu não posso nem controlar a alimentação em relação a isso, por que não adianta. Então a questão de ter AIDS... e como a AIDS foi um impacto, eu vivi durante 2 (dois) anos essa ansiedade de pensar que eu estava com AIDS porque nenhum resultado acusava nada, eu fiz todo o tipo de exame de endoscopia, exame via retal, que eu não me lembro o nome e... não dava nada... Exames proctológicos e não dava nada... até que um médico me disse, uma médica me disse: 'olha você não tem nada, vá viver a sua vida.' Aí parou aquilo por um tempo... mas tem retornado”. (sic)*

A auto-imagem de L é a de um homem que pratica sua sexualidade de um modo “compulsivo” e “promiscuo”, sendo essa a razão atribuída para se envolver em situações nas quais não se protege adequadamente, tanto no sentido de evitar a contaminação, quanto dos previsíveis riscos de violência ou constrangimento.

(...) *“É... eu vinha subindo no elevador, vinha pensando em falar de promiscuidade. Eu pensei: não, mas eu não sou promiscuo. Mas eu sou*

promíscuo porque... se a gente se deter bem... pensando melhor eu não me afasto nada da caracterização do promíscuo. Primeiro que eu sou compulsivo né? Então eu já saio de manhã pro trabalho atrasado..". (sic)

P. Você trabalha em que?

R. "Eu sou revisor de textos em (língua latina) eu faço... sou estudante de Letras. Mas aí eu já saio atrasado, mas isso não é suficiente prá mim, eu vou no ônibus olhando e tal... até paquerando... e quando vou prá faculdade até no ônibus e tal... a mesma coisa na rua... e se acontece de eu conseguir alguém é... como se diz... eu vou pro motel naquele mesmo dia, eu não meço é...". (sic)

P. Conseqüências.

R. "Conseqüências. E eu já tive problemas com isso. Um cara era marginal, me ameaçou, me roubou, não me bateu mas me roubou, me constrangiu e foi muito triste...(...) ". (sic)

O sujeito L, em seu depoimento, queixa-se de solidão e frustração quanto a seus contatos afetivos e sexuais, cujo mais longo não ultrapassou 3 (três) meses.

(...) "e eu... quer dizer assim, então eu freqüento sauna né? Eu às vezes eu estou deprimido aí vou prá lá prá ver se namoro alguém, se até consigo sair dali com alguém, é a minha grande esperança prá não dizer fantasia. Aí não consigo ninguém ali dentro, as pessoas dizem que eu sou até bonitinho e tudo, mas às vezes não consigo ninguém e fico super frustrado. Aí às vezes transo com 2 (duas) pessoas lá, transar é felação, é beijo na boca, essas coisas... eu já fui passivo lá prá uma pessoa, mas eu... já tinha conhecido ela antes... e se surgir a oportunidade de ser passivo ali eu não deixaria de ser, apesar de ficar sempre com cuidados morais... Na sauna, quem dá lá na sauna é assim uma pessoa fácil, foi fácil para os outros...(...) se ele tá ali é porque ele não é moralmente aceitável. Se ele fosse moralmente aceitável ele não estaria numa sauna. E a gente esquece que a gente está numa sauna também (...) Então eu transo ali às vezes com 2 (duas) pessoas, quer dizer 2 (dois) relacionamentos, às vezes um só,

às vezes eu consigo 1 (um) namoradinho, a gente passa a noite inteira ali, troca telefone e nunca mais nos vemos... Uma vez eu fiquei todo empolgado, marcamos um teatro no dia seguinte, aí... não apareceu. Eu até tenho uma caixa postal, que eu tenho porque eu tenho atividades literárias e outras coisas, então eu gosto de ter essa caixa postal e também prá eu me relacionar com alguém, me corresponder. Então eu dei prá esse cara e até hoje ele não me respondeu. Então tem muita frustração que você vive num lugar desse e fora de um lugar desse... Quando você sai com uma pessoa... se... interessa por ela e ela não está disposta a manter aquele relacionamento com você, às vezes desaparece, ou então quando é do seu convívio não responde as suas ligações... (...)". (sic)

Entretanto, parece que este quadro interno marcado pela insatisfação afetiva e sexual, associa-se a imagem de alguém que é conduzido por uma necessidade irremediável de praticar contatos sexuais anônimos, superficiais e arriscados.

Entrevistador: E nessa tua experiência de vida de relação homossexual, tu vês algum tipo de perigo?

R. "Existem muitos". (sic)

P. E quais são?

R. "Existem os vários tipos de doença né? As DST, AIDS, herpes. Problemas de violência, como eu já sofri né? Eu não sofri violência física mas fui... ". (sic)

P. Ameaçado.

R. "Sim. Fui humilhado e psicologicamente atingido entende? É uma vergonha você está num ônibus o cara perguntar prá você : 'O que que tá olhando? O que que é isso?' Eu chegar a esse tipo de humilhação. Eu tô me abrindo com você porque eu confio em você, é uma coisa que eu não falaria prá ninguém entende ? Porque eu acho que eu contribuirei para o tratamento de pessoas como eu. Então... é... ". (sic)

P. Esses são exemplos de riscos e perigos associados a tua experiência...

R. *"É, a minha forma de praticar minha sexualidade". (sic)*

P. E você acha que esses tipos de constrangimentos são decorrentes de que?

R. *"Os constrangimentos ou a minha compulsão? ". (sic)*

P. Os constrangimentos. Você acha que a causa desses constrangimentos é porque você é compulsivo e não avalia...

R. *"É, exatamente". (sic)*

P. Quer dizer, você em algum lugar, na rua, no ônibus, se você se sentir atraído por alguém você vai investir e não vai avaliar as conseqüências, se o cara...

R. *"Não, não avalio não. Eu entro na fantasia de que aquilo não vai, que eu vou ter sucesso naquela situação. Uma coisa que eu estou esquecendo de te dizer que faz parte do aspecto da compulsão e da promiscuidade é a freqüência a banheiros, que graças a Deus faz um tempão que não faço, eu passo próximo mas não me envolvo". (sic)*

P. Mas já te envolveste?

R. *"É, muito. Inclusive fui até detido nas barcas de Rio-Niterói porque estava lá com uma pessoa, aí chegou um policial que tava ali prá isso mesmo né? E me ameaçou e me levou prá segurança e eu disse que eu não reconhecia ele, que eu queria ver o documento dele e fui bem cidadão. Aí eles pegaram o meu endereço, e dei a minha identidade verdadeira. Mas eles nunca me incomodaram em casa até hoje. E eu tava bem autoritário né? Aí me levaram lá prá fora e queriam me levar prá Delegacia, iam me levar prá uma cabine ali, iam me bater, me ameaçaram jogar no balão não-sei-o-que, aí fui suavizando mais, vi que a coisa não estava ficando bem... Aí eu falei que eu era um sexôlatra, que assim como existia o..". (sic)*

P. Alcoólatra

R. *"O alcoólatra, eu era essa pessoa e tal. Ai eles conversaram um pouco comigo, disseram que eu não fizesse mais aquilo ali, porque se fizesse ia 'pegar', me deram um 'cachação' e mandaram embora e eu fui andando de costas com medo, mas fui andando devagar porque se atirassem em mim poderia caracterizar que eu não tava correndo qualquer coisa assim. Ai foi uma situação horrível, porque eu cheguei em casa não tinha com quem falar a esse respeito. Minha mãe tava acordada, eu moro com minha mãe e não tinha com quem falar... eu acho que ainda era cedo, eu liguei prá minha psicóloga, com quem eu me trato há 10 (dez) anos e falei o que tinha acontecido. Ai ela falou um pouco comigo, depois contei prá um amigo e prá mais ninguém eu contei isso, porque é uma coisa que me envergonha... que acontece com várias pessoas, mas me envergonha contar isso publicamente"* (sic)

Considera-se compreensível que alguém não consiga nutrir sentimentos positivos acerca de si mesmo, quando construiu rigidamente uma auto-imagem caracterizada pela perda quase total de sua capacidade de decisão e escolha, no campo da sexualidade. Pressionado por um auto-conceito caracterizado por uma necessidade incontrollável de sexo, combinado com um quadro de insatisfação afetiva, o sujeito F sente-se impelido a envolver-se diretamente com situações extremamente perigosas.

(...) *"Você veja uma coisa, é... eu desde criança que eu tenho atração por homens, eu até olhava através da fechadura o meu pai nu no banheiro, e depois na adolescência quando trabalhava como boy numa empresa ficava fazendo fantasias com os homens adultos, os chefes que tinha lá. Mas eu acho que alguma coisa da minha homossexualidade é aprendida. Principalmente essa coisa assim transgressora que a gente lê em romance, de transar na rua, de... de transar no mato, de encontros em bares... Eu acho que eu procurei exercitar um pouco isso. Eu nunca usei drogas, então eu passei a fazer experiências em relação a sexualidade. Experiências que eu digo é... sair pela primeira vez com*

um cara e depois ir a uma sauna, depois ir prá uma rua escura no centro da cidade e por aí indo, e... se eu não parar, como eu estou parando, eu acabo morrendo assassinado, alguma coisa assim, ou preso, execrado publicamente, expulso da família... Tem todos esses aspectos entende? É... eu sou o estereótipo do homossexual infeliz, eu não vejo muito felicidade na homossexualidade não, entende? Pelo menos como o meu ideal de felicidade, de ter um parceiro fixo, de viver muitos anos, de estabelecer um lar com ele, fiel. Porque as pessoas até estabelecem lares, mas não dentro dos parâmetros que eu desejo, por exemplo, fidelidade e entrega, entende? Então eu acho que fui desenvolvendo uma, uma, uma progressão na minha prática sexual que... que não é saudável" (sic)

Para o sujeito E, diferentemente, o nível de exposição ao perigo é maior entre os homens homoeroticamente orientados, porque são mais instáveis emocionalmente, mais livres e descomprometidos da instituição familiar. Tal "liberdade" encadeia-se em seu discurso com uma visão da masculinidade, baseada numa suposta ordem natural que dotou todos os homens de um intenso apetite sexual, avesso a restrições de qualquer tipo.

(...) "então eu, de qualquer forma eu extravaso isso, eu canalizo isso prá minha família... de educar meus sobrinhos, de dar uma educação... Mas é óbvio que se eles estivessem do meu lado e eles fossem mulher e filhos meus, eu acredito que o comprometimento, a estabilidade é muito maior. Quando estamos livres, não temos isso, a liberdade é muito grande..". (sic)

P. Se corre mais riscos?

R. *"Corre. Com certeza corre". (sic)*

P. Você se expõe mais ao perigo?

R. *"Eu acho que a família, ela te prende mais e por isso você se expõe menos. Antes de tomar um passo você pensa na família né? E o homossexual não pensa dessa forma, porque ele não tem isso forte né? Não é uma coisa dele,*

que ele criou, que ele vive. Ele não tem. Então eu acredito sim, que a pessoa está muito mais exposta a tudo". (sic)

P. Então haveria uma relação, uma preocupação com a família e uma preocupação com a sua própria vida.

R. *"Correto" (sic)*

P. Quer dizer, na medida em que você não se preocupa com a família, você não se preocuparia tanto com a sua própria vida?

R. (pausa) *"É. Pode-se dizer que sim. Não é um caso que eu aplico a mim. Mas eu concordo com essa idéia". (sic)*

P. E nesse sentido é você estava falando que talvez no mundo gay haja maior nível de competitividade, maior nível de inveja, e de exposição ao risco...

R. *"Sem dúvida, sem dúvida. O consumo é muito maior de tudo. Principalmente de corpos. E essa volúpia pelo prazer, por não serem pessoas estáveis... É porque o homem é um garanhão, né? Nós fomos educados para ser homens. E o que é o homem? O menino foi educado prá comer as menininhas, prá estar com todas as menininhas. Eu não conheço nenhum pai... Um pai educa a sua filha assim: 'filinha' Ou a mãe: 'filinha, olha se o menininho vier quiser botar o piruzinho em você, você não deixa porque é feio'. Mas eu nunca vi um pai ou uma mãe educar um filho homem e falar: 'meu filho se você tiver vontade de por seu piruzinho na menininha, você não coloca'. As mulheres são reprimidas, e guardadas e resguardadas. Os homens não, são extremamente livres. Então o problema da relação homossexual masculina, que são os relacionamentos mais rápidos que tem... Porque eu observo os relacionamentos de amigas minhas, homossexuais femininas, são relacionamentos muito mais longos, muito mais tolerantes, muito mais...submissas. E entre 2 (dois) homens não existe. Pode ser um homem totalmente afeminado, mas o lado homem dele que, que foi da educação, disse prá ele ser atrevido, ele invadir. Ele é um*

invasor, o bicho homem é um conquistador e ele não se contenta com uma coisa, ele quer muitas coisas daquele gênero. Isso faz parte da formação do homem, da nossa cultura pelo menos. Eu não conheço outras culturas que eu possa dizer, isso acontece no Japão, isso acontece... Mas na cultura latino-americana é bem assim. Tanto que uma quantidade de homossexuais se casam, tem filhos e mantém uma... um relacionamento homossexual fora de casa. E isso é comum. Tem muito isso. Entendeu? Ele não se contenta com aquilo que tem, então prá ele não trair a mulher com outra mulher, ele deixa a mulher e libera a homossexualidade dele com muitos homens, ele nunca sai com 1 (um) só, ele sai com muitos homens. Então ele cria uma vida paralela sem sentir..".(sic)

UMA SÍNTESE INTERPRETATIVA

Decididamente são as inconsistências, as ambigüidades, que marcam as tensas interrelações signitivas presentes no discurso dos entrevistados, e que acabam por levá-los a descrição de uma linha de conduta pessoal, que nada tem de linear, uniforme ou previsível.

O depoimento do sujeito A, por exemplo, ilustra como podem perfeitamente coexistir num mesmo indivíduo e em diferentes momentos de sua vida, tanto um medo infundado de adoecer e morrer vitimado por algum agente letal - medo este que supostamente o teria salvo da contaminação - quanto uma certa predileção por outras formas de perigos, como aqueles com os quais conviveu quotidianamente, durante os anos que morou na Europa.

Ou do sujeito B, que teria modificado radicalmente seu comportamento sexual "*promiscuo*", sem ter assimilado de modo adequado a idéia da prevenção em suas relações.

Ou do sujeito F, que conscientemente se arrisca à infecção pelo HIV, mesmo estando engajado em um programa cuja finalidade é difundir a importância do uso do preservativo entre homens.

É praticamente impossível tentar conferir um mínimo de ordenação aos dados da pesquisa, sem se deparar a todo momento com asserções de sentido oponível, que de alguma forma estão vinculadas a momentos específicos, fortemente valorizados e experimentados pelos sujeitos, os quais foram reconstruídos nos relatos que tivemos a oportunidade de colher.

Contudo, o fio condutor destes discursos, capaz de conectar o que num primeiro momento parece desconexo e contraditório, é um fluxo representativo intencional, que demarca significações, ressalta valores, enfatiza sentidos, organiza imagens e direciona procedimentos.

Os discursos dos sujeitos são, aqui, produções individuais. São significações encadeadas simbolicamente de um modo *sui generis*: através de uma interrelação que não se reduz a correspondências biunívocas. De sentido imperativamente definido e determinado. Por isso, são também criações simbolizadas. Representam o ponto no qual o imaginário individual entrecruza-se com o simbólico, sem o qual não teriam conseguido estabelecer-se.

Durante as entrevistas nada poderia garantir, de antemão, o processo ou os elementos dos quais se poderia extrair a contribuição para a resolução das questões da pesquisa. Somente agora, nesse instante posterior, pode-se fazê-lo ao apresentar descrições dos sistemas representativos individuais, relativamente estabilizados ao longo da socialização. Com isso, espera-se restituir uma lógica que pretende ser a do sentido, tal como transcorre no domínio do imaginário.

No entanto, há que se ressaltar a peculiaridade destas representações individuais, nesse esforço para se apreender significados e delimitar sentidos.

“ O indivíduo não é só um primeiro encadeamento de representações - ou melhor, uma primeira “representação total” - é também e principalmente, desse ponto de vista, aparecimento ininterrupto de

representações e modo único desse fluxo representativo, forma particular de representar, de existir na e pela representação, de se fixar em tal representação ou tal termo de uma representação, de passar de uma a outra, de tal tipo de termo representativo a tal outro e assim por diante". (CASTORIADIS, 1997: 61-62)

Talvez o único traço constante - nem por isso unívoco - e facilmente perceptível no conjunto das entrevistas, tenha sido o medo de morrer de AIDS, cuja referência ao longo dos depoimentos remeteu os sujeitos a uma concepção da masculinidade articulada no/pelo imaginário com a do homoerotismo.

Observou-se que as variações nos diferentes níveis de exposição individual ao perigo, configurando um estilo particular de se relacionar sexual e afetivamente, associavam-se com as características da imagem que os sujeitos construíram de si mesmos, entre as quais se destaca a idéia da masculinidade homoeroticamente orientada.

Da análise do discurso dos sujeitos, pode-se depreender uma visão do masculino definida como uma natureza biológica, constituída por impulsos sexuais quase incontroláveis, cuja manifestação pode ultrapassar em certas ocasiões, de frequência variada, alguns limites sociais ou normas morais estabelecidas e interiorizadas.

"Porque às vezes eu sinto que eu tenho um comportamento que não está dentro dos meus valores, da minha moral... Eu faço coisas que fogem um pouco dos meus valores, eu acho". (Sujeito J) (sic)

Considera-se entre os entrevistados, que a exposição direta ao perigo implicado nas relações homoeróticas, e não apenas o relacionado ao contágio do HIV, é consequência da pressão exercida por essa natureza sexual biologicamente incontida, própria dos homens. Uma natureza que tornou os homens caçadores, aventureiros, invasores, situados na fronteira entre o destemor e a inconstância.

"A minha constituição é promiscua. Se eu deixar o barco correr ao sabor das ondas do rio, eu vou trepar todos os dias com homens diferentes, de

preferência anonimamente, porque a essência do sexo é promíscua, homem é bicho, o homem trepa prá gozar, prá se livrar da pôrra, colocando da maneira bem direta". (Sujeito A) (sic)

Para eles, praticar a sexualidade homoerótica significaria ter que constantemente lidar com essa natureza impulsiva, dominadora, "invasora", meio "louca", desregrada, cuja intensidade tenderia a aumentar, porque não contaria com a função mediadora da mulher, a qual poderia compensar e diminuir este modo masculino de funcionar.

Nesta visão, ser e sentir-se homem não dependeria da predominância do desejo sexual orientado para as mulheres.

"Mas o fato de eu preferir ir prá cama com homem não quer dizer que eu não seja homem também. Porque as pessoas misturam muito o que que é homem e o que que é bicha. Se é homem então não é gay, se é gay não é homem". (Sujeito A) (sic)

O desempenho sexual entra na composição dessa imagem. Ele é medido e valorizado pela frequência das relações, variedade dos parceiros ou pela precocidade da iniciação. O sujeito A, chegou a contar os 80 (oitenta) parceiros que teve ao longo de 6 (seis) meses. Nas contas de F, num ano foram mais de 100 (cem). Para o sujeito B, era "quase todos os dias uma pessoa diferente".

O sexo pode ser praticado com desconhecidos, independente do envolvimento amoroso, fato esse que só viria a confirmar essa volúpia de origem visceral, orgânica, fisiológica, da sexualidade homoeroticamente orientada.

"Ah, claro, são 2 (dois) departamentos [sexo e amor] que não se chocam mesmo. Eu posso estar perdidamente apaixonado por uma pessoa e trepar com uma outra". (Sujeito A) (sic)

O elemento que faria a diferença em relação aos homens que preferem as mulheres, seria justamente esse componente homoerótico - a relação entre iguais - o qual potencializaria os efeitos dessa condição essencialmente masculina. Os

"gays" tenderiam a se arriscar mais, não apenas porque se unem a outros homens com a mesma "natureza" e sem a finalidade reprodutiva, mas também, pelo fato de não se comprometerem com a constituição da família, ficando assim mais livres dos padrões convencionais de realização afetiva, e desse modo permaneceriam como que à deriva.

"Não sei se é um instinto natural caçador de todos eles né? Então quando junta 2 (dois) homens, 2 (dois) caçadores, em geral né? Então por isso é que eu acho que as relações são tão assim abertas né? Porque são 2 (dois) caçadores (...)" (Sujeito C) (sic)

"Eu acho que a família, ela te prende mais e por isso você se expõe menos. Antes de tomar um passo você pensa na família né? E o homossexual não pensa dessa forma, porque ele não tem isso forte né? Não é uma coisa dele, que ele criou, que ele vive. Ele não tem. Então eu acredito sim, que a pessoa está muito mais exposta a tudo". (Sujeito E) (sic)

(...) "e eu como todo homem normal eu tenho o impulso sexual e como qualquer homem normal a minha orientação é promíscua. O homem só não fica promíscuo porque ele tem de constituir família, é um valor social que lhe é imposto. Porque se o homem não tivesse que constituir família, ele ia ser promíscuo como qualquer bicho, vaca, boi, que trepa com a filha vaca, cadela que trepa com filho cachorrinho. A única coisa que nos distingue é uma coisa chamada de valor social. O gay como não vai casar com mulher, a dificuldade dele é achar um parceiro que pense como ele, que é necessário achar um lar. Quando eles se juntam ótimo, se não se juntarem ambos vão passar pela vida errando, pingando aqui e ali, heijando tudo o que é flor". (Sujeito A) (sic)

A AIDS adquiriu uma conotação dominante no discurso dos entrevistados, ao ter-lhe sido atribuída a função de refrear, conter, limitar essa sexualidade masculina de tão difícil controle. Ao que parece, esse efeito de contenção remeteria à antiga e persistente idéia de que o risco de infecção está na frequência

indiscriminada dos contatos sexuais, embora hoje já se saiba amplamente, que para contrair o vírus basta se arriscar uma única vez. Reduzir o número de parceiros não protege adequadamente ninguém, da infecção.

(...) *“Trocar o óleo, exatamente isso. O homem sente um frio do caralho que é bárbaro. Os caras morrem de frio, precisam agasalhar de alguma forma. Agora o que mudou nisso tudo? O vírus da AIDS deu uma freada. Eu lembro no início das campanhas : reduzam o número dos parceiros. Sinceramente eu acho que não precisa reduzir o número de parceiros, porque hoje eu já sei que não importa com quantos você faça, mas o que é que você faz”.* (Sujeito A) (sic)

O medo de morrer de AIDS, ao invés de contribuir para estabilizar o uso do preservativo, fez aumentar a valorização da fidelidade entre os parceiros, incentivando a construção de expectativas de relações exclusivas e duradouras. Como se a idéia do amor romântico, baseado na exclusividade do parceiro e na manutenção de relacionamentos estáveis, conferisse-lhes a tão sonhada segurança e invulnerabilidade.

(...) *“se não fosse a AIDS eu acho que eu não teria com o M [seu namorado] hoje, não teria tido esse relacionamento tão prolongado assim”* (...) (Sujeito B) (sic)

A resistência ao uso do preservativo entre parceiros estáveis afetiva e sexualmente, passou a significar uma prova de amor, de fidelidade, de confiança e sinceridade. Introduzir o uso do preservativo pode ser interpretado como o reconhecimento de alguma infidelidade, levando os parceiros a se sentirem novamente como desconhecidos, como se retrocedessem ao momento inicial de todo relacionamento no qual predomina a desconfiança.

(...) *“Porque hoje em dia o único motivo que a gente teria prá usar a camisinha seria isso: a perda da confiança”*(...) (Sujeito B) (sic)

A AIDS passou a freqüentar o imaginário dos sujeitos como uma ameaça de morte a todos os homens que são naturalmente *“infieis”* e *“promiscuos”* -

especialmente os que preferem outros homens para se relacionar - e não apenas como uma doença da qual se pode facilmente prevenir através do simples uso de um preservativo, sem prejuízo da relação ou da satisfação sexual.

(...) *"eu comecei a encucar muito com essa questão de... de... de ter AIDS, de estar condenado a morrer por ser homossexual talvez.."*(...) (Sujeito L) (sic)

A presença da idéia da AIDS como um "freio" não indica que todos estariam pisando no respectivo pedal da mesma maneira e lidando da mesma forma com as incontinências desse modelo imaginário de masculinidade. Vimos que essa função atribuída à AIDS - de conter a partir do exterior, essa impulsividade interior masculina - pode ir do medo "hipocondríaco" e "paranóico" de repercussões paralizantes, à indiferença ao perigo, categorizada como típica de uma forma de "compulsão".

Notem-se os termos marcadamente psicologizantes utilizados nas interrelações das idéias de AIDS, homoerotismo e masculinidade.

O medo da contaminação, como se pôde constatar no discurso dos entrevistados, não acarretou a adoção de critérios racionais ou apoiados na pesquisa biomédica, acessíveis a todos os entrevistados. A "aparência", o grau de "conhecimento", o lugar do encontro, a intuição, o "faro", passaram a valer como critérios ou referências para a escolha dos parceiros e o tipo de envolvimento sexual.

Tais convicções contrastam acentuadamente com o nível de informação e intelectualização dos sujeitos.

(...) *"Sexo oral, esse negócio de sexo oral é uma coisa meio polêmica, quer dizer o que acontece é o seguinte: com parceiros que eu não conheço eu não pratico sexo oral, a não ser que o lugar esteja claro, ou que não seja no escuro que eu não possa ver, ou então se eu conheço a pessoa, se eu tenho alguma referência dessa pessoa, sabe?"*(...) (Sujeito K) (sic)

(...) “Então um dos critérios é esse: o tipo da pessoa, se ela é muito limpa... Por exemplo, se eu conheço uma pessoa e a gente sai prá fazer um sexo, convido prá ir prá minha casa e tudo mais... Se a pessoa de repente foi ao banheiro, alguma coisa, eu já fico nervoso. Porque se sou eu, eu diria: tudo bem, mas vamo tomar um banho antes ? Eu não consigo as coisas no meio da bagunça... Então essas coisas são critérios que eu analiso numa pessoa, eu avalio, como um processo seletivo de relação... Uma pessoa suada eu até tolero... agora uma pessoa cheirando mal... e que se propõe a ir com você prá cama, eu acho muito porco. Eu uso isso como seleção também. Mas e se a pessoa tiver toda limpinha, eu falo tudo bem. Tudo bem, menos a penetração sem camisinha..”. (...) (Sujeito J) (sic)

A predominância no âmbito da vida de relação dos sujeitos, de representações imaginárias dinâmicas, algumas delas incorporando elementos do preconceito social - como a noção de “*sujeira*” e “*promiscuidade*” parecem transparecer - acarretam decisões que passam ao largo de princípios elementares de segurança recomendados pelo mero bom senso, elevando os riscos de danos virtualmente letais para os envolvidos.

Nesta altura do estudo realizado, caberia insistir na busca de uma explicação para o fato de haver entre os entrevistados a relutância em usar o preservativo, e a persistência em expor-se à algum grau de risco, seja o específico da contaminação pelo HIV, seja os demais relacionados à prática homoerótica.

Quais as forças que impedem ou dificultam homens homoeroticamente orientados de se protegerem adequadamente? E por que, mesmo quando existe a prevenção do contágio pelo HIV, os estilos de vida relacional arriscados não são modificados?

Numa primeira aproximação, parece ter ficado definida a relação entre as várias formas de arriscar-se e o modelo social de masculinidade interiorizado por homens de inclinação homoerótica. Um modelo que, como se viu torna “*natural*”

a presença do risco na vida masculina, intensificando-o quando se tratam de relações sexuais e amorosas entre homens. As significações sociais instituídas que demarcam suas formas de expressão e organizam os seus atos, respondem fundamentalmente por essa tendência. Se é assim e não de outra forma, é porque determinados valores e instituições foram articulados subjetivamente e passaram a constituir, via socialização, o modo de ser de cada um.

No entanto, como se poderia esperar coerência e integração dos indivíduos se a sociedade ao gerar, estabelecer e difundir seus ideais de saúde e bem estar, fornece também valores - tais como os identificados aqui na pesquisa - que os contradizem?

As expectativas da prevenção e do sexo dito mais seguro veiculadas socialmente, chocam-se com as características de uma masculinidade modelar da qual a impetuosidade e a exposição direta ao risco, constituem alguns de seus traços mais marcantes.

Ao criar tais exigências, a sociedade estabelece ao mesmo tempo critérios que são impossíveis de serem aplicados convenientemente, gerando fenômenos de inadaptação como os analisados aqui. As auto-imagens construídas na experiência da vida de relação dos indivíduos, tornam-se inadequadas às expectativas da vida saudável, tal como ela é concebida e instituída na sociedade contemporânea.

Ao longo da socialização da psique, interiorizou-se uma visão da masculinidade, cujos padrões de comportamento extremamente superficiais foram adotados de modo quase submisso, irrefletido, criando-se as condições favoráveis para o envolvimento dos homens com situações perigosas.

Concomitantemente, constata-se na sociedade atual a inexistência de princípios organizadores de novos modelos de homoerotismo masculino, que permitam sua efetiva integração social, adquirindo o reconhecimento do legítimo

direito de existir, e de ser considerado como uma das formas que a sexualidade humana pode assumir, embora minoritária.

Preferir outros homens para se relacionar afetiva e sexualmente ainda significa ocupar um lugar no qual a instituição da sociedade comparece de modo múltiplo e variado. Ora tolerando-o, como um mal inevitável, ora com indiferença, ora agindo de modo discricionário, ameaçador e até mortal. Tanto pode haver uma fixação imaginária excludente, que ao atribuir ao homoerotismo uma série de características o tornam inferior e desprezível, quanto até uma condescendente aceitação, tácita ou não.

As probabilidades de acolhimento ou rejeição - explícita ou implícita - das práticas homoeroticamente orientadas, continuam dependendo de inúmeros fatores e circunstâncias extremamente variáveis nas diferentes sociedades contemporâneas, sem haver uma significação socialmente instituída e abrangente, que as defina e organize.

Mesmo assim, despossuídos de um princípio social organizador, não se pode negar que nos dias atuais os homens homoeroticamente orientados vem adquirindo uma visibilidade social cada vez maior (POLLAK, 1987), processo este que o surgimento da AIDS acabou por acelerar, na medida em que trouxe as práticas sexuais, homo ou heteroeroticamente inclinadas, para a discussão pública mais ampla, ultrapassando as fronteiras do debate acadêmico.

O homoerotismo masculino apesar de não contar com o apoio de um elo social regulador extremamente importante para a construção social do indivíduo - por exemplo, a família - capaz de interligar a psique à instituição da sociedade, saiu das sombras da clandestinidade, tornou-se mais um fato corriqueiro nas sociedades modernas, e ao mesmo tempo, é ainda uma prática que transgride o código penal da maioria das sociedades atuais.

Estranha essa situação, na qual convivem tanto a indefinição de um significado abrangente, definido e construtivo, quanto o caráter proibido ou desvalorizado das práticas homoeróticas.

Mas o que se quer aqui ressaltar, inspirado na pesquisa realizada, é justamente a ausência de instâncias socialmente estabelecidas capazes de criar outros princípios organizadores, que definissem claramente papéis e funções cuja efetivação superasse a atual imprecisão do homoerotismo masculino. E desse modo, contribuíssem para a integração das diferenças ao processo de organização da sociedade, como um mundo de coexistência, e não apenas como um somatório de indivíduos considerados meras peças numa engrenagem, que recusa qualquer uma que não se adeque às suas especificações.

Os discursos colhidos fazem pensar em homens, que ao se perceberem alvo do caráter excludente, inferiorizante, atribuído à sua orientação sexual pela sociedade abrangente, e desprovidos de um modelo homoerótico próprio, acabam refêns de um outro modelo - ainda vivo e presente - que ao ser interiorizado coloca-os em situação de risco. Para evitar a angústia que a consciência desse vazio normativo poderia trazer, do desamparo específico da família quanto ao homoerotismo por exemplo, só lhes resta buscar a aceitação social de suas diferenças através da internalização de um padrão masculino reconhecido como hegemônico, gerado na mesma sociedade que os hostiliza.

A composição de uma auto-imagem aparentemente organizada por significações firmes e definidas, se considerada em conjunto, não conseguiria ocultar a ambigüidade de um discurso cuja imprecisão significativa remete à desorientação, à perda de referências estáveis, à uma certa instabilidade misturada a um sentimento de insatisfação.

De acordo com Castoriadis, talvez se esteja diante de um fenômeno muito mais amplo, homólogo, de dimensões sócio-culturais que se caracterizaria como uma crise da sociedade estabelecida. Não aquela da oposição entre o capital e o

trabalho, como preconizava o marxismo. Mas uma crise na qual os valores estão se desestruturando, sem que surjam outros para substituí-los, mais adequados às aspirações dos indivíduos.

Segundo ele, a organização social moderna, quando comparada à outras de diferentes períodos históricos, apresenta elementos típicos que a distingue qualitativamente das demais.

Veja-se, em suas próprias palavras, o resumo de sua posição:

“Trata-se de um fenômeno sociológico e cultural novo, que pode ser avaliado comparando-o com o passado - e um passado que alguns dentre nós ainda conheceram. Não apenas nas sociedades tradicionais, mas mesmo na sociedade capitalista ocidental existiam ‘valores’ e ‘normas’ socialmente impostos e aceitos, isto é, interiorizados. A eles correspondiam maneiras de ser e maneiras de fazer, ‘modelos’ do que cada um podia ser e tinha que ser, conforme a posição em que seu nascimento, a fortuna de seus pais, etc. o tivessem lançado. Mesmo que eles fossem transgredidos - e certamente o eram -, tais modelos continuavam de maneira geral a ser aceitos; e quando eles eram combatidos, era para fazer prevalecer outros modelos (por exemplo, o operário submisso / o militante revolucionário). Ora, esses modelos, tal como eram, forneciam óbvias referências para o desempenho social dos indivíduos. Por exemplo, quanto à criação dos filhos, não havia nenhuma ambiguidade acerca do que uma criança podia e não podia, devia e não devia fazer. E isso demarcava precisamente a conduta dos pais na educação de seus filhos”. (...) “Nos dias de hoje, normas e valores se desagregam e entram em colapso. Os modelos propostos, quando existem, são ociosos ou ‘rasos’, como se poderia dizer. É verdade que há modelos propostos pela mídia, pela televisão, pela publicidade. Mas esses são modelos de ‘sucesso’: funcionam exteriormente, mas não podem ser verdadeiramente interiorizados, não são valorizáveis, jamais poderiam responder a questão: o que devo fazer ?” (CASTORIADIS 1997: 96)

Desta crise participa enquanto acontecimento fundamental, a falência do papel da família, que tradicionalmente fez a ponte entre a instituição da sociedade e a formação da psique individual. A família moderna, segundo o autor, deixou de ser um centro normativo, gerador de princípios decisivos para a formação e organização do indivíduo.

“ É indubitável que a organização familiar tenha sempre contido um princípio repressivo, que os indivíduos tenham sempre sido obrigados a interiorizar um conflito entre suas pulsões e as exigências da organização social dada, que cada cultura arcaica ou histórica, tenha apresentado, em sua ‘personalidade de base’, um traço ‘neurótico’ particular. Mas o que é radicalmente diferente, é que não exista mais princípio discernível na base da organização, ou melhor, da

desorganização familiar atual, nem estrutura integrada da personalidade do homem contemporâneo. Certamente, é estúpido pensar que os Florentinos, os Romanos, os Espartanos, os Mundugumor, ou os Kwakiutl eram 'sãos' e os nossos contemporâneos 'neuróticos'. Mas não é mais inteligente esquecer que o tipo de personalidade do Espartano, ou do Mundugumor, quaisquer que tenham podido ser seus componentes 'neuróticos', era funcionalmente adequado à sua sociedade, que o próprio indivíduo se sentia adaptado a ela, que poderia fazê-la funcionar de acordo com suas exigências e formar uma nova geração que fizesse o mesmo; enquanto que a ou as 'neuroses' dos homens atuais apresentam-se essencialmente, do ponto de vista sociológico, como fenômenos de inadaptação, não somente vividos subjetivamente como uma infelicidade, mas sobretudo entravando o funcionamento social dos indivíduos, impedindo-os de responder adequadamente às exigências da vida tal como ela é e reproduzindo-se como inadaptação ampliada na segunda geração. A 'neurose' do Espartano era o que lhe permitia integrar-se na sua sociedade - a 'neurose' do homem moderno é o que o impede de fazê-lo. (CASTORIADIS, 1991: 118)

Assim, os depoimentos colhidos em torno da questão central que nos ocupa, expressam muito mais do que apenas uma maneira peculiar de categorizar e organizar o mundo social e a si mesmo como indivíduo. Significam, principalmente, um modo particular de ser afetado pela instituição da sociedade tal como ela se apresenta historicamente.

Persistir identificado a um modelo de masculinidade que os coloca em perigo, como uma tentativa de integração social da diferença homoerótica, sem se dar conta disso, pode ter sido a via através da qual os entrevistados foram especificamente afetados, pela atual organização (ou será desorganização?) da sociedade.

Para escapar da exclusão e enfrentar a rejeição imaginada como uma tendência predominante na sociedade e na família, sem dispor de um modelo alternativo, os sujeitos acabam por aderir, irrefletidamente, a um outro que é percebido como o único existente e factível. Dessa maneira, no imaginário, conseguiriam atenuar o contraste provocado pela diferença homoerótica, reduzindo a sensação de isolamento e desprezo que a discriminação social ou familiar poderia acarretar.

O observado assim interpretado, põe em relevo uma segunda e fundamental questão, denominada por Castoriadis de heteronomia, processo

através do qual o sujeito é dominado por um imaginário que se autonomizou, o qual passou a definir para o sujeito, tanto o que é a realidade, quanto qual é o seu desejo. É a submissão irrefletida à lei de um outro. Ou seja, é “o estado no qual as leis, princípios, normas, valores e significações são dados de uma vez por todas, e a sociedade ou o indivíduo, segundo o caso, não tem nenhuma possibilidade de agir sobre eles” (CASTORIADIS, 1987 : 241)

Trata-se de uma determinada relação imaginária estabelecida pelo sujeito, com a instituição da sociedade, suas significações, suas normas. Nela a sociedade apresenta suas instituições - portanto, suas próprias criações - como sendo uma obra de alguma outra ‘coisa’ ou ‘alguém’ que não ela mesma. Como se já estivessem ali desde sempre e para sempre.

Seus valores, hierarquizados, são difundidos como se não tivessem sido criados por ela, mas tivessem lhe sido outorgados por outrem, ou fizessem parte de uma natureza inutável, sobre a qual os indivíduos não tivessem nenhuma responsabilidade e nada pudessem fazer para modificá-los.

Nas sociedades heterônomas, conforme CASTORIADIS (1987:41):

“ As pessoas não sabem que criam e que são livres, num certo sentido, para criar suas instituições. Elas confundem o fato de que não pode haver sociedade (nem vida humana) sem instituição e sem leis com a idéia de que deve haver uma fonte transcendente garantindo as instituições. Avançamos um pouco mais. Como deveria ser uma sociedade autônoma ? Uma sociedade autônoma deveria ser uma sociedade que está ciente de que suas instituições, suas leis são sua obra própria e seu próprio produto. Por conseguinte, ela pode questioná-las e modificá-las. Ao mesmo tempo, uma sociedade autônoma deveria reconhecer que não podemos viver sem leis”.

Considera-se relevante enfatizar que a subjetividade que se revela na análise dos depoimentos, não se reduz a um estado heteronômico atingido e acabado. É muito mais que isso, é um processo essencialmente tenso, complexo, dinâmico, um constante vir-a-ser. Processo esse, do qual eventualmente pode também fazer parte a heteronomia, consideradas as particularidades do social-histórico.

Não se trata de supor que as pulsões foram finalmente subjugadas, por força do poder das instituições, ou de considerações racionais. Que os sujeitos tenham parado de fantasiar e de sonhar. O que seria o mais completo absurdo.

As possibilidades de agir e reagir às significações instituídas da sociedade são indeterminadas. Pressupõem o fluxo constante e ininterrupto de nossas representações, afetos e desejos originados no imaginário radical. E que tanto pode gerar atitudes submissas ao que está instituído e sancionado, quanto fazer surgir o oposto da heteronomia : a autonomia, cujo sentido individual significa a capacidade de auto-regular-se, de refletir e estabelecer suas próprias regras, de repensar as significações sociais interiorizadas e decidir sobre os rumos de sua própria vida.

CONCLUSÃO

Realizadas as análises ao longo deste trabalho, concluiu-se não haver uma relação de determinação entre o significado perigoso atribuído a um fato ou situação e ações preventivas, que tenham a finalidade de evitar o risco previsto. Isto é, um fator constante está associado a efeitos variáveis.

Envolver-se com situações virtualmente letais pode assumir em diferentes indivíduos, diferentes significações, acarretando modos diversos de agir, sentir e pensar.

Constatou-se na pesquisa, que os sujeitos entrevistados mantinham-se expostos ao perigo em graus variados, não se limitando ao risco de contaminação pelo HIV, apesar de saberem e disporem dos recursos necessários para evitá-los.

Ou seja, usar ou não usar preservativo, são duas possibilidades de ação que não decorrem apenas do nível de informação dos sujeitos, e não podem ser consideradas como principal indicativo do quanto alguém é capaz de se proteger de fatos prazerosos e provavelmente letais.

Observou-se nos depoimentos do grupo pesquisado, que tanto é possível se prevenir adequadamente da AIDS, sem abrir mão de um estilo de vida arriscado, quanto manter uma linha de conduta mais segura, e não se proteger da infecção, usando o preservativo em todas as relações sexuais que envolvam algum tipo de risco de contaminação.

O medo de morrer de AIDS, embora tenha sido reconhecido pelos sujeitos como um fator que contribuiu para uma mudança de atitude, mais segura diante do HIV, ainda não foi suficiente para eliminar a tendência à exposição ao risco.

A forma individualizada de conscientização e assunção da orientação sexual homoerótica, também não se revelou entre os entrevistados como determinante para o uso do preservativo nos moldes do conceito de sexo mais seguro. O envolvimento com situações perigosas, mostrou-se relativamente independente do grau de assunção da preferência sexual. Expuseram-se ao risco tanto os sujeitos que assumem plenamente sua inclinação sexual, quanto aqueles que preferem mantê-la em segredo.

A hipótese de que é do fluxo das representações imaginárias do indivíduo que provém as diferentes formas, mais ou menos flexíveis, de valorização de aspectos do seu mundo real - inclusive as situações potencialmente letais, que foram alvo da pesquisa - mostrou-se fecunda para o entendimento das diferentes significações que o perigo assumiu entre os entrevistados.

Concluiu-se que a natureza essencialmente imaginária do processo representativo, fez com que as significações adquirissem sentidos variáveis e distintos daqueles já existentes no campo do simbólico. Não só porque as idéias tem a possibilidade de se relacionar interminavelmente com outras, mas também, por poderem substituir umas às outras através do remetimento.

No domínio do imaginário, as relações entre o significante e o significado são muito mais flexíveis do que aquelas que caracterizam o simbólico. O simbolismo exige relações mais estáveis entre os significantes e os significados.

Embora distintos, o imaginário e o simbólico apresentam-se como redes interligadas, sem que um possa prescindir da existência do outro.

Portanto, as práticas sexuais homoeroticamente inclinadas e os riscos nelas implicados, podem adquirir - como se viu - valores que escapam ao que está estabelecido socialmente no âmbito da prevenção da AIDS. O imaginário individual participa da articulação representativa em torno dos riscos de contaminação pelo HIV, conferindo a plasticidade que possibilita a singularização de seus múltiplos significados. De tal modo, que aqui e ali, é o desejo sexual modelado pela imaginação de cada um, que acaba ultrapassando as recomendações preventivas, fundamentadas no campo da pesquisa epidemiológica.

O encadeamento peculiar das representações dos sujeitos, fez emergir uma imagem de si e do mundo, que se manifestou ativamente no plano de suas relações sexuais e amorosas, direcionando a maneira específica de lidar com o risco.

A investigação realizada, permitiu identificar e descrever o modo como foi significado o HIV no contexto das experiências de vida dos entrevistados. Viu-se o quanto ainda está associado ao surgimento do desejo homoerótico, o qual ao estabilizar-se, definindo uma preferência sexual, torna-se um componente importante da auto-imagem construída por cada um.

Em certos trechos dos depoimentos, nos instantes em que a fala do entrevistado fluía mais livre e espontaneamente, foi possível visualizar algumas das tensões próprias do longo, sofrido e violento processo de socialização da psique, tal como concebido por Castoriadis.

O fluxo representativo presentificado nos discursos, permitiu a manifestação da singularidade do indivíduo homoeroticamente orientado, marcado pelas ambigüidades e incoerências, que exemplificam em cada estilo de vida, a luta pela afirmação de uma escolha sexual pouco valorizada pela

sociedade. Refletem trajetórias de intercâmbios nos quais ora se prefere evitar suas respectivas identificações, ora demonstram superação da rejeição percebida na família ou na sociedade.

Uma dinâmica na qual parece que foi preciso aprender a renunciar e a resistir, a incorporar e a expulsar, para conseguir sobreviver ao poder inevitavelmente excludente, das significações imaginárias instituídas.

Destacou-se a dimensão do papel da criação social-histórica face às instituições, ao considerar-se a preferência homoerótica como um exemplo da possibilidade humana, de priorizar escolhas sexuais diversas das expectativas socialmente dominantes.

Por outro lado, com base na visão de Castoriadis, avaliou-se nos discursos dos sujeitos, a importância do papel da instituição familiar e da função materna como centros normativos, no processo de interiorização das representações imaginárias sociais - particularmente as relativas à preferência homoerótica - e as conseqüências subjetivas do enrijecimento das conexões imaginárias entre as representações.

As imagens construídas subjetivamente, parecem exprimir o jogo tenso entre as imposições da sociedade à psique e as suas tentativas de reação e preservação de sua unidade monádica. Ilustram a conexão entre as instituições sociais e a tendência unificadora da psique.

Ao mesmo tempo, mostraram-se como um espaço privilegiado no qual avaliou-se a idéia de que interiorizar, é muito mais do que simplesmente aceitar instituições. Tornar-se um indivíduo social é também integrar à respectiva psique - de um modo nem sempre suave e harmonioso - um número indefinido de pressões externas.

Ao explicitarem sua maneira de ver a si mesmos como homens homoeroticamente orientados, a família e a sociedade abrangente, os sujeitos, através de seus depoimentos, deixaram entrever as inconsistências que marcaram,

e certamente continuam marcando, as trocas do processo de socialização da psique. Tanto as relativas aos aspectos que transgridem os modelos sociais de relacionamento sexual e afetivo, quanto aqueles que os reproduzem.

Revelou-se extremamente importante para a compreensão do fenômeno da exposição ao perigo, a questão do domínio do imaginário individual sobre a consciência do sujeito.

As auto-imagens construídas e organizadas pelas significações imaginárias sociais ao longo da interiorização, apresentaram-se fortemente associadas ao envolvimento com o perigo. Seja aquele circunscrito a um momento eventual, imprevisto, ou o deliberadamente planejado e realizado através de um estilo definido de se relacionar e viver.

Como se tentou demonstrar, os valores relativos a uma representação da sexualidade masculina, componentes da imagem de si, ficaram referidos a práticas sexuais com risco de contaminação; de um modo que assinala e ilustra o que Castoriadis chamou de "*heteronomia*". Um estado no qual a hierarquia das características do modelo de masculinidade interiorizado, tornou-se rígida, fixa, como se tivesse sido dada de uma vez para sempre e nada mais se pudesse fazer, a não ser atualizá-las.

A reflexão realizada a partir do pensamento de Castoriadis, permitiu sugerir que a dinâmica que conduz à exposição ao perigo, na qual predomina a imaginação em detrimento da reflexividade do sujeito, trata-se de um processo existente nos níveis individual e coletivo. Pertence ao campo do social-histórico.

A possibilidade de o imaginário assumir em determinados momentos o controle da consciência do sujeito, permitindo que seus desejos e pulsões se explicitem mais livremente, conjugada com a falta da família como instituição mediadora entre a sociedade e a psique, seria compatível com o que se passa hoje na sociedade moderna.

O sentimento de desorientação ou de ameaça, face a um social significado como intolerante e repressor, captados nos discursos dos entrevistados, poderiam ser vistos também como o sintoma de uma crise social mais profunda, na qual constata-se uma certa imprecisão inconsistente de valores sociais, localizada por CASTORIADIS (1987: 97) na "desarticulação da família". Não no sentido formal, conservador, mas uma desarticulação que a impede de tornar-se uma referência nítida e definida no processo de fabricação do indivíduo.

Uma referência que possa assumir e transmitir a importância de cada um concretizar seus desejos e opções com responsabilidade, conscientes de que fazem parte de uma coletividade que não sobreviverá sem normas estabelecidas, as quais podem e devem ser questionadas, para serem lucidamente seguidas ou modificadas, configurando-se como ponto de apoio, através do qual se processe o ajuste necessário e recíproco entre as instituições que visam assegurar o bem-estar da coletividade e as exigências da psique individual.

Não é isso que acontece, nem quando o imaginário domina a capacidade de reflexão e deliberação consciente do sujeito, nem quando a imaginação é reprimida em benefício dos esquemas de reprodução institucionais.

Não sendo possível, nem desejável, extinguir a fonte ininterrupta de representações que delimita o domínio do imaginário, resta aceitar a indeterminidade que lhe é inerente, assumindo os riscos implicados no viver. Mas que se tenha a possibilidade de parar e refletir, lucidamente, sobre seu conteúdo. Repensar seu valor. Considerar a abrangência de sua validade. Reorganizar constantemente esse conteúdo, sem perder de vista a idéia de que se tratam de imagens criadas pelo próprio sujeito, evitando deixar-se dominar por elas. Exceto se essa for uma escolha consciente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, P. **Sexualidades Ocidentais**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- BADINTER, E. **XY – Sobre a Identidade Masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BREMMER, J. **De Safo a Sade - Momentos na História da Sexualidade**. Campinas: Papirus, 1995.
- CANADIAN AIDS SOCIETY. **Safer Sex Guidelines: A Resource Document for Educators and Counsellors**, Ottawa: CAS, 1989.
- CAMARGO JR., K. R. de. AIDS e a AIDS das Ciências. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, 1 (1) : 35-60, jul.- out., 1994.
- CASTORIADIS, C. **Diante da Guerra**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.
- _____. **Os Destinos do Totalitarismo & Outros Escritos**. Porto Alegre: L&PM, 1985.
- _____. **As Encruzilhadas do Labirinto**. São Paulo: Paz e Terra, v. 2, 1987.
- _____. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- _____. et al. **A Criação Histórica**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1992.
- _____. **As Encruzilhadas do Labirinto**. São Paulo: Paz e Terra, v. 3, 1992.
- _____. **As Encruzilhadas do Labirinto**, vol. 1, São Paulo, Editora Paz e Terra, 1997.
- CASTILHO, E. et al. "A Epidemiologia da AIDS no Brasil: **A AIDS no Brasil** : 60-67, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1994.
- DOVER, K. J. **A Homossexualidade na Grécia Antiga**. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

- FREIRE, Costa J.A **Inocência e o Vício - Estudos sobre o Homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.
- FRY, P.; Mc RAE, E. **O que é Homossexualidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- Mc RAE, E. **A Construção da Igualdade - Identidade Sexual e Política no Brasil da Abertura**. Campinas: UNICAMP, 1990
- NICOLACI-da-Costa, A. M. Questões Metodológicas sobre a Análise do Discurso. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, 1989, v. 4, n. 1/2, p. 103-107.
- _____. A Análise do Discurso em Questão. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, 1994, v.10, n.2, p. 317-331.
- PARKER, R. (Org). **A AIDS no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- PERLONGHER, N. **O Negócio do Michê : Prostituição Viril em São Paulo**. São Paulo: USP, 1986. Dissertação de Mestrado.
- SILVA, H. **Travesti - A Invenção do Feminino**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.
- SPENCER, Colin. **Homossexualidade: Uma História**. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- SULLIVAN, Andrew : **Praticamente normal : uma discussão sobre o homossexualismo**, São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- TERTO JUNIOR, V. **No Escuriho do Cinema - Socialidade Orgiástica nas Tardes Cariocas**. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1989. Dissertação Mestrado.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AUGRAS, M. **Imaginária França Antártica**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 4 (7): 19-34, 1991.

_____. **O Ser da Compreensão - Fenomenologia da Situação de Psicodiagnóstico**. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. **Alteridade e Dominação no Brasil**. Rio de Janeiro: Nau, 1995.

_____. **Imaginaire et Altérité : Rois et héros de l'histoire de France dans les cultes populaires brésiliens**. Bull. de Liaison des Centres de Recherche sur l'Imaginaire, hors-série n. 1: 12-23, 1998.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de : **Masculino/ Feminino : tensão insolúvel - Sociedade brasileira e organização da subjetividade**

ARIÉS, P. **Sexualidades Ocidentais**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BADINTER, E. **XY - Sobre a Identidade Masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

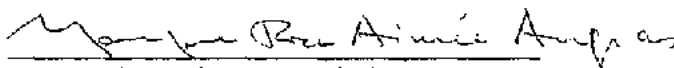
CANADIAN AIDS SOCIETY. **Safer Sex Guidelines: A Resource Document for Educators and Counsellors**, Ottawa: CAS, 1989.

CAMARGO JR., K. R. de . **AIDS e a AIDS das Ciências**. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, 1 (1) : 35-60, jul.- out., 1994.

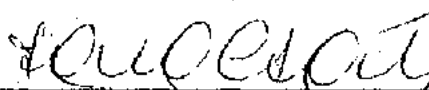
CASTORIADIS, C. **Diante da Guerra**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

- _____. **Os Destinos do Totalitarismo & Outros Escritos.** Porto Alegre: L&PM, 1985.
- _____. **As Encruzilhadas do Labirinto.** São Paulo: Paz e Terra, v. 2, 1987.
- _____. et al. **A Criação Histórica.** Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1992.
- _____. **As Encruzilhadas do Labirinto.** São Paulo: Paz e Terra, v. 3, 1992
- _____. **As Encruzilhadas do Labirinto, vol. 1,** São Paulo, Editora Paz e Terra, 1997.
- CASTILHO, E. et al. "A Epidemiologia da AIDS no Brasil: A AIDS no Brasil : 60-67, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1994.
- FREIRE COSTA, J. : **A Face e o Verso - Estudos sobre o Homoerotismo II.** São Paulo: Escuta, 1995.
- GERTZ, C. : **A Interpretação das Culturas,** Rio de Janeiro, Guanabara, 1989.
- LOYOLA, M. A. (Org.). **AIDS e Sexualidade – O Ponto de Vista das Ciências Humanas.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- MASI, Domenico de . Em Busca do Ócio In: **Revista Veja. 25 Anos, Reflexões Para o Futuro.** 40-49, 1993.
- NOLASCO, S. (Org.). **A Desconstrução do Masculino.** Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- PAES LOUREIRO, João de Jesus : **Cultura Amazônica : Uma poética do imaginário,** Belém, CEJUP, 1995.
- PARKER, R. (Org). **A Construção da Solidariedade - AIDS, Sexualidade e Política no Brasil.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- PREUSS, M. **Emprego Doméstico e Domínio Simbólico.** Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1994. Tese de Doutorado.
- REVISTA USP. **Dossiê AIDS,** São Paulo, USP, v.33. [s/d].

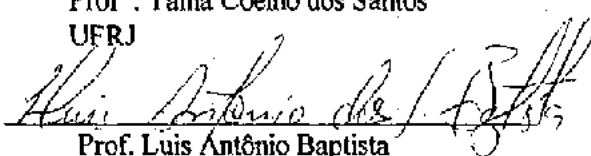
Tese apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pelo aluno André Maurício Lima Barreto, intitulada "A dimensão imaginária do risco de morte em práticas sexuais desprotegidas entre homens homoeroticamente orientados", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes Professores:



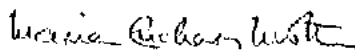
Prof.^a Monique Rose Aimée Augras
(Orientadora) PUC-Rio



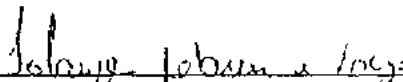
Prof.^a Tânia Coelho dos Santos
UERJ



Prof. Luis Antônio Baptista
UERJ

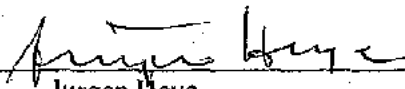


Prof. Maria Euchares Motta
PUC/Rio



Prof. Solange Jobim e Souza
PUC/Rio

Visto e permitida a impressão
Rio de Janeiro, 5/4/98



Jurgen Heye
Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas